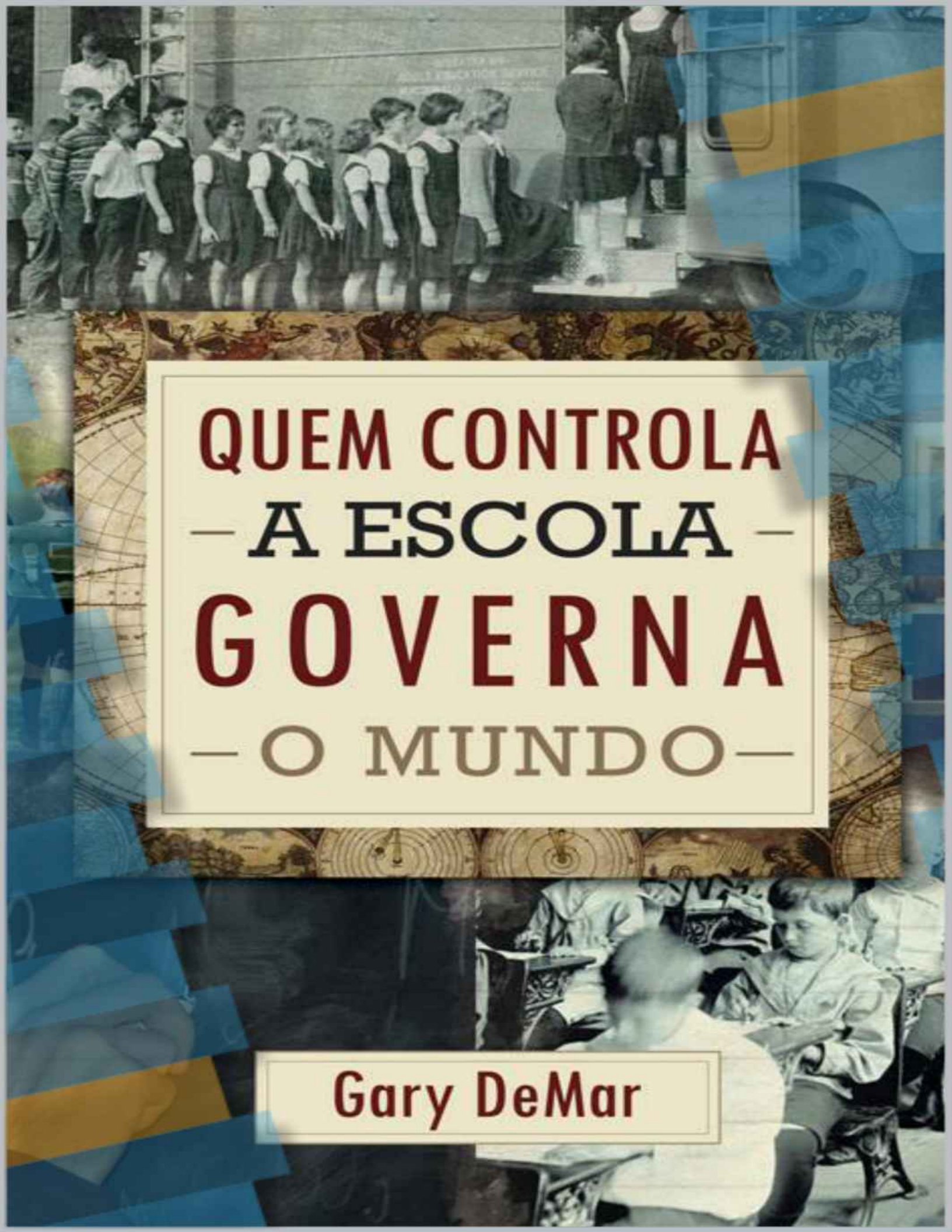


QUEM CONTROLA A ESCOLA GOVERNA O MUNDO

Gary DeMar

Quem controla as escolas governa o mundo

"Uma das ferramentas mais úteis na busca pelo poder é o sistema educacional."

Gary DeMar

Copyright © 2007 de Gary DeMar
Publicado originalmente em inglês sob o título
Whoever Controls the Schools Rules the World
pela American Vision,
Powder Springs, Geórgia, EUA.

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Monergismo
Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970
Telefone: (61) 8116-7481 —
Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2014

Tradução: Rosângela Oliveira
Revisão: Rogério Portella
Capa: Luís Henrique P. de Paula

■

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia da
versão Bíblia Almeida Século 21,
© 2008, publicada por Edições Vida Nova,
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

DeMar, Gary

Quem controla as escolas governa o

mundo/ Gary DeMar, tradução Rosângela Oliveira — Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014.

p.; 21cm.

Título original: *Whoever Controls the Schools Rules the World*

ISBN 978-85-908975-69-7

1. Educação 2. Civilização ocidental 3. Religião e ciência

CDD 230

Este livro é dedicado ao dr. Ellsworth McIntyre e aos docentes da *Grace Community Schools* de Naples (Flórida, EUA).

Sumário

Introdução

Parte I — Quem manda?

1. A história moderna do controle educacional
2. Escolas em risco
3. O bom começo tornou-se mau
4. Por qual padrão?
5. A cosmovisão bíblica abrangente
6. Por que o futuro importa?

Parte II — A armadilha do pluralismo

7. Estabelecimento da agenda
8. A jumenta de Balaão falou
9. Herdeiros morais de Epicuro
10. Em nome da tolerância
11. Meus genes me forçaram a isso

Parte III — A dispensa da mitologia educacional

12. Abandono das fábulas
13. Eles nunca disseram isso
14. A história como teatro
15. Começou com Aristóteles
A história de dois ônibus (de Gary North)

Introdução

Quem quer que reivindique a soberania[1] espera que seus súditos governem seu domínio nos termos do seu nome e de sua lei. A soberania, portanto, traz consigo a inevitabilidade do controle.[2] A besta de Apocalipse 13 reivindicou absoluta soberania quando exigiu que seus súditos operassem nos termos de sua lei e nome.

> Ela obrigou a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a colocarem um sinal na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar ou vender se não tivesse o sinal, ou seja, o nome da besta ou o número do seu nome (Ap 13.16,17).[3]

O Cordeiro, o verdadeiro soberano, espera que a soberania seja exercida em seu nome (14.1-

5). Todos os outros são usurpadores e adversários.

A negação de um soberano presume a soberania de outro. Não há exceções. Ao negar que Deus é o único, verdadeiro e independente soberano, o homem reivindica o atributo para si mesmo. Por exemplo, quando Jerusalém foi sitiada por Nabucodonosor e seu exército, alguns jovens foram levados à Babilônia "para servir no palácio do rei", ou seja, para promoverem o reino da Babilônia (Dn 1.4). Isto foi parcialmente alcançado através da educação. Não se esqueça de que a *religião* estava na base de tudo. Primeiro veio o saque à antiga religião, a introdução do novo soberano e por último a captura dos melhores e mais inteligentes para serem doutrinados nos moldes da nova religião controlada pelo Estado (1.1). A religião majoritária de uma nação determina o currículo educacional a ser controlado pelas autoridades civis. Para simbolizar a mudança de soberania, novos nomes foram dados aos jovens filhos de

Judá. Os nomes de Daniel, Hananias, Misael e Azarias refletiam a majestade e soberania do Deus de Israel. Os sufixos de seus nomes ou refletiam o nome geral de Deus (*el*) ou uma forma do seu nome pessoal (*yah*). Daniel significa "Deus é meu juiz" e Hananias, "Jeová favoreceu". Misael pode ser traduzido por "quem é como Deus?" e Azarias significa "Jeová ajudou". Em cada caso, os nomes babilônicos que os substituíram refletiam os atributos dos deuses babilônicos Marduque e Nebo. A religião babilônica permanece uma potente força na educação pública dos EUA, como esclarece o humanista John Dunphy:

> Estou convencido de que a batalha pelo futuro da humanidade deve ser travada e ganha nas salas de aula das escolas públicas por professores que percebam com correção seu papel como propagadores de uma nova fé: uma religião da humanidade que reconheça e

respeite a fagulha do que os teólogos chamam divindade em todo ser humano. Esses professores devem encarnar a mesma dedicação altruísta dos pregadores fundamentalistas mais fanáticos, pois serão ministros de outra espécie, usando a sala de aula em vez do púlpito para ensinar valores humanistas em qualquer disciplina, independentemente do nível educacional — seja na pré-escola ou em grandes universidades públicas. A sala de aula deve ser, e se tornará, a arena de conflito entre o velho e o novo — o corpo em decomposição do cristianismo, junto com todos os seus males e misérias adjacentes, e a nova fé do humanismo, resplendente na promessa do mundo onde o ideal cristão jamais alcançado de "amar ao próximo" será por fim alcançado.[4]

Os objetivos dos humanistas são claros e

diretos. Eles não escondem nada e exigem tudo. A agenda humanista tem sido implacável em seus esforços para refazer o homem e o mundo à imagem do homem autônomo. Eles não cedem nem fazem concessões. A cosmovisão humanista é abrangente. Um esforço orquestrado e planejado tem sido feito pelos pensadores humanistas para "capturar as vestes talares"[5] da sociedade mediante o esforço para alcançar o monopólio ideológico nas áreas da educação, lei, ciência e religião. Por muito tempo, os cristãos acreditaram na existência de uma arena de neutralidade e imunidade em que humanistas e cristãos poderiam discutir temas baseados no estudo "objetivo" dos fatos. Infelizmente, os humanistas jamais adotaram o mito da neutralidade, ao passo que o vendiam a nós por um alto preço. Enquanto vendiam aos cristãos os bens estragados da neutralidade, do jogo limpo, da objetividade, da tolerância e do pluralismo, os humanistas promoviam e implementavam sua cosmovisão em

todas as áreas da vida, negando o que, segundo eles, deveríamos crer. Desafortunadamente muitos cristãos ainda acreditam que a neutralidade é possível e que os humanistas buscam a objetividade na educação. Nada poderia estar mais distante da realidade. Todos os fatos são fatos interpretados, e os humanistas buscam interpretá-los sem qualquer consideração por Deus e sua Palavra.

Opiniões contrárias em relação aos fatos não são consideradas. O Estado determinou o padrão pelo qual devemos interpretar os fatos. Os humanistas compreenderam isso há muito tempo, e por isso seu interesse passou a ser capturar as vestes talares do governo civil de forma a controlar os meios para perpetuação da sua cosmovisão. A teoria social humanista transformou a educação em deus, o deus que eles agora controlam. As leis são escritas e a legislação decretada, tudo em nome da interpretação equivocada da Primeira Emenda [da *Constituição*

dos EUA], para deixar de fora todas as religiões rivais. Os impostos — o dízimo do governo civil (1Sm 8) — são pagos ao Estado para sustentar a igreja do Estado: as escolas. Rousas J. Rushdoony descreveu o processo como *o caráter messiânico da educação americana*.[6] Considere a regulamentação do Ninth Circuit Court of Appeals [Nono Circuito do Tribunal de Apelações] sobre o papel dos pais na educação dos filhos, uma vez estando estes nas mãos dos educadores do Estado:

> Os pais têm o direito de informar a seus filhos a respeito de sexo quando e como desejarem; eles não têm nenhum direito constitucional, entretanto, de impedir que uma escola pública forneça aos alunos quaisquer informações que desejar, seja de natureza sexual ou outra qualquer, quando e da maneira que a escola determinar apropriado fazê-lo. Nem Meyer nem Pierce [dois magistrados anteriores da

> Suprema Corte] apoiam o ponto de vista de que os pais têm o direito de impedir que uma escola forneça qualquer tipo de informação — sexual ou outra qualquer — a seus alunos… Talvez seja do Sexto Circuito a manifestação mais clara sobre o ponto, ao explicar: "Embora os pais tenham o direito fundamental de decidir *se* enviarão o filho à escola pública, eles não têm o direito fundamental mais amplo de apontar *como* a escola pública deve ensinar seu filho".[7]

Aí está. O Estado, por meio da ação dos tribunais, arrogou para si a condição de legislador soberano sobre a educação do seu filho. Você percebe como a Corte descreve o relacionamento entre seus filhos e as escolas que eles frequentam no uso da frase "*suas* crianças" (da escola)? Mas eles são os *seus* filhos. Você continuará permitindo que seus filhos sejam doutrinados em

um sistema educacional que não honra a Deus ou fará a escolha, enquanto ainda pode, de colocá-los em um ambiente educacional em que o Deus da Bíblia é reconhecido como o verdadeiro soberano? A decisão permanece sua.

Parte I

Quem manda?

1

A história moderna do controle educacional

Uma das ferramentas mais úteis na busca pelo poder é o sistema educacional.[8]

A importância da citação acima é evidente: quem quer que controle o sistema educacional definirá os objetivos da nação, definirá e estabelecerá seus valores morais, e por fim regerá o futuro de todas as áreas da vida. As crianças e a cosmovisão que elas abraçarem são o futuro. Pode-se aprender muito com o estudo dos registros históricos dos movimentos sociais e regimes políticos que tiveram como objetivo extinguir qualquer fagulha da cosmovisão cristã.

O Terceiro Reich

As atrocidades de Adolf Hitler são muito bem conhecidas por conta de seu caráter odioso e

da extensa documentação existente. Por causa disto, atrocidades de natureza filosófica ou decorrentes de uma cosmovisão têm pouca visibilidade quando comparadas às imagens violentas que moldaram nossa compreensão do nazismo. O nazismo destruía o corpo, a mente e a alma. Ao capturar os jovens mediante a educação, Adolf Hitler acreditava poder realizar seus sonhos do Estado nazista. Em *Mein Kampf*, Hitler reforçou "a importância de ganhar e depois treinar os jovens no serviço 'de um novo Estado nacional'".[9] Suas palavras e ações subsequentes foram o prelúdio para compreender no que o mundo teria se tornado se ele tivesse sido bem-sucedido. William L. Shirer, testemunha ocular da ascensão de Hitler e da cosmovisão nazista, oferece uma perspectiva objetiva, embora arrepiante, do que aguardava a Europa e possivelmente o mundo:

> "Quando um oponente declara: 'não

> passarei para o seu lado’”, disse Hitler no discurso em 6 de novembro de 1933, “eu calmamente respondo: ‘seu filho já nos pertence… E você? Você passará. Seus descendentes, entretanto, agora estão no novo campo. Em pouco tempo eles não conhecerão nada além da nova comunidade’”. E em 1.º de maio de 1937, ele declarou: “Este novo Reich não entregará a juventude a ninguém, mas a tomará para si mesmo e lhe dará sua própria educação e seu próprio crescimento”.[10]

O controle educacional foi tirado dos pais e das autoridades locais e “todas as pessoas na profissão de ensino, do jardim de infância às universidades, foram coagidas a se afiliarem à Liga Nacional-Socialista dos Professores que, por lei, foi responsável pela execução da coordenação ideológica e política de todos os professores de

acordo com a doutrina nacional-socialista".[11] O Estado deveria ser apoiado "sem reservas" e os professores fizeram juramento de "lealdade e obediência a Adolf Hitler".[12]

A nação berço da Reforma e que tornou a Bíblia o centro de tudo o que era certo e bom estava agora jurando aliança a um novo salvador. "Heil Hitler" tornou-se a declaração pública de que a voz de Hitler, como a de Herodes quase dois milênios antes dele, era percebida como "a voz de um deus, e não de um homem" (At 12.22).

O nazismo é uma ideologia abrangente que não conhece fronteiras ou exceções. O objetivo de Hitler era recriar o clima social, cultural, político, educacional e moral dos seus dias à imagem da cosmovisão nazista. "Na Alemanha havia a verdade nazista, a verdade política nazista, a verdade econômica nazista, a verdade social nazista, a verdade religiosa nazista, às quais todas as instituições tinham de se submeter ou seriam banidas".[13] Todas as cosmovisões contrárias

foram expurgadas do currículo educacional do Estado. Neutralidade nunca foi a opção de Hitler. De fato, a neutralidade nem sequer é possível. Não tomar partido significa aquiescer ao oponente.[14]

A destruição do cristianismo

A religião não estava livre da conspiração de Hitler. Sob a direção de Alfred Rosenberg, declarado pagão e anticristão, "o regime nazista pretendia por fim destruir o cristianismo na Alemanha".[15] Martin "Bormann, um dos homens mais próximos de Hitler, disse publicamente em 1941: 'O nacional-socialismo e o cristianismo são irreconciliáveis'".[16] Embora ouçamos muito a respeito da supressão do pensamento judeu, pouca atenção é dada ao mais formidável rival do nazismo — o cristianismo. O correspondente de guerra Shirer escreveu: "Sabemos agora o que Hitler planejava para os cristãos alemães: a completa supressão de sua

religião".[17] A agência de inteligência interna da SS, a polícia nazista, "considerava o cristianismo organizado um dos maiores obstáculos para o estabelecimento de um Estado verdadeiramente totalitário".[18]

Quando Martin Niemöller usou o púlpito para expor a política radical de Hitler e as implicações amplas da sua cosmovisão, "ele sabia que toda palavra falada era relatada pelos espiões nazistas e agentes secretos".[19] Leo Stein descreve no livro *I was in hell with Niemoeller* [*Eu estive no inferno com Niemöller*] de que maneira a Gestapo juntou provas contra Niemöller:

> Ora, a acusação contra Niemöller foi baseada por inteiro nos seus sermões, que os agentes da Gestapo estenografaram. Mas em nenhum dos sermões o pastor Niemöller exortou sua congregação a derrubar o regime nazista. Ele apenas

> levantou sua voz contra algumas das políticas nazistas, em particular aquela direcionada contra a igreja. Ele até evitou criticar o próprio governo nazista ou seus funcionários. Sob o governo anterior seus sermões teriam sido interpretados apenas como um exercício do direito de liberdade de expressão. Agora, entretanto, as leis escritas, não importando quão explícitas fossem, estavam sujeitas à interpretação dos juízes.[20]

No sermão de 27 de junho de 1937, Niemöller deixou claro para os presentes que ele tinha o dever sagrado de denunciar os males do regime nazista, não importando as consequências: "Não temos nenhuma intenção de usar nossos poderes para escapar do braço das autoridades, como os apóstolos do passado. Não estamos mais dispostos a ficar em silêncio sob o comando de homens quando Deus nos manda falar. Porque é o

caso, e assim deve permanecer, de que devemos obedecer mais a Deus que aos homens".[21] Alguns dias depois, ele foi preso. Seu crime? "Abuso do púlpito."

Shirer pinta um quadro depressivo do estado da igreja cristã em 1938. As "Cortes Especiais" estabelecidas pelos nazistas faziam acusações contra os pastores que denunciavam as políticas de Hitler. Niemöller não foi o único marcado pela Gestapo: "Outros 907 pastores e líderes leigos da 'igreja confessional' foram presos em 1937, e outras centenas nos dois anos seguintes".[22] Um grupo de igrejas confessionais na Alemanha, fundadas pelo pastor Niemöller e outros ministros protestantes, escreveu um manifesto para confrontar as mudanças políticas que estavam ocorrendo no país e que ameaçavam o povo "com um perigo mortal. O perigo mora na nova religião," dizia o manifesto. "A igreja tem, por ordem do Mestre, que garantir que Cristo receba de nosso povo a honra adequada ao Juiz do

mundo. […] O primeiro mandamento diz: 'Não terás outros deuses além de mim'. A nova religião é uma rejeição do primeiro mandamento".[23] Quinhentos pastores que leram o manifesto de seus púlpitos foram presos; "Não muitos alemães perderam o sono por causa da prisão de alguns milhares de pastores e padres".[24]

Uma descoberta recente de um relatório confidencial do governo americano, preparado pelo *Office of Strategic Services*, antecessor da CIA, para o Tribunal Militar Internacional em Nuremberg, Alemanha, documenta como os nazistas queriam "tomar as igrejas de dentro para fora, usando simpatizantes do partido". A usurpação da autoridade eclesiástica seria alcançada por meio do descrédito, da prisão ou até mesmo do assassinato dos líderes cristãos e posterior redoutrinamento dos membros das congregações para "dar-lhes uma nova fé — no Terceiro Reich da Alemanha". O objetivo final era "eliminar o cristianismo". O documento oficial de

cento e vinte páginas intitulado “The Nazi Master Plan: The Persecution of the Christian Churches” [“O plano-mestre nazista: a perseguição das igrejas cristãs”] relatava o seguinte ao Tribunal Militar em 1945:

> Importantes líderes do Partido Nacional Socialista gostariam de ter tratado desta situação [a influência da igreja] com a completa extirpação [remoção] do cristianismo e sua substituição por uma religião puramente racial. […] A melhor evidência ora disponível da existência de um plano contra a igreja encontra-se na natureza da própria perseguição. […] Diferentes passos dessa perseguição, como a campanha para a supressão das organizações denominacionais e de jovens, a campanha contra as escolas denominacionais, a campanha de difamação contra os clérigos, começaram

> no mesmo dia em toda a área do Reich […] e foram apoiados por toda a imprensa do regime, pelos encontros do partido nazista, pelos porta-vozes itinerantes do partido.[25]

As igrejas foram "confinadas tanto quanto possível às funções estritamente religiosas, e mesmo nessa esfera estrita estavam sujeitas a tantas obstruções quantas os nazistas se atreviam a impor. A implementação desse objetivo começou com a redução da instrução religiosa nas escolas primárias e secundárias, limitando-a a horários inconvenientes, com a propaganda nazista entre os professores para induzi-los a rejeitar o ensino de religião, com o veto de […] livros religiosos, e por último com a substituição da instrução denominacional cristã pela 'fé alemã' e *Weltanschauung* [cosmovisão] nazista. […] Quando a guerra teve início […] a instrução religiosa havia quase desaparecido das escolas

primárias alemãs”.[26]

Hitler sabia que para garantir o futuro ele deveria controlar o presente e remodelar a cosmovisão da nova geração com sua cosmovisão nazista. Mediante o controle das escolas e igrejas e o sequestro do processo educacional em ambas as instituições, Hitler eliminou os cinturões opostos de transmissão da resistência ideológica.

Marxismo

A cosmovisão marxista, conforme estabelecida por Lênin, tinha aspirações semelhantes. A educação deveria ser centralizada. O Estado deveria se tornar o educador, o novo pai. Enquanto no contexto cristão as escolas atuam a partir da capacidade delegada pelos pais, como *en loco parentis* (“no lugar dos pais”), sob o comunismo os papéis se invertem de tal forma que os lares e as escolas refletem e perpetuam a agenda do Estado. Da mesma maneira que os

futuros rivais nazistas, o objetivo era doutrinar a juventude com a cosmovisão oposta. A escatologia secular otimista do marxismo dava condições à limpeza ideológica do que restava da antiga visão de mundo cristã pela nova religião materialista oficial do Estado, baseada nos princípios darwinistas. Para acelerar o processo, extermínios sistemáticos estavam na ordem do dia:

> Um grande percentual da geração que conheceu Yosef Stálin morreu como resultado direto de suas diretivas. Esses foram assassinatos puramente políticos, "extermínios", "liquidação" da "classe inimiga" e de "elementos indesejáveis." Quantos foram envolvidos? As estimativas de Solzhenitsyn chegam a sessenta milhões. Robert Conquest, autor de *The Great Terror* [27] também fixou o número em milhões. Duvida-se que algum

dia saibamos o total real — só Deus sabe.[28]

Da mesma forma que Hitler, Lênin percebeu o valor de monopolizar a educação e trazê-la para o controle exclusivo do Estado. Ele acreditava que o tempo estava do seu lado. A velha ordem passaria com suas ideias ultrapassadas sobre religião, família e educação. O processo de mudança, entretanto, deveria começar com as crianças. Quanto mais cedo pudessem ser tiradas de seus pais e suas ligações com o passado quebradas, mais rapidamente aconteceria a reprogramação. No livro *Princípios do comunismo*, publicado em 1847, Engels defendeu a "educação de todas as crianças, tão logo atingissem idade suficiente para dispensar o cuidado materno, em instituições nacionais e à custa da nação".[29] Todas as facetas da sociedade deveriam se conformar à nova ideologia:

> Estamos trazendo as mulheres para a economia social, para a legislação e para o governo. […] Estamos estabelecendo cozinhas comunitárias […] creches […] instituições educacionais de todos os tipos. Em resumo, estamos cumprindo seriamente a demanda do nosso programa para a transferência da função econômica e educacional da família em si para a sociedade. […] As crianças são criadas sob condições mais favoráveis que em casa.[30]

A educação era centralizada. A "família em si" foi transferia "para a sociedade". As mães seriam encorajadas a entrar no mercado de trabalho em número cada vez maior. Isso daria ao Estado a oportunidade de cuidar das crianças em "instituições educacionais de todos os tipos".

A longa marcha através das instituições

A natureza opressora do comunismo mais antigo foi notada por Antonio Gramsci (1891-1937), um marxista comprometido com uma nova abordagem para promover mudanças culturais e sociais. A fim de capturar as nações democráticas, um novo modelo deveria ser desenvolvido. Da mesma forma que os marxistas revolucionários antes dele, Gramsci considerava o cristianismo a "força que amarrava todas as classes — camponeses, trabalhadores e príncipes, padres e papas e todos os outros, em uma cultura única, homogênea. Era especificamente a cultura cristã, na qual os homens e mulheres entendiam de modo individual que as coisas mais importantes da vida humana transcendiam as condições materiais em que viviam a vida mortal".[31]

Gramsci rompeu com a crença de Marx e Lênin de que as massas se levantariam e derrubariam a "superestrutura" dominante. Ele

teorizava que, independentemente de quão oprimidas as classes trabalhadoras pudessem ser, sua fé cristã não lhes permitiria tal vitória. O marxismo ensinava "que tudo o que tem valor na vida já estava contido na humanidade",[32] mas o secularismo descontrolado foi rejeitado pelos cristãos. De forma perspicaz, Gramsci percebeu que as pessoas não lutariam pelo que de fato não acreditassem. Gramsci estava certo? "O único Estado marxista que existia" nos dias de Gramsci "era imposto e mantido pela força e por políticas terroristas que duplicaram e até excederam as piores facetas do fascismo de Mussolini".[33] A construção do muro de Berlim foi a evidência mais visível das primeiras críticas de Gramsci ao marxismo tradicional. Muros tiveram de ser construídos para impedir que as pessoas escapassem do "paraíso do proletariado".

Conquanto ainda comprometido com o marxismo e "totalmente convencido de que a dimensão material de todas as coisas no universo,

incluindo a humanidade, era tudo que exista",[34] Gramsci acreditava que a estrada para a "utopia" tomada pelos marxistas tradicionais estava forrada de obstáculos formidáveis. Gramsci começou a recriar o marxismo abandonando os *slogans* mais desagradáveis. "Não adiantaria fazer discursos retóricos sobre 'revolução', 'ditadura do proletariado' e 'paraíso dos trabalhadores'".[35] Em vez disso, o marxismo teria de se reformular e falar sobre "consenso nacional", "unidade nacional" e "pacificação nacional". O processo democrático, em lugar da revolução, deveria ser usado para alcançar as mudanças necessárias. No início, o pluralismo seria promovido e defendido. Depois, os marxistas deveriam se unir a outros grupos oprimidos — mesmo que não compartilhassem os ideais marxistas — para criar uma coligação unificada com poder de voto. Depois de construir a coligação "eles devem entrar em todas as atividades civis, culturais e políticas de todas as nações e, como o fermento faz com o

pão, levedar todas elas com paciência e de forma completa".[36] Para modificar a cultura, Gramsci argumentava, "seria necessária uma 'longa marcha através das instituições' — as artes, o cinema, o teatro, as escolas, as faculdades, os seminários, os jornais, as revistas e o novo meio eletrônico [da época], o rádio".[37]

Seguindo o paradigma de Gramsci, a mente tinha de ser desnudada de toda noção de transcendência — "não existe nada além da matéria do universo. Não há nada na existência que transcenda o homem — seu organismo material no ambiente material".[38] A noção pagã da separação de duas esferas (espiritual/material, céu/terra)[39] que sempre perseguiu o cristianismo ortodoxo desde o século I tinha de ser reintroduzida e reforçada:

> Em termos bem práticos, ele precisava conseguir que indivíduos e grupos em todas as classes e estágios da vida

> pensassem sobre os problemas da vida sem referência ao transcendente cristão, sem referência a Deus e às leis divinas. Precisava fazer com que reagissem com antipatia e oposição positiva a qualquer introdução dos ideais cristãos ou da transcendência cristã no tratamento e solução dos problemas da vida moderna.[40]

O aqui e agora deveriam ser absolutizados e transformados no ponto de referência para tudo que pensássemos ou fizéssemos. “Tudo deve ser feito em nome da dignidade e dos direitos do homem, e em nome de sua autonomia e liberdade de qualquer restrição externa. Principalmente das reivindicações e restrições do cristianismo”.[41] Gramsci teve sucesso? Seja você mesmo o juiz:

- O que alguém faz na sua vida privada não altera sua capacidade de governar.

- Tudo é uma questão de sexo, até mesmo o adultério.
- Religião e política não se misturam.
- Você não pode impor sua moralidade aos outros.
- Você não pode legislar a respeito de moralidade.
- Religião não deve ser tratada em sala de aula; é um assunto particular.
- Existe uma separação entre a Igreja (Deus) e o Estado.

A transcendência não é mais um ponto de referência viável nas escolas públicas americanas. Toda a vida é imanente, isto é, tudo o que importa é este mundo. Os EUA são assombrados pelo fantasma de Antonio Gramsci e o espectro de sua imagem ronda as paredes de todas as escolas públicas americanas.

Os secularistas

Os exemplos acima do nazismo e do comunismo podem parecer os extremos da tirania educacional, mas em nossos dias os "iluminados"[42], como gostam de se autointitular, também têm coisas igualmente chocantes a dizer a respeito da educação. Daniel C. Dennett, sumo sacerdote do dogma evolucionista, resume o caráter confessional da cosmovisão secular[43]:

> Se você insistir em ensinar falsidades aos seus filhos — que a terra é plana,[44] que o "homem" não é um produto da evolução pela seleção natural — então você deve esperar que, lá na frente, aqueles de nós que possuem liberdade de expressão se sintam livres para descrever seus ensinamentos como o alastre de

> falsidades, e tentarmos demonstrar isso a seus filhos na primeira oportunidade. Nosso bem-estar futuro — o bem-estar de todos nós no planeta — depende da educação dos nossos descendentes".[45]

Coerção é o nome do jogo. Se Dennett tivesse conseguido as coisas a seu modo, os pais não poderiam fazer escolhas educacionais para seus filhos. Os nazistas tiveram a "Juventude Hitlerista", e este evolucionista quer ter a sua "Juventude Darwinista". A coerção educacional não é uma relíquia do passado. Atualmente, na Alemanha, os pais cristãos não têm o direito de educar seus filhos em casa.[46]

A escola pública moderna adotou a linha de abertura do livro de Carl Sagan, *Cosmos,* como pressuposto operacional para o aprendizado: "O cosmo é tudo que é, foi, e há de ser".[47] Todo fato, a experiência e a evidência científicas já coletadas devem ser filtradas por essa

indefensável e improvável tela interpretativa construída pelo homem. Tudo o que se segue na cosmovisão apresentada no *Cosmo* é medido por essa régua interpretativa e não "de acordo com Cristo" (Cl 2.8) que "fez o universo", "sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.2,3). Onde a Bíblia pressupõe Deus e sua atividade criadora (Gn 1.1; Hb 11.3), Sagan pressupõe o cosmo e nada mais.

Para Sagan, o cosmo era deus, um glorioso substituto acidental para o que ele acreditava serem crenças antigas, pré-científicas a respeito de Deus e da origem e natureza do universo. A própria ideia do Deus *pessoal* é, na cosmovisão de Sagan, apenas "um sonho humano".[48] Mesmo assim, a cosmovisão de Sagan é tão religiosa quanto a cosmovisão cristã:

> Quando exclui até mesmo a possibilidade de que uma dimensão espiritual tenha lugar no seu cosmo — nem mesmo no

> momento desconhecido e misterioso do início da vida — Sagan faz da evolução acidental a explicação para tudo. Apresentada dessa forma, a evolução realmente se parece com uma religião invertida, um bezerro de ouro conceitual, que consegue cheirar a ateísmo estéril. Não é de admirar que muitos pais sintam as emoções mais profundas e agitadas quando descobrem que isto está presente na educação de Joãozinho.[49]

Sagan adorava o cosmo eterno que ele *pressupunha* o substituto evolucionista do eterno Deus da Bíblia, que dá vida e significado a tudo. Sagan disse: "Foi o universo que nos fez… Nós somos criaturas do cosmo… Nossa obrigação de sobreviver e reproduzir se deve, não apenas a nós mesmos, mas também a este cosmo, antigo e vasto, do qual surgimos".[50] Os atributos pessoais de Deus são imputados ao cosmo

impessoal. A “sopa primordial”[51] nutria nossos antigos ancestrais no momento em que imergiram do primeiro oceano de vida. Essas memórias, de acordo com Sagan, estão eternamente impressas na nossa psique evoluída.

> O oceano chama. Alguma parte do nosso ser sabe que viemos de lá. Nós almejamos retornar. Essas aspirações não são, creio, irreverentes, embora possam perturbar quaisquer deuses porventura existentes.[52]

Sagan deixa claro que não há “deuses” no sentido comum em seu universo, apenas “acidentes”[53] que de alguma maneira se desenvolveram em entidades projetadas e significativas. Às vezes, no entanto, Sagan cogita com emoção uma reverência aparentemente benigna ao cosmo que beira à profunda dedicação religiosa ao ateísmo e aos elementos de

paganismo: “Nossos ancestrais adoravam o sol”, reflete ele, “e eles estavam longe de ser tolos. Faz sentido reverenciar o sol e as estrelas, porque somos seus filhos”.[54] Mas quem criou o cosmo? De que maneira surgiu o cosmo? Por que existem ordem e complexidade no cosmo? Sagan nunca respondeu a essas perguntas. Ele não poderia fazê-lo, já que o cosmo é tudo o que foi e há de ser.

Portanto, o cristão, o pagão e o ateu interpretam o mundo mediante o apelo a um conjunto de pressuposições essencialmente materialistas, deste mundo apenas, que não explicam entidades imateriais como a razão, a lógica, o amor, a compaixão, o bem e o mal. Todas as cosmovisões — mesmo as defensoras do ateísmo — partem de são pressupostos religiosos: “Isso significa que muitas pessoas podem se chamar com correção ateístas significando que elas não creem na existência de deuses (‘a-teísta’ significa literalmente ‘não deus’), mas eles ainda terão alguma crença religiosa se considerarem

qualquer coisa autoexistente e da qual todo o resto depende.”[55] Essas crenças “das quais todo o resto depende” são pressuposições, e todas as pessoas as têm, desde nômades e astrônomos até filósofos e professores de escola. Embora muitos professores talvez não acreditem nessa cosmovisão secular tão radical, eles estão cada vez mais obrigados a ensiná-la.

2

Escolas em risco

Não pode haver, portanto, educação verdadeira sem cultura moral, e nenhuma cultura moral verdadeira sem cristianismo. O próprio poder do professor na sala de aula é moral ou uma força degradante. Mas ele não pode mostrar à criança qualquer outra base moral para seu poder além da Bíblia. Portanto meu argumento é perfeitamente claro. O professor tem de ser cristão. Mas o Estado americano prometeu não ter qualquer caráter religioso. Então o Estado não pode ser [nosso] professor.[56]

Na maior parte, a educação é centralizada e controlada pelo governo civil na esfera estadual e nacional. As mulheres estão entrando no mercado de trabalho por diversas razões, principalmente por necessidade financeira. A estrutura de

impostos da nação é um peso para a família. O constante aumento dos impostos sobrecarrega as famílias. Os governos estaduais pressionam a favor do ano escolar mais longo e do ingresso na escola mais cedo (i.e., jardim de infância obrigatório). A estrutura educacional dos nossos dias está em crise acadêmica e moral. A publicação em abril de 1983 de *A Nation at Risk* [*Uma nação em perigo*] "expressou alarme em relação à marcante deterioração do estudo acadêmico nas escolas secundárias".

> Os currículos da escola secundária foram homogeneizados, diluídos, e se tornaram difusos a ponto de não mais contarem com um propósito central. Com efeito, temos um currículo estilo lanchonete em que aperitivos e sobremesas podem ser considerados com facilidade o prato principal.[57]

Desde a publicação de *A Nation at Risk Study* [*O estudo sobre uma nação em perigo*], a educação controlada pelo governo se tornou pior, e ainda assim a maioria dos pais cristãos está desinformada sobre a crise ou é indiferente a ela.[58] Além disso, existe uma crise moral: "Uma geração atrás, as escolas públicas americanas começaram a se distanciar do papel de educadoras morais. Temendo ser acusadas de impor a religião ou de 'doutrinar' crianças, elas se prenderam aos assuntos acadêmicos, deixando a instrução moral a cargo dos pais e da comunidade".[59] Com o tempo, a educação moral voltou sob a forma de doutrinação.

Nenhuma cura moral

Em vista de tudo isso, alguns grupos de pais frustrados, organizações conservadoras e educadores estão reivindicando uma nova abordagem da educação moral. Um distrito

escolar em Maryland escolheu ensinar 24 valores centrais da Constituição.[60] Mas por que esses valores são "centrais"? Sobre que padrão ético a Constituição está assentada? A Constituição mesma não diz, exceto: "Nós, o povo". Mas basear a moralidade no que a maioria das pessoas diz só faz a discussão dar um passo atrás. A democracia, da palavra grega *demos* (povo), não é a cura moral já que é o povo que tem necessidade de uma educação que não seja uma forma de doutrinação estatal.

John Winthrop (1588-1649), primeiro governador da colônia de Massachusetts, declarou que a democracia *direta* é "a pior e a mais egoísta de todas as formas de governo".[61] John Cotton (1584-1952), ministro do século XVII de Massachusetts, escreveu o seguinte, em 1636, a respeito dos perigos inerentes ao sistema político baseado na pura democracia: "Democracia. Não concebo a ideia de que Deus a tenha ordenado como forma adequada de governo quer para a

igreja, quer para o Estado. Se o povo puder governar, quem será governado?".[62] Antes que você pense que essas são opiniões extremadas de religiosos desmancha-prazeres, considere a opinião dos fundadores constitucionais da nossa nação. James Madison (1751-1836), reconhecido como "o pai da Constituição", escreveu que as democracias são "exibições de turbulência e competições". As democracias puras são "incompatíveis com a segurança pessoal ou os direitos de propriedade [...] Em geral [elas] foram tão curtas em vida quanto violentas em morte".[63] John Adams, o segundo presidente dos EUA, declarou que "a voz do povo é 'às vezes a voz de Maomé, de César, de Catilina, do papa, e do diabo'".[64] Francis A. Schaeffer descreveu a democracia como "a ditadura dos 51%, com nenhum controle e nada com que desafiar a maioria".[65] A lógica é simples: "Significa que se Hitler foi capaz de obter 51% dos votos dos alemães, ele tinha o direito de assassinar os

judeus".[66]

Um apelo à lei internacional

Infelizmente, não existe consenso a respeito da moralidade exceto quando a opinião de consenso trabalha para promover os objetivos do Estado. Algumas universidades estão construindo um currículo que incluirá textos não ocidentais com o efeito de diluir o impacto da Bíblia sobre nosso sistema legal. Isso significará uma mudança de valores — do sistema ético ocidental antes unificado (cristão) para o sistema ético cultural do tipo bufê (pluralista) definido pelo Estado. Os tribunais estão seguindo um padrão semelhante, mas escolhendo só as leis internacionais que já apoiam seus pontos de vista. Os juízes "fazem compras nas nações" para encontrar decisões legais que concordem com suas opiniões pré-determinadas sobre assuntos éticos. Então dizem que a lei internacional está do seu lado em

questões como o aborto e a homossexualidade. Considere estes comentários de Antonin Scalia, juiz da Suprema Corte:

> De acordo com ONU, os EUA são agora um dos 53 países a permitirem o aborto sob demanda, contra 139 países que o autorizam apenas sob circunstâncias específicas ou não o autorizam de forma alguma. Entre os países que as Nações Unidas classificaram — isto em 2001 — como parte dos que não autorizam aborto sob demanda estão Reino Unido, Finlândia, Islândia, Índia, Irlanda, Japão, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Portugal, Espanha, Suíça e quase todos os países da América do Sul. Ainda assim, a Corte ignorou a lei internacional nos casos de aborto. *Planned Parenthood v. Casey,* 505 U.S. 833 (1992) não menciona a legislação internacional; *Roe v. Wade*, 410

> U.S. 113 (1973) discute apenas a lei britânica moderna — que, de qualquer forma, é mais restritiva do que Roe sustentou. Eu me tornarei crente na ingenuidade — embora nunca na propriedade — do respeito inovador da Corte pela sabedoria das mentes estrangeiras quando ela aplicar essa sabedoria nos casos de aborto.[67]

Em 1991, o estado da Geórgia rejeitou para o científico o livro escolar *Triumph of the American Nation* [*Triunfo da nação americana*], "criticando 'sua abordagem antiquada, desatenção ao multiculturalismo, perguntas de raciocínio crítico inadequadas e fluxo narrativo enrugado'. […] O novo [livro didático] de Todd e Curti exemplifica tendências perturbadoras nas publicações atuais na área de estudos sociais. É um enorme retrocesso, um caso de 'emburrecimento' e tolice revisionista em busca

de uma audiência maior. Não há nele nada do 'Triunfo' do título, exceto o das muitas forças na cultura contemporânea que buscam transformar o currículo junto com as linhas falhas do multiculturalismo".[68]

Deve-se encontrar um padrão de certo e errado externo aos indivíduos e ao Estado — um padrão maior que o homem ou o Estado. *Vox populi, vox dei*, "A voz do povo é a voz de Deus" não é um remédio melhor que a voz do Departamento de Educação é a voz de Deus. Só o Deus trino das Escrituras pode estabelecer o certo ou o errado. Mas isso não pode funcionar na atmosfera educacional de hoje. Essa abordagem significaria "a doutrinação" dos alunos. Encaremos os fatos. As crianças são doutrinadas desde o primeiro dia em que entram na sala de aula. Todos os professores sustentam um código moral. De maneira crescente, esse código moral vem como diretiva do Estado que os professores devem incorporar ao ensino. Se um professor não

sabe dizer se algo está certo ou errado a menos que o Estado o sancione, então qualquer coisa serve e em geral é o que acontece.

Por exemplo, a educação sexual, de acordo com a concepção originária, deveria ensinar o básico sobre o funcionamento do sistema reprodutivo, como parte da instrução fundamental de biologia. Não havia nenhuma tentativa de utilizar essa instrução como um manual para a prática sexual. O ensino biológico, anatômico e fisiológico era feito no contexto moral porque a escola era vista como extensão do lar. Esse não é mais o caso. Os sistemas escolares estão começando a usar as aulas de biologia como forma de doutrinar as crianças a aceitarem os chamados estilos de vida alternativos, o que inclui a defesa da normalidade do comportamento homossexual.

Os pregadores da virtude

Tentativas bem-intencionadas foram feitas para resolver o problema. William Bennett, descrito como o maior "pregador de virtude"[69] da nação, tem reivindicado "uma nova abordagem da educação moral, uma que dê às crianças uma base […] 'naqueles valores que todos os americanos compartilham'".[70]

> Bennett, apesar de franco e provocativo, tem um senso apurado de marketing e exibicionismo. Embora defenda os valores da fé religiosa, distingue-se dos evangelistas de TV e alcança uma audiência maior mantendo sua discussão sobre virtudes acessível até mesmo aos leitores e ouvintes seculares.[71]

Mas Bennett escreve contra o desgastado cenário de uma antiga cosmovisão, onde a maioria das pessoas compreendia que havia uma ideia consensual sobre que comportamento era certo ou

errado, baseado em um sistema transcendental de valores. Ao mesmo tempo, era a crença de quase todos os pais que tinham algo a dizer sobre o que estava sendo ensinado a seus filhos. Nessa era passada, pais e professores concordavam que a escola era uma extensão do lar com um sistema de valores em comum. Se ainda existe a moralidade consensual, deve-se perguntar de onde se origina esse consenso. Bennett é o primeiro exemplo da não definição da real origem da virtude por medo de que ela seja excluída da sala de aula da escola pública por ser considerada ”religiosa” e uma violação da “separação entre igreja e Estado”.

Houve um tempo em que a ambiguidade moral era menor. O antigo currículo educacional das escolas americanas reconhecia na lei de Deus o fundamento da moralidade. Mesmo os incrédulos percebiam isto: “Conforme [Ted] Koppel observou, eles são os Dez Mandamentos, não as Dez Sugestões. Os padrões de Deus ainda se aplicam contra o assassinato, o roubo, a

mentira, o adultério, a cobiçar dos bens alheios e a homossexualidade".[72] Ralph Reed, no livro *Active Faith* [*Fé ativa*], observa:

> A ponto de vista cristão das práticas homossexuais se origina da crença em princípios morais da sexualidade humana encontrados na Bíblia. A partir de descrições no livro de Gênesis da destruição de Sodoma e Gomorra e das implicações contra o mau comportamento sexual em Levítico, até a carta de Paulo aos Romanos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a Bíblia deixa claro que o homossexualismo é um desvio da conduta sexual normativa e das leis de Deus [...] A totalidade das Escrituras é clara ao tratar o homossexualismo nos mesmos termos do adultério, incesto e outras formas de tentações sexuais que se desviam do plano de Deus para a conduta

heterossexual dentro da instituição do casamento monogâmico.[73]

Não me entenda mal. A virtude é uma coisa boa. A moralidade, mesmo não tendo um fundamento discernível, não é má de forma alguma. Ao longo do tempo, entretanto, "virtude" e "moralidade" podem chegar a não ter qualquer significado. Os homossexuais, por exemplo, querem entrar no vagão dos valores de família. Eles estão adotando crianças e buscando a legislação que torne os casamentos homossexuais legais e com definição igual à definição bíblica de casamento — um homem casado com uma mulher. Bem-vindo ao mundo dos valores de família no estilo homossexual.

A teoria educacional moderna carece de uma cosmovisão abrangente e coesa. A falta do "propósito central" está no cerne do problema. Só a escola cristã — a educação no lar, a academia particular ou administrada pela igreja — pode

preencher o espaço deixado por teorias e programas educacionais humanísticos.

3

O bom começo tornou-se mau

Desde o começo, o propósito expresso da educação colonial era preservar a sociedade do barbarismo e, tanto quanto possível, do pecado. O ensino da verdade salvadora era primariamente responsabilidade das igrejas, mas as escolas eram necessárias para proteger os meios escritos da revelação.[74]

A Reforma do século XVI enfatizava a redenção de todas as áreas da vida, com a educação como ponto focal essencial. Samuel Blumenfeld, autor de *Is Public Education Necessary?* [*A educação pública é necessária?*] e *The Victims of Dick and Jane* [*As vítimas de Dick e Jane*], escreve:

> Uma vez que a rebelião protestante contra Roma se levantou em parte como

> resultado do estudo e da interpretação da Bíblia, tornou-se óbvio para os líderes protestantes que se o movimento da Reforma deveria sobreviver e florescer, a leitura da Bíblia, em larga escala, em todos os níveis da sociedade, seria absolutamente necessária. A Bíblia deveria ser a autoridade moral e espiritual na vida de todos os homens; portanto, seu conhecimento íntimo era imperativo para que a nova ordem social protestante se enraizasse.[75]

Martinho Lutero, na Alemanha, (1483-1546) e João Calvino (1509-1564), em Genebra, Suíça, estabeleceram escolas para atender às necessidades dos que viam a Bíblia como a Palavra de Deus que se aplicava a todas as áreas da vida. O crescimento do evangelho incluía a redenção de toda a vida, não só a salvação da alma. De fato, a Academia fundada por Calvino

em 1559, em Genebra, atraiu estudantes de toda a Europa. Charles Borgeaud, um historiador da Academia, escreveu: “Calvino alcançou seu objetivo: ele assegurou o futuro de Genebra […] tornando-a de uma só vez igreja, escola e fortaleza. Ela foi o primeiro refúgio da liberdade dos tempos modernos”. Os efeitos do treinamento em Genebra foram de longo alcance: “não apenas o futuro de Genebra, mas também o de outras regiões foi afetado pela ascensão das escolas de Genebra. Os homens que liderariam o avanço da Igreja Reformada em muitas terras foram treinados nas salas de aula em Genebra, pregaram as doutrinas de Genebra, e cantaram os salmos nas melodias de Genebra”.[76]

A nova educação mundial

Nos EUA, uma das primeiras ações executadas no então Novo Mundo foi o estabelecimento de escolas. O sistema puritano era

uma cópia de Genebra.[77] O propósito das escolas coloniais era promover o evangelho de Cristo em todas as disciplinas.

> Independentemente da vocação para a qual o aluno estava se preparando, a faculdade colonial buscava lhe fornecer uma educação distintamente cristã. Em Harvard, o objetivo originário da mais alta aprendizagem era "conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna (Jo 17.3), e, portanto, colocar Cristo na base como único fundamento para qualquer conhecimento e aprendizado verdadeiro". Yale, no início do século XVIII, declarou como objetivo principal: "todo aluno deverá considerar a finalidade primordial do estudo conhecer a Deus em Jesus Cristo e como consequência viver de maneira santa e sóbria".[78]

O mesmo tema ecoaria cem anos depois na fundação do King's College em Nova York, o antecessor da Universidade de Columbia. Um anúncio apareceu no *New York Mercury* em 3 de junho de 1754, divulgando a abertura do King's College. O anúncio foi colocado por Samuel Johnson (1696-1772), um graduado de Yale. Semelhantemente às diretrizes definidas por Harvard e Yale, o King's College exigia o conhecimento de latim e grego. Embora a faculdade fosse afiliada à Igreja Anglicana, o anúncio garantia aos alunos que "não há nenhuma intenção de impor aos alunos as doutrinas peculiares de qualquer setor do cristianismo, mas sim inculcar nas jovens mentes os grandes princípios do cristianismo e a moralidade sobre a qual os verdadeiros cristãos de cada denominação geralmente concordam".[79] O anúncio ainda declarava:

O principal objetivo a ser alcançado nesta

> faculdade é ensinar e engajar as crianças a conhecerem a Deus em Jesus Cristo, amá-lo e servi-lo em sobriedade, santidade e retidão de vida, com o coração perfeito e a mente disposta, e treiná-las em todos os hábitos virtuosos e conhecimentos úteis que possam lhes dar credibilidade perante suas famílias e amigos, tornando-os ornamentos para seu país, e úteis para o bem público nas suas gerações.[80]

O brasão original do King's College foi adotado em 1755. O compromisso da faculdade com a cosmovisão bíblica era evidente nas figuras e inscrições do brasão. Sobre a cabeça de uma mulher sentada está o tetragrama (hebraico), YHVH (Jeová); o moto em latim ao redor da cabeça significa "Na tua luz vemos a luz" (Sl 36.9); a frase em hebraico na fita é *Uri El* ("Deus é a minha luz"), uma alusão a Salmos 27.1; e aos pés da mulher está a passagem do

Novo Testamento ordenando os cristãos a desejarem o genuíno leite da Palavra de Deus (1Pe 2.1,2).[81] Há muito tempo Columbia adotou um novo selo. A única linha remanescente do brasão original é a frase em latim "Na tua luz vemos a luz", sem qualquer referência à fonte bíblica.[82]

O sistema educacional puritano treinava líderes eclesiásticos e civis. A ênfase, entretanto, era preparar homens intelectualmente para que as gerações futuras não fossem deixadas com "um ministro analfabeto", já que o púlpito era o meio pelo qual as colônias recebiam informação e instrução. O treinamento recebido nas escolas coloniais mais antigas afetava a colônia inteira. O ministro se tornava o líder espiritual bem como o repórter da cidade, a autoridade política, e alguém que discernia os tempos.

> Diferentemente dos meios de comunicação de massa modernos, nos

> contextos da Nova Inglaterra, apenas os sermões aconteciam com regularidade (no mínimo semanalmente) como meio de comunicação pública. Como canal de informação, combinava as funções religiosas, educacionais e jornalísticas, e supria todos os termos necessários para compreender a existência neste mundo e no vindouro. Como único acontecimento em assembleia pública que regularmente juntava toda a comunidade, também representava o ritual central de ordem e controle sociais.[83]

Muitos desses pregadores se tornaram instrutores nas faculdades antigas: “Embora cada uma das três faculdades mais antigas, Harvard, William & Mary e Yale, fosse sancionada pela igreja estabelecida na colônia, elas também mantinham um relacionamento direto com o Estado e funcionavam como centros para o

treinamento de líderes civis e religiosos da região".[84] Por exemplo, James Madison, considerado o arquiteto e "pai da Constituição", estudou com o rev. John Witherspoon na Faculdade de Nova Jersey, uma faculdade presbiteriana conhecida na atualidade como Princeton. Em Princeton, até quem não entrava para o ministério do evangelho deveria conhecer "a Bíblia de capa a capa". O currículo de Harvard, por exemplo, enfatizava o estudo das línguas bíblicas, lógica, teologia e habilidades em comunicação (oratória e retórica). As igrejas esperavam que seus ministros lessem as Escrituras nos idiomas originais.

Uma vez que o governo civil era uma grande preocupação nas colônias, cursos de ética, política e história também eram necessários. Muitos dos autores da constituição do século XVIII eram versados nas doutrinas bíblicas básicas. Esses conceitos bíblicos foram introduzidos no sistema político americano (e.g., poder político

descentralizado, sistema de freios e contrapesos, uma forma republicana de governo, rejeição da democracia absoluta, separação jurisdicional entre Igreja e Estado, a proteção da propriedade privada, o padrão ouro, a guarda do Dia do Senhor, a proteção do culto cristão etc.) Esses princípios são mais evidentes nas constituições estaduais e nos *Artigos da Confederação*.

Cursos de Direito e Medicina também eram oferecidos com instruções em astronomia, física, botânica, ciência e matemática. Kirk House escreve que Cotton Mather, nascido em 1663, graduou-se em "Harvard aos dezoito anos e juntou-se ao pai no pastorado em Boston […]. Considerado por muitos o homem mais brilhante da Nova Inglaterra, escreveu quatrocentos e cinquenta livros e foi membro da Royal Society". Além dos estudos teológicos, Mather foi um cientista que "introduziu com sucesso a vacina contra varíola na epidemia de 1721, e acabou tendo a casa bombardeada por isso".[85] Não é

difícil entender como as pessoas se opunham às vacinas, tanto por razões religiosas quanto científicas, já que pessoas saudáveis eram deliberadamente expostas a uma doença letal que havia matado seis pessoas.

Mudança de paradigma

As igrejas esperavam que seus ministros "fossem bastante instruídos e, uma vez que os clássicos antigos eram valorizados como fontes eternas de sabedoria e verdade; era importante contar com um conhecimento sofisticado de latim, grego e de literatura".[86] Um importante historiador da educação americana, Samuel Eliot Morrison, mostrou que havia três elementos no currículo de Harvard. Primeiro, havia as sete artes liberais da universidade medieval, bem como o estudo das "três filosofias", direito, medicina e teologia. Segundo, o aluno estudava a literatura do mundo clássico do pensamento greco-romano. Por

último, o aluno deveria aprender as três "línguas cultas", latim, grego e hebraico. Morrison informa ainda que "os dois últimos elementos entraram nos currículos universitários na Renascença".[87] Isso lhes permitia ler a Bíblia nos idiomas originais, enquanto o latim também tornava as obras clássicas disponíveis ao estudo.

Se seguirmos as modernas histórias da educação no tempo que antecede e sucede à Reforma, a ciência deu lugar ao progresso. A principal linha de argumento é que o estudo da ciência era antitético ao estudo da Bíblia. Obviamente, isso é contrário aos fatos históricos. A maioria dos melhores cientistas da geração eram cristãos devotos, e os não adeptos de alguma religião em particular ainda atuavam no contexto de uma cosmovisão cristã em que o mundo fazia sentido porque se acreditava ter sido criado por Deus.[88] O mundo era racional por causa da racionalidade de Deus.

Nas culturas que alcançaram progresso em

matemática, ciências, medicina, teoria política e direito as pessoas presumiam que o mundo não era uma ilusão, que a verdade importava, e que o homem era um ser racional criado por um Deus racional, mesmo quando, às vezes, o homem se comportava de maneira irracional e acreditava em coisas irracionais. As culturas que acreditavam que espíritos habitavam em árvores, rochas e animais fizeram pouco progresso cultural e científico porque nunca sabiam o que os espíritos poderiam fazer. Não havia a garantia de que o que as pessoas faziam num dia poderia se repetir no outro. Eles ficavam à mercê do que acreditavam serem forças impessoais controladas por deuses caprichosos que estavam sempre mudando as regras.

> As religiões pagãs são tipicamente animistas ou panteístas, e tratam o mundo natural como a morada do divino ou como emanação da própria essência de Deus. A

> forma mais conhecida de animismo sustenta que os espíritos ou deuses residem na natureza. Nas palavras de Harvey Cox, um teólogo batista, o homem pagão "vive na floresta encantada". Vales e bosques, rochas e riachos estão vivos com espíritos, duendes, demônios. A natureza está repleta de deuses do sol, deusas dos rios e divindades astrais.[89]

Esses falsos pressupostos operacionais significavam que o mundo não podia ser estudado de forma confiável e sistemática: "Se a natureza exige adoração religiosa, dissecá-la seria considerado pecado. Se o mundo está cheio de seres e poderes divinos, a única resposta adequada é fazer súplicas a eles ou se afastar deles".[90] Como resultado, o progresso tecnológico, médico, científico e moral estacionaram em culturas em que as pessoas não podiam chegar a um acordo a respeito dos pressupostos operacionais básicos

sobre como e por que as coisas funcionavam do jeito que funcionavam. Os pressupostos bíblicos sobre o funcionamento do mundo mudaram a maneira como o cosmo era estudado.

4

Por qual padrão?

Quem controla o ensino aos jovens, e o que eles experimentam — veem, ouvem, pensam e creem — determinará o futuro da nação.[91]

Arquimedes (287-212 a.C.), o matemático e físico grego que exclamou "*Eureka!*" ["Encontrei!"] enquanto corria nu da banheira ao descobrir o princípio do deslocamento (Princípio de Arquimedes), certa vez se vangloriou de que tendo a alavanca adequada, e colocando-se no local correto, poderia "mover a Terra". Mas, para alcançar esse feito, onde Arquimedes se posicionaria? Com certeza não sobre a Terra. Arquimedes precisava de um lugar onde posicionar-se *fora* da Terra, um lugar *diferente* da Terra que ele queria mover. É claro que sua alavanca precisaria de um ponto de apoio, que

também teria que apoiar-se sobre alguma coisa.

Atlas, da mitologia grega (filho de um Titã e irmão de Prometeu), tinha um problema semelhante. Atlas havia sido condenado por Zeus a ficar eternamente do lado ocidental da Terra para sustentar o céu. Na arte, entretanto, Atlas é representado como se estivesse carregando o mundo. Mas, o que Atlas usa como apoio para a Terra? Sobre o que ele está de pé?

Lance Morrow, escrevendo para a revista *Time*, pergunta: "Quais são agora as principais virtudes americanas?".[92] William Bennett leva uma punhalada ao listar e apoiar o que acredita serem as virtudes que todas as pessoas deveriam imitar.[93] Embora *O livro das virtudes* seja útil, como vimos no capítulo anterior, falta um ponto de referência ético confiável e fixo. A seguinte história exemplifica o dilema do homem moderno.

> Certo trabalhador de fábrica tinha a responsabilidade de tocar o apito todos os

dias precisamente ao meio-dia. Para ter certeza da hora certa, ajustou seu relógio pelo relógio da parede de uma joalheria local. Depois de fazer isto por algum tempo, ocorreu-lhe que o dono da joalheria precisava ter um padrão pelo qual ajustava o relógio. Assim, certo dia, quando estava na loja, perguntou ao dono: "Senhor, como sabe a hora para ajustar seu relógio?". O joalheiro respondeu: "Bem, sabe, do outro lado da cidade há uma fábrica e todos os dias, precisamente ao meio-dia, eles tocam o apito…".[94]

Os cristãos são tentados com frequência a apelar para uma autoridade não diferente de si mesmos. Se a escola cristã precisa lutar e sobreviver, um apelo deve ser feito a uma autoridade fora do homem.

Todo argumento inevitavelmente nos leva de volta a um único ponto de referência a partir do

qual o argumentador apela à autoridade para apoiar sua cosmovisão. Esse ponto de referência, por exemplo, poderia ser a opinião profissional de outros. Obviamente, esses profissionais não são autoridades máximas. Eles também apelam para algum padrão decisivo: "Só porque a maioria das autoridades de certo campo clama em uníssono saber a verdade, isso não é necessariamente verdade".[95] É sobre o padrão final — o padrão sobre o qual nenhum apelo maior é feito — que todas as cosmovisões se apoiam.

> No centro de cada cosmovisão está o que poderia se chamar a "proposição referencial" da cosmovisão, a proposição considerada *a* verdade fundamental sobre a realidade e que serve como critério para determinar se outras proposições podem ou não ser elegíveis à crença.[96]

A ideia do referencial para estabelecer

autenticidade, qualidade, certo e errado, e justiça é antiga: "Na época da corrida do ouro os homens usavam uma referência, uma requintada pedra sedimentar escura, como o jaspe, para determinar a qualidade do ouro descoberto. Hoje o contador Geiger é usado para localizar urânio e outros metais preciosos. No beisebol, o árbitro toma as decisões da competição entre o arremessador e o rebatedor. No tribunal, o juiz decide sobre questões legais. Nas respectivas áreas, o referencial, o contador Geiger, o árbitro e o juiz falam com autoridade".[97]

O desenvolvimento da filosofia educacional sempre se baseará em algum padrão final de autoridade. Para a escola cristã esse padrão deve ser a Bíblia. Não a Bíblia *mais* alguma coisa. Isto não significa que os professores e alunos cristãos sejam indiferentes ao conhecimento fora da revelação especial, pois sabemos que "os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19.1). Isto

não significa que todo o conhecimento deve ser filtrado pelo formato da revelação bíblica.

Sabemos que a ordem criada, como o próprio homem, está distorcida. A criação agora apresenta "espinhos e ervas daninhas" (Gn 3.18). A revelação especial de Deus é "perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos simples" (Sl 19.7). Enquanto "seca-se a erva, e cai a sua flor […] a palavra de nosso Deus permanece para sempre" (Is 40.8).

Pelo menos quatro pressuposições competirão entre si para influenciar como referenciais a estrutura de autoridade da escola cristã: o racionalismo, o empirismo, o misticismo e o evidencialismo.[98] Embora os cristãos não possam nem devam negar a realidade e utilidade da razão, da experiência, dos sentimentos e das evidências, todos os cristãos devem subordinar essas autoridades que competem entre si à autoridade final da Bíblia.

5

A cosmovisão bíblica abrangente

Quando nosso Senhor Jesus apareceu, tomou posse de todo o mundo; e seu reino se estendeu de um extremo a outro, em especial com a proclamação do Evangelho [...] Deus consagrou toda a terra por meio do sangue precioso do seu Filho, a fim de que possamos habitá-la e viver sob seu reinado.[99]

Muitos cristãos ainda estão presos à convicção de que a Bíblia fala a respeito de uma fatia bem estreita da vida. Obviamente, todos os cristãos acreditam que a Bíblia contém algumas coisas bem específicas a respeito da oração, da adoração e do evangelismo. Mas muitos cristãos não estão convencidos de que a Bíblia tenha algo bem definido a dizer sobre governo civil, sistema jurídico, economia, endividamento, punição de criminosos, relações internacionais, assistência

aos pobres, jornalismo, ciência, medicina, negócios, educação, impostos, inflação, propriedade, terrorismo, guerra, negociações de paz, defesa militar, questões éticas como aborto e homossexualismo, preocupações ambientais, heranças, investimentos, segurança das construções, serviços bancários, disciplina dos filhos, poluição, casamento, contratos e muitos outros temas de cosmovisão, incluindo-se a educação para ensinar essas coisas a partir da perspectiva bíblica.

Pensando os pensamentos de Deus

Todos os cristãos devem remover seus tapa-olhos e abrir o escopo do seu ministério para incluir o mundo. Isso significa o desenvolvimento e a implementação de uma cosmovisão bíblica abrangente. Ou seja: cosmovisão é a maneira pela qual eu e você observamos as coisas. Como chegamos até aqui? Como o mundo surgiu? Como

funciona? Quem ou o que o governa? Que leis nos governam e regem o mundo? Que papel temos no governo do mundo, se é que temos? O que Deus pensa do mundo? Como ele quer que funcione? Quem ele colocou a cargo do mundo? Quais são os planos dele para o mundo? Em resumo, a cosmovisão cristã deveria ser a mesma de Deus, a criatura pensando os pensamentos do Criador.[100] Será que a visão de Deus sobre o mundo é abrangente? Ele se preocupa com os mínimos detalhes da criação? Terá ele dado a vida pelo "mundo"? É ele o Senhor de "todas as coisas"? A todas essas questões responderíamos: "Sim!". Então, por que os cristãos deveriam ter uma visão de mundo inferior à de Deus? Por que os humanistas deveriam ter uma visão de mundo superior à dos cristãos?

> Uma das exigências básicas do discipulado cristão, de seguir Jesus Cristo, significa mudar a maneira de pensar,

“levando cativo todo pensamento para que obedeça a Cristo” (2Co 10.5). “E não vos amoldeis ao esquema deste mundo, mas sede transformados pela renovação da vossa mente” (Rm 12.2). Em outras palavras, somos ordenados a ter uma cosmovisão bíblica. Todo o nosso pensamento, nossa perspectiva de vida, nossa compreensão do mundo ao redor deve se basear, de forma ampla, nas Escrituras.

Deus enviou condenação sobre Israel porque “os caminhos da nação não eram os caminhos de Deus e os seus pensamentos não eram os pensamentos de Deus” (Is 55.8). Israel não mantinha a cosmovisão bíblica. Quando começamos a pensar sobre a lei, ou sobre a ética biomédica, ou sobre arte, negócios, amor, história, riqueza, ou qualquer outra coisa

> sem considerar a revelação divina, nós também nos tornamos vulneráveis à condenação. A cosmovisão bíblica não é opcional. É obrigatória.[101]

De que forma o cristão começa a desenvolver a cosmovisão bíblica? Claro, o primeiro lugar para começar é na Bíblia. A Bíblia é o projeto arquitetônico da vida. Da mesma maneira que o construtor consulta seu projeto para erigir uma casa, o cristão consulta a Bíblia para construir a civilização que inclua todas as áreas da vida.

Devido às distorções do pecado, necessitamos de um padrão confiável para avaliar todos os ângulos da vida. Não podemos confiar em nós mesmos, na opinião de especialistas, nos desejos da maioria ou "nas leis naturais" como padrão. A Bíblia é nossa lente de correção para todos os aspectos da vida. Simplesmente não se pode confiar no homem. João Calvino o disse

bem:

> Com efeito, se é apresentado a eles um belíssimo volume — assim como os velhos ou os que têm os olhos enfermos e qualquer um que tenha a vista enevoada dificilmente poderão reunir duas palavras, por mais que reconheçam que haja algo escrito ali, mas começam a ler com clareza com a ajuda de uma lente — assim também a Escritura, recolhendo em nossa mente um conhecimento de Deus de outro modo confuso, desfazendo a fumaça, apresenta-nos claramente o verdadeiro Deus.[102]

A falta da ampla cosmovisão bíblica deixou os cristãos vulneráveis aos ataques dos humanistas que desenvolveram uma cosmovisão secular abrangente. Os incrédulos não têm problemas para secularizar o direito, a economia,

a ética, o jornalismo, a educação, a política, as relações internacionais e as questões ambientais. O triste é que muitos cristãos creem que a constante secularização das áreas da vida é inevitável e que os cristãos não deveriam se envolver na "cristianização" dessas áreas. Portanto, temos testemunhado o constante declínio da família, política, educação e do direito, apenas para mencionar algumas áreas.

Falsa espiritualidade

A incapacidade para desenvolver a cosmovisão abrangente se relaciona com frequência à falsa visão da espiritualidade. Ser "espiritual" significa ser governado pelo Espírito Santo. Para muitas pessoas, a espiritualidade significa a preocupação com a realidade não física. Portanto, ser espiritual implica o não envolvimento com as coisas materiais deste mundo.

> O conceito antibíblico de "espiritualidade" é o de que o homem verdadeiramente "espiritual" é uma pessoa do tipo "não física", que não se envolve em coisas "terrenas", que não trabalha muito nem pensa demais, e que passa a maior parte do tempo meditando sobre como preferiria estar no céu. Entretanto, enquanto ele estiver na terra, tem um dever maior na vida: ser pisado por causa de Jesus. O homem "espiritual", nessa visão, é um fraco. Um perdedor. Mas pelo menos é um *bom* perdedor.[103]

O diabo e seus demônios são espirituais (não físicos) e maus: "Vi saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três *espíritos impuros*, semelhantes a rãs. Esses *espíritos são de demônios* que operam sinais: eles vão ao encontro dos reis de todo o

mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso" (Ap 16.13,14). Existem "espíritos enganadores" (1Tm 4.1), "espíritos imundos" (Ap 18.2) e "espíritos do erro" (1Jo 4.6). Existem até mesmo "exércitos espirituais da maldade" (Ef 6.12).

No entanto, Jesus tem um corpo e ele é bom: "Porque Davi, depois de servir a sua própria geração pela vontade de Deus, adormeceu e foi posto junto a seus pais e sofreu deterioração. *Mas aquele a quem Deus ressuscitou não sofreu nenhuma deterioração*" (At 13.36,37). Jesus ressuscitou com o corpo dele. Ele é "o Santo e Justo" (At 3.14). A espiritualidade está diretamente relacionada à justiça. A razão pela qual o corpo de Jesus não sofreu decomposição foi porque ele não conheceu pecado.

Existem o "Espírito Santo" (cf. At 13.2), o "espírito de verdade" (1Jo 4.6), as "coisas espirituais" (1Co 9.11), o "alimento espiritual" (1Co 10.3), um "corpo espiritual" (1Co 15.44),

“sacrifícios espirituais” (1Pe 2.5), “sabedoria e entendimento espiritual” (Cl 1.9) e “espíritos ministradores, enviados para servir em favor dos que herdarão a salvação” (Hb 1.14).

Ser “espiritual” é exibir os “fruto do Espírito” (Gl 5.22). Foi nos dito para “andar no Espírito” (Gl 5.16). Mas como um cristão pode saber se está andando “no Espírito?”.

Ser espiritual é ser guiado e motivado pelo Espírito Santo. Significa obedecer aos seus mandamentos conforme o registro nas Escrituras. O homem espiritual não é alguém que flutua no ar e ouve vozes sobrenaturais. O homem espiritual é o que faz o que a Bíblia diz (Rm 8.4-8). Isso significa, portanto, que *devemos* estar envolvidos na vida. Deus quer que apliquemos os padrões cristãos em todos

> os lugares, de todas as maneiras. Espiritualidade não significa que temos que nos retirar da vida; significa *domínio*. Eis a confissão de fé cristã básica: *Jesus* é o Senhor (Rm 10.9,10) — Senhor de todas as coisas, no céu e na terra.[104]

Os mandamentos de Deus são as regras pelas quais medimos a espiritualidade. Foi-nos dito que a "lei é espiritual" (Rm 7.14). Observe-se também que a pessoa espiritual "discerne [julga] *todas as coisas*" (1Co 2.15, NVI). E julga todas as coisas porque possui um Livro inerrante, infalível, inspirado por Deus (2Tm 3.16,17).

A Bíblia não apoia a crença de que os cristãos deveriam abandonar o mundo por sua falta de "espiritualidade". Pelo contrário, os cristãos devem transformar o mundo mediante o poder do Espírito, usando a lei espiritual de Deus como padrão de justiça para discernir (julgar) onde regeneração e restauração são necessárias.

Os cristãos devem ser "sal" e "luz" *no* mundo (Mt 5.13,14). O sal é inútil se não for aplicado ao mundo potencialmente decadente; a luz não é necessária a não ser que haja escuridão para dissipar (Mt 5.15; Lc 2.32). Sem o envolvimento no mundo, sal e luz são desnecessários. Os cristãos devem estar no mundo, mas não devem ser do mundo (Jo 17.14-16). Não devem se amoldar ao mundo (Rm 12.2). Não devem ser enredados pelos "espíritos elementares do mundo" (Cl 2.8). Eles não devem "se deixar contaminar pelo mundo" (Tg 1.27). E são admoestados a não se embaraçarem com as "corrupções do mundo" (2Pe 2.20). Em nenhum lugar lhes é dito para abandonar o mundo (cf. Mt 28.18-20; Jo 3.16).

O "mundo" é corrupto porque as pessoas são corruptas. Onde pessoas corruptas controlam certos aspectos do mundo, pode-se esperar contaminação. Mas o mundo não precisa permanecer em decadência. Quando indivíduos são redimidos, os efeitos da redenção devem se

espalhar pela sociedade em que vivem e guiar seus afazeres.

Seria possível dizer que o cristão gerente de um negócio de acordo com as leis bíblicas deveria se deixar, bem como ao seu negócio, conformar às coisas do mundo ou se deixar manchar, contaminar e enredar por ele? Com certeza não! Encorajaríamos outros homens de negócio a seguir esse exemplo de transformação e restauração de todos os seus negócios. O mundo de pensamento e prática pagãos deve ser substituído por pensamento e prática cristãos. É uma perversão do evangelho sustentar que o mundo, como domínio em que o mal existe, é inerentemente corrupto. Devemos nos lembrar de que Jesus veio ao mundo para dar a vida a fim de redimi-lo (Jo 3.16). Os cristãos devem ser transformados pela Palavra de Deus e não conformados aos princípios do mundo. À medida que trabalharem no mundo mediante o poder do Espírito Santo, o mundo será transformado.

Ao negar a espiritualidade da ordem criada por Deus, negligenciamos sua importância e, por omissão, entregamo-la aos que rejeitam a Cristo. O *mundanismo* deve ser evitado, não o mundo. A Bíblia adverte

> contra o mundanismo *onde quer que* ele se encontre [Tg 1.27], mesmo na igreja, e ele aqui está enfatizando precisamente a importância do envolvimento do cristão em questões *sociais*. Infelizmente, tendemos a ler as Escrituras como se a rejeição do modo de vida "do mundo" implicasse a recomendação de um modo de vida "do outro mundo".
>
> Essa abordagem levou muitos cristãos a deixar o âmbito "secular" para as tendências e forças do secularismo. De fato, devido à sua teoria dualista, em grande parte os cristãos devem assumir a

> culpa pela rápida secularização do Ocidente. Se a vida política, industrial, artística e jornalística, para mencionar apenas estas áreas, é taxada como essencialmente "mundana", "secular", "profana", e parte do "domínio natural da vida criada", então, é de se surpreender que os cristãos não tenham de forma mais eficaz originado a onda de humanismo em nossa cultura?[105]

Deus criou todas as coisas completamente boas (Gn 1.31). O homem, por causa da queda, tornou-se profano e contaminado pelo pecado. A redenção restaura as coisas em Cristo. Pedro não conseguiu compreender os efeitos purificadores abrangentes do evangelho. Ele não podia crer que os gentios eram "puros": "Não chames de profano o que Deus purificou" (At 10.15; cf. Mt 15.11; Rm 14.14,20). A queda não anulou o pronunciamento de Deus de que tudo na ordem

criada “era muito bom” (Gn 1.31). O Novo Testamento reforça a integridade da criação de Deus: “Visto que todas as coisas criadas por Deus são boas, nada deve ser rejeitado se for recebido com ações de graças, pois são santificadas pela palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4.4,5).

As Escrituras são o nosso guia e não um conceito platônico da matéria como algo menos que bom. Deus “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14). Jesus trabalhou na oficina do pai terreno como carpinteiro, afirmando a integridade da ordem criada e o valor do trabalho físico.

6

Por que o futuro importa?

A maneira como você olha para o futuro determina seu planejamento e suas ações. O modo como você compreende os tempos determina o que você fará.[106]

Quando Israel foi levado às fronteiras da terra prometida, doze homens foram chamados para espiar a terra e relatar suas descobertas à nação (Nm 13). Antes de escolher doze representantes para a tarefa, Deus *prometeu* que a terra seria deles: "Envia homens para sondar a terra de Canaã, que *dou aos israelitas*. Enviarás um homem de cada tribo de seus pais, todos eles líderes entre os israelitas" (Nm 13.2). Não importava o que os espiões encontrariam, a *promessa* de Deus deveria ter tido prioridade e refreado qualquer desejo de desistir. Quando eles retornaram, dez trouxeram relatórios pessimistas,

descrentes (13.28,29,31-33). Dois, Josué e Calebe, retornaram com relatórios otimistas porque creram em Deus e não nos temores dos homens, nem nas circunstâncias encontradas (Nm 13.30). É importante lembrar que Calebe nunca negou que havia "gigantes na terra", ele apenas creu que Deus era mais forte (obviamente) que qualquer exército de gigantes. Por que isto aconteceu? "Filhinhos, vós sois de Deus e já tendes vencido os falsos profetas, pois aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo" (1Jo. 4.4).

A nação reagiu ao relatório sem fé. Com efeito, Deus foi chamado mentiroso: "Então toda a comunidade levantou a voz e gritou; e o povo chorou naquela noite" (Nm 14.1). A recusa deles em crer na promessa divina (cf. Nm 13.2) trouxe juízo sobre toda a nação. Israel só entrou na terra prometida quarenta anos depois, quando toda a geração incrédula havia morrido (Nm 14.16-38). Sua perspectiva pessimista quanto ao futuro afetou

seus planos. A tarefa de dominar foi considerada grandiosa demais para Deus, portanto grandiosa demais para o homem sob a providência divina. Em vez de seguirem adiante, escolheram voltar ao passado: "E todos os israelitas murmuraram contra Moisés e Arão; e toda a comunidade lhes disse: Seria melhor se tivéssemos morrido na terra do Egito. Seria melhor se tivéssemos morrido neste deserto! Por que o Senhor nos trouxe a esta terra para cairmos à espada? Nossas mulheres e nossas crianças serão capturadas. Não seria melhor voltar para o Egito? E diziam uns aos outros: Escolhamos um chefe e voltemos para o Egito" (Nm 14.2-4).

A fé pessimista arruína o domínio cristão. Israel perdeu quarenta anos de domínio porque a nação confiou mais nas palavras dos homens e nas circunstâncias do mundo que na palavra de Deus. Quando Israel entrou na terra, quarenta anos depois, Raabe disse aos dois espias sem nome o que os habitantes estavam pensando: "Porque

temos ouvido que o Senhor secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saístes do Egito, e também o que fizestes aos dois reis dos amorreus, Siom e Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes totalmente. Quando ouvimos isso, *os nossos corações se derreteram, e em ninguém mais há ânimo algum…*" (Js 2.10,11). Os cananeus olhavam para os israelitas, no tempo em que Israel fora liberto do cativeiro egípcio, quarenta anos antes, como os gigantes. Quarenta anos de domínio foram desperdiçados porque Israel não conseguiu confiar no Deus que possui o futuro (e controla o presente para cumprir seu plano para o futuro).

Plante alguns carvalhos

A visão de futuro do cristão determina como ele vive e trabalha no presente.[107] Se crê que o futuro é sombrio, o pessimismo se refletirá de várias maneiras, de modo geral em inatividade. A

família não será treinada a considerar os aspectos mais amplos de domínio ao se relacionar com as sucessivas gerações. A educação será orientada para o presente, com os alunos obtendo a educação que lhes garanta apenas as credenciais para um emprego. Embora os cristãos possam estabelecer a educação fundamental para as crianças, muito pouco será feito a fim de estabelecer faculdades, universidades e escolas de graduação para preparar *gerações* de cristãos para influenciar suas profissões, nação e o mundo para Cristo. Uma razão pela qual os estudantes encontram dificuldade em se aplicar na escola é a incapacidade de ver como o trabalho acadêmico se traduz na preparação significativa para o futuro. Isto não foi sempre assim. Os estudantes acreditavam que seu trabalho em sala de aula seria necessariamente traduzido em refinamento do chamado em Deus para o cumprimento da grande comissão e o avanço do Reino de Deus, conforme demonstra essa história:

New College, Oxford, foi fundada mais tarde, daí seu nome. Foi provavelmente fundada por volta do final do século XVI. Tem, da mesma maneira que outras faculdades, um grande refeitório, com grandes vigas de carvalho no teto, certo? Elas devem medir aproximadamente cento e vinte centímetros quadrados de espessura, com seis metros de comprimento.

Conta-se que há uns cinco ou dez anos, um entomologista muito ocupado subiu ao telhado do refeitório com um canivete, cutucou as vigas e descobriu que estavam repletas de besouros. Isso foi relatado ao conselho da faculdade, que se reuniu com certa preocupação, pois onde conseguiriam novas vigas dessa espessura atualmente?

Um dos membros mais jovens levantou a cabeça e sugeriu que poderiam ser plantados carvalhos nas propriedades da faculdade. Essas faculdades têm propriedades espalhadas pelo país. Assim eles chamaram o guarda florestal da faculdade que, é claro, não havia aparecido durante alguns anos, e lhes perguntaram sobre os carvalhos.

Ele afastou a franja e disse, “Bem senhores, eu estava imaginando quando me perguntariam isto”.

Depois de fazerem mais perguntas, descobriu-se que, ao ser fundada a faculdade, um bosque de carvalhos foi plantado para substituir as vigas do refeitório quando ficassem com insetos, porque os carvalhos sempre acabam

ficando repletos de besouros. O plano foi passado de um guarda florestal para outro por centenas de anos: “Não corte os carvalhos. Eles pertencem ao refeitório da faculdade”. Uma bela história. Esta é uma maneira de gerenciar uma cultura.[108]

Reforme o mundo

Por muito tempo, os cristãos acreditaram que o futuro deveria ser considerado apenas em termos do céu ou de eventos que levariam à segunda vinda de Jesus Cristo. Acontecimentos e preocupações que não dissessem respeito a isso eram considerados de pequena importância real. Por causa dessa falsa ideia, muitos cristãos abdicaram das responsabilidades com relação a educação, economia, ciência e governo civil. O estudo dessas disciplinas se tornou puramente utilitário. A escatologia abrandada acelerou os efeitos debilitantes do sistema de crenças que

ensina como ortodoxia bíblica que o fim de todas as coisas está próximo, levando à maior inatividade por parte do povo de Deus. Deus instruiu seu povo a reformar o mundo, não a pregar uma doutrina de inevitabilidade profética:

> O apóstolo Paulo teve de admoestar alguns tessalonicenses que pararam de trabalhar por causa da possibilidade de que o Senhor retornasse de imediato. Daí em diante, os cristãos têm sido notórios por abraçar atitudes escapistas em relação ao trabalho devido às suas escatologias [doutrina das ultimas coisas]. Em vez de se moverem com coragem para frente para dominar a terra, a igreja tem caído com demasiada frequência na passividade irresponsável, abordando sua comissão com a seguinte atitude: “Não se pode polir o casco de um navio que está afundando”. Jesus, entretanto, nos instruiu a assumir a

> abordagem oposta. Na parábola das dez minas (Lc 19.11-27), o Mestre deu dinheiro a cada um dos servos e lhes disse: "*Negociai até que eu volte*". Nessa história, Jesus nos instrui a tomar a ofensiva e "negociar" até que ele volte.[109]

A visão bíblica do futuro apresenta a verdade de que a história está se movendo para frente, e cada cristão é responsável diante de Deus para se mostrar como bom e fiel mordomo das dádivas recebidas dele. Deus exige a prestação de contas.

O reino de Deus tem propósito porque Deus dirige cada movimento. A história não está presa a uma série infindável de ciclos, em que Deus não tem poder para intervir e governar. O futuro, como Nabucodonosor percebeu, é governado por Deus. Os soberanos terrenos que não reconhecem a absoluta soberania de Deus serão destruídos:

“Enquanto estavas [Nabucodonosor] vendo isso [a estátua], uma pedra soltou-se sem auxílio de mãos e feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmigalhou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados e viraram pó, como a palha das eiras no verão. O vento os levou sem deixar nenhum vestígio; porém a pedra que feriu a estátua se tornou uma grande montanha e encheu toda a terra”. (Dn 2.34,35). A ideia pagã de futuro é um mito. O futuro pertence ao povo de Deus e os cristãos não estão presos na armadilha de ciclos históricos fúteis.

A visão de futuro do cristão determina como ele vive, planeja e trabalha no presente *para o futuro*. Mesmo no cativeiro de Israel sob o reinado babilônico, a hora mais obscura da nação, o povo recebeu ordens para planejar e construir para o futuro: “Edificai casas e habitai nelas; plantai pomares e comei do seu fruto. Casai-vos com mulheres e gerai filhos e filhas; também tomai esposas para vossos filhos e dai vossas filhas em

casamento para que tenham filhos e filhas. Multiplicai-vos ali e não venhais a diminuir. [...] Pois eu bem sei que planos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; planos de prosperidade e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança" (Jr 29.5,6,11).

As palavras de Deus pareciam contrárias ao que as pessoas viam ao redor. Destruição e cativeiro esperavam pela nação, mesmo assim Deus lhes ordenou que se preparassem para o *porvir*. Apesar de todas as visões pessimistas, Deus queria que todos os desejos e esperanças do povo fossem direcionados para o futuro. Construa para o que há de vir. O benefício psicológico dessa disposição mental faz muito para incentivar a igreja de Jesus Cristo à atividade maior no reino. A preocupação com a derrota sempre traz a derrota. Por que alguém desejaria construir para o futuro quando não há esperança terrena? Quem investiria em uma proposta perdedora? Por que alguém deveria estabelecer um lar, uma escola,

um negócio, ou um governo civil temente a Deus quando essas instituições parecem destinadas à destruição, apesar de todos os nossos esforços?

"Devemos nos tornar *otimistas* com relação à vitória diante do povo de Cristo, no tempo e na terra. Devemos ser ainda mais otimistas que Josué e Calebe, pois eles precisaram apenas espiar a terra de Canaã. Eles foram chamados para apresentar seu relatório antes do sacrifício de Cristo no Calvário. Por que deveríamos ser pessimistas como a primeira geração de ex-escravos? Por que deveríamos andar pelo deserto, geração após geração? Por que deveríamos nos desesperar?".[110] A esperança futura é real porque os cristãos deveriam saber que Deus governa os negócios dos homens e das nações (Sl 22.28; 47.8; 127.1; Dn 4.35). Todas as conspirações, não importa quão bem planejadas, serão destruídas pelo Deus que governa desde o céu (Sl 2).

Progresso para os fiéis

O apóstolo Paulo informa a Timóteo que "nos últimos dias haverá tempos difíceis" (2Tm 3.1). Os homens sem Deus manifestarão uma variedade de características que evidenciarão sua oposição aos propósitos divinos: "Pois os homens amarão a si mesmos, serão gananciosos, arrogantes, presunçosos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios" (2Tm 3.2-5). Paulo instrui a Timóteo: "Afasta-te também desses" (v. 5).

Será que os ímpios dominarão a cultura? À primeira leitura, 2Timóteo 3 parece indicar que prevalecerão, e a influência piedosa diminuirá. O estudo mais profundo mostra que o apóstolo Paulo está descrevendo um cenário diferente. Paulo compara o progresso dos homens profanos nos dias de Timóteo com o de Janes e Jambres, os encantadores egípcios que se opuseram a Moisés (cf. Êx 7.11): "Mas eles não irão adiante, pois sua

insensatez será revelada a todos, assim como aconteceu com aqueles" (2Tm 3.9). Embora seja verdade que existe uma *tentativa* dos ímpios de dominar a cultura, o fato é que "eles não irão adiante"; seu ataque impiedoso é apenas temporário (cf. Rm 1.18-32). O cristão pode permanecer otimista mesmo quando as ações dos infiéis aumentam. No tempo certo, se os cristãos permanecerem fiéis em influenciar o mundo com o evangelho, as ações dos infiéis serão eliminadas.

Contudo, Paulo não permite que o cristão permaneça passivo enquanto os infiéis se destroem. Timóteo seguiu "a minha doutrina, procedimento, intenção, fé, paciência, amor, perseverança, minhas perseguições e aflições", diz Paulo (2Tm 3.10,11), e nos convoca a fazer o mesmo (3.16,17). Enquanto os infiéis gastam seu capital espiritual na vida orientada para o presente e, por isso, não economizam nada para o futuro, o cristão deve desenvolver o capital espiritual orientado para o futuro — para substituir a cultura

falida do humanismo pela sociedade centralizada em Cristo. Observe que as características dos homens sem Deus são todas direcionadas para si mesmos e têm duração curta, resumidas pela expressão: “mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus” (2Tm 3.4). O pecado usufrui ou prazer por um curto período: “Quem ama os prazeres empobrecerá; quem ama o vinho e o azeite nunca enriquecerá” (Pv 21.17). O amor ao prazer não é investimento no futuro.

As características dos santos são direcionadas para o futuro, para o abandono da tentação dos prazeres presentes pelo benefício da produtividade futura. Ensino, conduta, propósito, fé, paciência, amor e perseverança levam o tempo e a energia do presente, mas resultam na recompensa futura. Por exemplo, o fazendeiro poderia consumir toda a sua colheita no período de um ano e não ter sementes para plantar no ano seguinte. Ao consumir apenas o suficiente para alimentar a família e fazer reserva para a colheita

potencialmente fraca junto com alguma semeadura, ele garante segurança para sua família e o estado de domínio para o futuro.

Enquanto o consumidor orientado para o presente busca uma maneira de alimentar a família, o fazendeiro que olha para o futuro passa o tempo livre exercendo o domínio santo na plantação. Além disso, perseguições e sofrimentos não deveriam deter o cristão orientado para o futuro porque ele pode afirmar como Paulo: “E o Senhor me livrou de todas!” (2Tm 3.11). Da mesma maneira, o fazendeiro orientado para o futuro pode superar os efeitos da colheita ruim porque a reserva lhe permite viver até a próxima. Os efeitos da colheita ruim representam, para o consumidor orientado para o presente, um desastre. Sem reservas, ele não possui qualquer esperança futura.

Se o cristão olha só para os acontecimentos presentes, perde a esperança de se tornar uma influência cultural, já que percebe a afirmação “os

homens maus e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados" (2Tm 3.13) como algo permanente. Mas também devemos nos lembrar das palavras anteriores de Paulo: "Mas eles não irão adiante, pois sua insensatez será revelada a todos" (v. 9). No curto prazo, parece que o homem profano prevalecerá. Os cristãos, entretanto, devem começar a pensar em longo prazo; enquanto os homens profanos se consomem, os santos influenciam o mundo de maneira constante: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado" (v. 14). No tempo devido, os efeitos do domínio serão vistos: "E não nos cansemos de fazer o bem, pois, se não desistirmos, colheremos no tempo certo" (Gl 6.9). O objetivo é sobrepujar e trabalhar melhor que quem tem por objetivo a desapropriação do reino de Deus.

Parte II

A armadilha do pluralismo

7

Estabelecimento da agenda

A escola deve buscar desenvolver cada vez mais sua liberdade e independência dos controles, padrões e credenciamento do Estado. O radical da palavra credenciamento é credo, "eu creio". Se o Estado é nosso Senhor, buscamos a aprovação e permissão do Estado. Se Cristo é nosso Senhor, buscamos o credenciamento da sua Palavra.[111]

As duas primeiras perguntas do pai que procura a escola para seus filhos são: "Os professores são formados?" e "A escola é credenciada?". Ninguém pergunta se Harvard, Yale e Princeton são credenciadas e se seus mestres são devidamente autorizados por oficiais civis. A razão é bem simples: Harvard, Yale e Princeton são prontamente aceitas por seu

prestígio e reputação como instituições de qualidade reconhecida. Todas as outras instituições educacionais são medidas pelos padrões desses estabelecimentos acadêmicos.[112]

As instituições cristãs, para serem aceitas pelo estabelecimento educacional e pela cultura mais ampla, acreditam que o selo acadêmico de aprovação é necessário para competir. Como as pessoas saberão que a escola é boa o suficiente se não for credenciada? Mas por que a nova escola teve início, para início de conversa? Não é o objetivo principal de uma instituição cristã fazer o contraponto da cosmovisão anticristã das instituições existentes? Por que procurar as próprias agencias que trabalham para nossa destruição e buscar delas aprovação para nosso trabalho? A independência filosófica deve ser mantida pela escola cristã.

As mesmas pessoas que os cristãos consideram anticristãs em sua filosofia social e

educacional estabeleceram o sistema de credenciamento e o movimento das escolas cristãs se apressou a na submissão a elas para obter a certificação de aceitabilidade acadêmica. A aceitação de esforços para credenciamento e certificação nos termos humanistas é um suicídio.

As diretrizes para credenciamento e certificação foram usadas pelos políticos de esquerda para capturar as vestes talares da academia cristã. As escolas, até as cristãs, não raro são avaliadas em termos de quantos doutores ensinam na instituição. Estudos mostram que "faculdades de teologia que possuem maior grau de doutores são mais liberais em todas as questões sociais e políticas medidas […] do que aquelas com outras experiências de grau acadêmico…".[113] Pesquisas semelhantes mostram tendência similar nos campos da ciência social.

A escola não deveria buscar credenciamento do seu programa nem certificação dos seus

professores por agências externas. O credenciamento deveria ser estabelecido pela escola para ser usada como padrão para outras escolas. A certificação do professor não é prova de competência.[114] Se fosse, as escolas públicas da nossa nação seriam as melhores do mundo. A escola deveria desenvolver um sistema pelo qual um candidato a professor passasse por um programa de treinamento que resultasse na certificação *pela própria escola.*

Academias missionárias do reino

Todos os anos nossa igreja realiza uma conferência missionária. Há alguns anos, um missionário da África Ocidental prestou um relatório inquietante sobre como uma escola havia sido construída para educar os jovens e preparar adultos para o trabalho missionário entre os nativos. Os pais viram a escola como meio para obter um nível de vida melhor para seus filhos.

Então, enquanto passavam o dia trabalhando para ganhar o sustento, os filhos passavam algumas horas na escola. Os missionários organizaram a escola como forma de apresentar o evangelho, bem como oferecer às crianças uma educação mais ampla. Alfabetizadas, elas podiam ler a Bíblia e os ensinos teológicos básicos, tanto em inglês quanto na própria língua, se houvesse uma tradução disponível. Quando pudessem ler a Bíblia, as crianças levariam para casa a compreensão infantil da Palavra de Deus a seus pais. Muitos pais seriam levados ao conhecimento de Cristo por intermédio dos filhos.

Observei as expressões nos rostos das pessoas na classe da escola dominical enquanto escutavam essas maravilhosas histórias sobre como tantas pessoas, que de outra forma não seriam alcançadas, estavam ouvindo o evangelho. Elas ficaram suficientemente entusiasmadas a ponto de fazer doações para a construção de mais escolas como essas. Trata-se de uma estratégia

muito simples e prática, a grande comissão em ação.

Então, por que esta estratégia não é usada nos EUA? Por que não construir "academias do reino" em áreas em que os incrédulos necessitam de um lugar para colocar os filhos durante o dia enquanto saem para o trabalho? Muitas mulheres não têm o luxo de ficar em casa com os filhos. Elas precisam trabalhar por um número de razões que muitos de nós não sabemos. Talvez sejam divorciadas ou tenham sido abandonadas pelo marido. Talvez estejam escapando de um cônjuge violento. Algumas talvez sejam mães solteiras tentando se aprimorar, e um emprego é uma necessidade primordial. Levantamos a voz contra os males do aborto — e isso deve ser feito — mas quando as mulheres têm de trabalhar e precisam de um lugar para colocar os filhos, rejeitamos a ideia de uma creche em horário integral, mesmo que seja cristã. Realmente não importa qual a razão pela qual elas precisam trabalhar; elas

precisam de um ambiente seguro para os filhos até a hora da saída. Por que tão poucos cristãos veem isso como uma oportunidade missionária? Eu não entendo.

E o que dizer das mães cristãs que se encontram em posição semelhante em que precisam trabalhar, novamente, por qualquer que seja a razão? Que escolha elas têm? Elas têm de trabalhar para cuidar dos filhos. Não seria ótimo se houvesse estabelecimentos cristãos de horário integral que oferecessem um currículo verdadeiramente bíblico, onde as crianças aprendessem a ler mais ou menos aos três anos de idade, estudassem a Bíblia, memorizassem versículos das Escrituras, tivessem uma rotina diária estável e disciplinada e depois fossem para casa como pequenos meninos e meninas transformados? Quando a mamãe ou o papai perguntassem: "O que você aprendeu na escola hoje?", ouviriam tudo a respeito do evangelho!

De que maneira o estabelecimento de um

centro cristão de horário integral — prefiro chamá-los "academias do reino" — seria diferente da construção de escolas na África, de forma que o evangelho pudesse se tornar disponível aos jovens a fim de que os pais também o possam ouvir? Não é diferente. A igreja está desperdiçando uma oportunidade missionária, literalmente no seu quintal. Algumas crianças arrastarão os pais para a igreja. Quando alcançarem a idade para entrar no primeiro ano, muitos pais desejarão continuar a educação que as "academias do reino" iniciaram. As salas de aula da escola dominical ficam vazias seis dias por semana. Isso representa um desperdício de dízimos se as salas não forem totalmente utilizadas. Elas deveriam ser usadas para a educação dos nossos filhos em lugar de enviá-los a estabelecimentos educacionais controlados pelo Estado. As igrejas que estabelecerem "academias do reino" terão uma quantidade estável de alunos para continuar o trabalho nelas iniciado. De modo

diferente de Timóteo, muitos pais jovens não tiveram uma avó fiel e uma mãe que instilaram uma "fé sincera" neles (2Tm 1.5) e, como resultado, não têm fé madura para instilar nos próprios filhos.

Se você quiser mudar o mundo, mude as crianças. Como o ensino da leitura às crianças e sua condução através da Bíblia cinco dias por semana pode ser uma coisa ruim, em especial quando a maioria das famílias, incluindo-se as cristãs, não o faz?

8

A jumenta de Balaão falou

Não existe nenhum conjunto de pressupostos que guie a vida moral das crianças dos EUA.[115]

Creio que Deus tem nos dado uma mensagem muito clara por meio do equivalente moderno da jumenta de Balaão: o Supremo Tribunal dos EUA e quase todos os tribunais menores. Balaão foi chamado por Balaque, rei de Moabe, para profetizar contra Israel. Deus advertiu Balaão a se manter longe de Moabe. Balaão se recusou. O Anjo do Senhor foi ao encontrou de Balaão na estrada enquanto ele seguia o caminho até Balaque. A jumenta de Balaão se recusou a confrontar o Anjo do Senhor. Balaão bateu na mula três vezes para forçá-la a prosseguir. Por fim, Balaão percebeu que o Senhor a estava direcionando para voltar.

Repetidas vezes, a Suprema Corte decidiu contra os cristãos e suas tentativas de trazer a oração, leitura bíblica, e até mesmo uma rápida menção ao Criador nas salas de aula. Da mesma forma que Balaão, a maioria dos cristãos se recusa a ouvir a mensagem que Deus lhe dá por intermédio do Tribunal: “Siga uma rota diferente”.

A educação cristã não significa orar em eventos esportivos, recitar o “sob Deus” no juramento à bandeira, orar em torno do mastro da bandeira uma vez por ano e ter direito a “um momento de silêncio”. Todo o currículo deve se centrar em Cristo. Deus fala conosco por meio do Tribunal: “Tirem seus filhos das escolas que me negam!”. Temos sensibilidade para ouvir o que Deus nos diz?

É comum os alunos das escolas públicas não terem o direito de discutir religião, exceto em uma abordagem multicultural. Se o cristianismo é discutido, só se pode fazê-lo no contexto de outros sistemas de crença religiosa em sua inserção

histórica. Mas, como vimos, mesmo essa abordagem não é mais aceita em relação ao cristianismo. Steven Williams, professor do quinto ano na Escola Stevens Creek, na área suburbana de Cupertino, na baía de San Francisco, Califórnia, foi impedido pela escola de dar aos alunos documentos sobre a história americana que façam referência a Deus, incluindo-se a *Declaração de Independência*, que estabelece a base dos nossos direitos como tendo sido legados pelo Criador, não concedidos pelo Estado.[116]

A crítica ao evolucionismo é proibida na maioria das instituições educacionais públicas (do governo), mesmo que a discussão seja apenas acadêmica. O argumento é que por trás da crítica existem pressupostos religiosos. A educação para a abstenção sexual também incorre na mesma categoria.[117]

Os cristãos querem crer que a "liberdade acadêmica" é o princípio operacional nos meios acadêmicos, então pressionam por "tempo igual

para Jesus" ou uma abordagem "dos dois modelos" para o ensinamento da origem das coisas. A liberdade acadêmica é uma via de mão única. A noção de liberdade acadêmica é usada pelos secularistas para persuadir os cristãos a abrirem seus estabelecimentos educacionais a professores incrédulos que possam ensinar as chamadas "disciplinas neutras" como ciências, música e matemática,[118] onde a religião é irrelevante. Os maiores cientistas e matemáticos não fizeram essa divisão entre religião e conhecimento. "Nicolau Copérnico (1473-1543), o astrônomo polonês, maravilhou-se ao observar a terra de Deus na correlação entre o pensamento matemático e as ações da natureza. Para ele, o universo foi 'feito para nós por um Criador extremamente bom e ordeiro'. Ele louvou o Criador: 'tão grande é esta obra divina do Grande e Nobre Criador'".[119] Harvard se perdeu quando separou o departamento de religião dos departamentos acadêmicos na suposição de que o

conhecimento é neutro.[120] Não existe essa política de portas abertas nas instituições seculares. As escolas públicas não são exceção. Ficamos de fato surpresos quando as escolas públicas agem de maneira coerente com a cosmovisão secularista adotada? Não deveríamos ficar. Quem paga o flautista dá o tom. Quem recolhe seus impostos forçosamente desenvolve e define o currículo. Quando os cristãos entenderão isso?

Por que os cristãos desperdiçam tempo, dinheiro e seus filhos na defesa da educação pública (do governo)? Enquanto os cristãos tentam "salvar" as amadas escolas públicas locais, outra geração de jovens é seduzida pela cosmovisão anticristã da educação materialista. Isso tem acontecido por décadas sem nenhum progresso. As escolas públicas nem sequer são o que eram na década de 1960. Assista a *Mr. Holland — adorável professor*[121] — que acompanha a carreira de um professor de música de uma escola

de 1965 a1995 — e *Meu mestre, minha vida* para perceber o retrocesso.[122]

A proposta de "extinção da escola pública" não é popular entre a maioria dos cristãos. Nos EUA é, para alguns, semelhante a blasfemar em terreno sagrado. O que as comunidades fariam sem os suas equipes esportivas nas escolas secundárias e sua educação "gratuita"? De forma a justificar o apoio contínuo à educação pública — do governo —, as seguintes desculpas são apresentadas com frequência:

"Não podemos pagar escolas particulares para nossos filhos"

Se os cristãos tirassem os filhos das escolas públicas, votassem contra o aumento de impostos relacionados à educação, repelissem a porção destinada à educação do imposto sobre propriedade e apoiassem candidatos que cortassem cada dólar destinado à educação, então a maioria das famílias poderia bancar os custos

envolvidos. O dinheiro gasto na tentativa de "salvar" as escolas públicas seria aplicado no estabelecimento de fundos de bolsas de estudo para famílias que não pudessem pagar pela educação em escolas particulares. Sim, isso até poderia significar sacrifício para alguns. É claro, a educação no próprio lar é sempre uma opção. Dirija um carro de 14 anos como eu dirigia enquanto minha mulher e eu mandávamos nossos filhos a uma escola particular. More em uma casa menor. Não coma fora tantas vezes. Existem muitas maneiras de cortar despesas e financiar as reais necessidades da vida. Quando seus filhos forem mais velhos, coloque-os para trabalhar a fim de dividir as despesas.

"Apenas algumas coisas precisam ser corrigidas"

Laura Mallory é uma mãe preocupada de três crianças. Ela quer que os livros da série Harry Potter sejam removidos da biblioteca da Escola

Primária J. C. Magill, no condado de Gwinnett, Geórgia, a escola pública onde seus filhos estudam, porque ela diz que os livros, que venderam mais de 300 milhões de exemplares ao redor do mundo, glorificam a bruxaria. Mallory inicialmente levou sua reclamação à diretoria da escola do condado em setembro de 2005. Em maio de 2006, a diretoria decidiu que os livros deveriam permanecer na biblioteca. Mallory então levou suas preocupações à diretoria estadual, onde uma decisão será tomada em dezembro. Eis uma indicação da sua ingenuidade, acreditando que se Harry Potter for banido, tudo ficará bem nas escolas públicas e que as escolas e todos os professores têm no coração a melhor visão dos interesses dos seus filhos: "Quando meus filhos estão na escola, eu os estou confiando aos professores e àquela escola. Eles são a coisa mais preciosa do mundo para mim. Com certeza não quero que sejam doutrinados em uma religião cujas práticas são malignas".[123]

Ela embarcou em uma tarefa de tolos. Sempre fico espantado quando leio histórias sobre como os pais são bem-intencionados ao exigirem a retirada de um livro ou de um curso como se essas pequenas mudanças resultassem em uma reforma educacional. Isso não acontecerá. Quanto mais cedo os pais aprenderem isso, mais cedo salvarão os filhos de coisas piores que bruxaria — como a crença que a educação pública é uma tentativa neutra projetada para equipar os jovens para serem aprendizes imparciais. Baseado no que os tribunais decidiram ao longo dos anos, as escolas públicas são "zonas imunes à religião (cristã)". Em uma palavra, elas são oficialmente ateístas. Você poderia pensar que a maioria dos pais cristãos está preocupada com isto. Eles não estão. E continuam a acreditar que a educação pública pode ser salva. Não pode. A senhora Mallory está cuspindo no vento quando não precisa fazê-lo. Seus filhos estão sendo cooptados todos os dias por um tipo mais sutil de feitiçaria, a "pedra

filosofal" da cosmovisão irracional e carregada de magia do materialismo. Seus filhos estão sendo ensinados que descendem de animais, e que são animais. "Quando se trata do DNA," as pessoas da revista *Time* nos dizem, "o ser humano está mais perto do chimpanzé que o camundongo está do rato".[124] Isto é paganismo de primeira. Já se foi a crença de que recebemos do "Criador certos direitos inalienáveis". Essa mãe consternada se preocupa mais com os livros nas prateleiras da biblioteca que com as matérias ensinadas de fato na sala de aula.

As escolas públicas se tornaram o campo de batalha da nova cosmovisão. Os cristãos lutam no terreno inimigo quando deveriam construir seu reino educacional. Harry Potter é o sintoma da crise maior que pode ser corrigida com facilidade se os pais tomarem a responsabilidade de educar os próprios filhos e se recusarem a entregá-los ao Estado para propagar o secularismo.

“Educar não é tarefa da igreja”

Já ouvi isso várias vezes. Os críticos das escolas cristãs relutam em transformar as dependências da igreja para propósitos educacionais porque o dízimo foi instituído para apoiar o trabalho da igreja, não para a educação infantil: “É por isso que pagamos impostos”. O prédio da igreja está desocupado seis dias por semana. As salas de aula da escola dominical são usadas durante 45 minutos por semana. Que desperdício do dinheiro de Deus! Nossas igrejas sustentam numerosos missionários. Muitos deles constroem escolas em terras estrangeiras. Por que é correto construir escolas na África, América do Sul ou China com os nossos dízimos, mas não no próprio quintal?

Então enviamos nossos filhos para as escolas públicas onde são doutrinados por trinta horas em sala de aula por semana com a mais atualizada propaganda anticristã. Para combater a educação secularizada, os críticos da escola cristã

desenvolvem “programas para jovens” para as noites de quarta e domingo. Essas crianças estão obtendo no máximo duas horas de instrução religiosa de segunda categoria por semana, enquanto uma criança em uma escola cristã recebe trinta horas de treinamento a partir da perspectiva bíblica. Não há comparação. A maioria dos “programas para jovens” das igrejas são reuniões de entretenimento com um “devocional” para lhes dar legitimidade.

Quando estudei em uma escola católica, não havia escola dominical. Pressupunha-se que a instrução religiosa era tecida no currículo educacional diário. Quando meus pais me enviaram para a escola pública no sexto ano, eu frequentava a catequese no sábado pela manhã para suprir a deficiência. De maneira nenhuma o período de instrução de 45 minutos poderia compensar o que eu não recebia na escola pública local.

“Meu filho é testemunha de Cristo na escola pública”

Pode ser. Mas eu me pergunto quanto testemunho acontece de fato nas escolas públicas. Na maior parte do tempo as crianças estão sentadas nas carteiras ouvindo o professor falar com base no currículo secularizado. Desde o tempo em que entrei na escola pública, no sexto ano, ninguém me apresentou o evangelho. As amizades desenvolvidas depois das aulas levam a oportunidades de testemunho — que pode acontecer em qualquer lugar. Jesus encontrou pessoas no trabalho e nos seus lares. Ele até entrou no templo. Se você quer seguir o exemplo de Jesus, então vá testemunhar aos judeus nas sinagogas locais. Jesus nunca deu testemunho em uma escola.

“Nossa escola é diferente”

Escutei essa desculpa do diretor de um ministério cristão proeminente. Eu lhe disse que

se trata de uma resposta comum. De fato, de tanto escutá-la, tenho a impressão de que a escola da pessoa com quem estava falando no momento não é má. É sempre o sistema escolar de alguma outra comunidade que necessita de reforma. Minha conclusão é que a maioria dos pais não tem a menor ideia do que acontece na escola do filho. Se não tomam conhecimento de nenhuma má noticia, concluem que está tudo bem. Tenha em mente que as crianças da escola pública não estão comparando a educação que recebem agora à educação da escola pública proeminente de quatro décadas atrás. E a escola não era tão boa assim na época. A educação recebida pelos alunos nesse momento é normal para eles. É o único padrão que conhecem, e não é muito bom. De qualquer maneira, a escola que não ensina a partir da perspectiva cristã é, na melhor das hipóteses, de terceira categoria e perigosa.

“Quero que meu filho seja exposto ao

mundo ‘real’”

Quem define o que constitui o “mundo real”? O mundo real é onde Cristo habita e sua Palavra é ensinada. O cristianismo não é irreal. Se for, então por que não adorar com os pagãos já que seu domínio é o “mundo real”? Lembre-se: Adão e Eva “decaíram” do que era normal, isto é, do mundo de íntima comunhão com seu Criador. O mundo sem Cristo é insano e irracional. A escola cristã é o local para a recriação, a tentativa redentora de voltar ao projeto originário, embora ainda reconheça que somos criaturas caídas. As escolas estabelecidas pelos cristãos deveriam atuar como magnetos para atrair os descrentes de volta ao jardim. Os cristãos deveriam estabelecer a agenda para o que é real, honesto e bom de forma a serem luz para quem está em trevas.

O declínio para o ateísmo oficial continua

O que precisa acontecer nas escolas públicas

para que os cristãos finalmente digam “basta”? Os tribunais continuam tentando impedir qualquer tipo de reforma. Quando a diretoria da escola do condado de Cobb, Geórgia, quis colocar um adesivo nos livros de biologia dizendo que a “evolução é uma teoria, não um fato a respeito da origem das coisas vivas” e que o estudo da matéria “deveria ser abordado com a mente aberta”[125], os cristãos se alegraram, a American Civil Liberties Union (ACLU) recorreu e ganhou, os adesivos foram retirados e a contínua secularização das escolas controladas pelo governo progrediu. Houve algum êxodo em massa de alunos cristãos? Houve manifestações nas ruas? Os cristãos protestam quando veem e ouvem sobre guerras sazonais sobre o Natal, mas parecem indiferentes ao fato de que há uma guerra diária pelo coração e pela mente dos seus filhos.

9

Herdeiros morais de Epicuro

Se o sistema solar passou a existir em razão de uma colisão acidental, então o surgimento da vida orgânica no planeta também foi um acidente, e a completa evolução do homem também foi um acidente. Sendo assim, então todos os nossos processos mentais são meros acidentes — o subproduto acidental do movimento de átomos. E isso vale para os [processos mentais] dos materialistas e dos astrônomos bem como de todas as outras pessoas. Mas se os seus pensamentos — isto é, o materialismo e a astronomia — são apenas subprodutos acidentais, por que deveríamos crer em sua realidade? Não vejo razão para crer que um acidente seria capaz de explicar todos os outros acidentes.[126]

Como você já deve ter percebido, não defendo a educação pública (estatal). Não posso

compreender por que os cristãos lutam pelo direito de recitar ou uma oração, ou ouvi-la, em um jogo de futebol americano, mas não veem problema em expor os filhos ao currículo que opera sobre a premissa de que Deus não existe. Assim, existe a batalha sem fim sobre a evolução, a verdadeira religião (falsa) estabelecida pela educação governamental que diz aos alunos que eles são acidentes cósmicos subsistentes no cosmo sem sentido, sem propósito ou meta. Estou exagerando? Não de acordo com o evolucionista Richard Dawkins:

> No universo de forças físicas cegas e replicação genética, algumas pessoas serão feridas, e outras terão sorte; e você não encontrará qualquer rima ou razão para isso, nem qualquer justiça. O universo que observamos conta com precisamente as propriedades que deveríamos esperar se na base de tudo não

> houver projeto, propósito, bem ou mal. Nada além de indiferença cega e ausência de misericórdia. O DNA nada sabe e nem se importa. O DNA apenas existe, e nós dançamos conforme sua música.[127]

Os cristãos gastam seu tempo, sua energia e o "meu" dinheiro tentando obter "tempo igual" para que o *design* inteligente seja ensinado nas escolas públicas, quando deveriam desenvolver um currículo totalmente baseado na Bíblia para a educação no lar ou no ambiente de uma escola cristã institucional. Esses pontos foram reforçados para mim quando a superintendente escolar do estado da Geórgia, Kathy Cox, quis tirar a ênfase da evolução no currículo de ciências como uma teoria científica provada e incontestável e dar espaço para a discussão sobre o *design* inteligente. Ela cometeu o erro de querer remover a palavra "evolução" e substituí-la por "alterações biológicas ao longo do tempo". Isto seria como

remover a palavra “nazismo” ao contar a história da Segunda Guerra Mundial.

Somente crianças educadas em escolas públicas podem fazer ciência?

O *Atlanta Journal-Constituion* chamou a posição antievolucionista de Cox de “irracional”, um “paliativo para um punhado de religiosos de linha-dura que acreditam que as escolas deveriam ensinar o criacionismo, a crença nascida da fé em lugar da ciência”. Só porque um cientista crê que Deus criou o cosmo não significa que suas habilidades como cientista sejam diminuídas. De fato, talvez as ciências tenha sido iniciadas com o trabalho de pessoas que acreditavam em Deus como Criador do cosmo e das leis que o fazem funcionar de maneira coerente e previsível. Eles supunham que a experiência feita em um dia qualquer poderia ter os mesmos resultados, desde que as condições fossem as mesmas, todos os

dias. Em teoria, o evolucionista jamais poderia fazer essa suposição, já que as mudanças são aleatórias, quer sejam minúsculas ou pontuadas, e isso faz da evolução o que ela é.

A história está do lado dos cristãos.[128] Robert Boyle (1627-1691), considerado o "pai da química", foi um cristão devotado que, como Galileu, Johannes Kepler (1571-1630) e Francis Bacon (1561-1626)[129] antes dele, desafiou a abordagem dedutiva aristotélica das ciências de maneira muito mais coerente. Boyle se opôs aos racionalistas que criam na capacidade da razão pura de produzir ciência sólida e confiável. Aristóteles acreditava que o círculo era a forma mais perfeita. Disso deduziu que as órbitas dos planetas deveriam ser circulares e que a Terra deveria ser o centro físico do cosmo por ter a aparência menos que perfeita, de maneira diferente dos corpos celestes. Até a igreja acreditou na cosmologia geocêntrica e esférica de Aristóteles. Não foi a experimentação que lhe

revelou a “verdade” do geocentrismo. Aristóteles acreditou nisso porque, para ele, fazia sentido *lógico*, devido por causa dos seus pressupostos infundados.

Boyle rejeitou a “ciência” aristotélica dos seus dias e mostrou que a teoria científica deveria ser “provada” pela experimentação antes de ser considerada lei. A coerência ordenada do universo, criado por Deus, mas sofrendo ainda os efeitos da queda, fez com que ele adotasse esse conceito a respeito da ciência. No seu testamento, Boyle “dirigiu-se aos membros da Royal Society of London desejando-lhes todo o sucesso em ‘suas tentativas louváveis de descobrir a verdadeira natureza das obras de Deus’ e ‘orando para que eles e todos os outros pesquisadores das verdades físicas pudessem assim contribuir para ‘a glória do Grande Autor da Natureza e Consolador da humanidade’”.[130]

O título de um dos muitos livros de Boyle

foi *The Christian Virtuoso*, ou, *O cientista cristão*. Boyle não era uma voz cristã solitária clamando no deserto da ciência secular. A maior parte dos membros da Royal Society era composta de cristãos que compartilhavam da visão de Boyle a respeito de "o mundo ser obra de Deus" e que era "seu dever estudar e compreender essa obra como uma maneira de glorificar a Deus".[131]

Truque evolucionista

Boyle e outros importantes cientistas do seu tempo teriam considerado os críticos do *design* inteligente desonestos, irracionais e preconceituosos. Qualquer um que enxergue um automóvel bem projetado conclui que ele teve um projetista, mesmo se encontrado no ferro velho ou parcialmente desmontado. A maioria das pessoas sabe dizer a diferença entre o Grand Canyon e o Coliseu sem pensar muito. Qualquer um que decida construir uma casa contrata um arquiteto.

Todos os itens que entram na construção de um carro ou casa foram projetados por alguém com pelo menos alguma inteligência. Se um cientista, mesmo o recebedor de um prêmio Nobel, tentasse argumentar que não houve projetista na construção de um microscópio ou telescópio, ele seria considerado louco. Mas as crianças podem ser forçadas a acreditar que todas as coisas que veem na ordem criada (natureza), não importa quão complexas sejam, de alguma maneira evoluíram ao longo do tempo a partir de alguma sopa primordial gerada de forma espontânea há bilhões de anos. Sabemos isso pelo fato de alguém ter visto acontecer? Temos provas da evolução de uma espécie até se tornar outra? O registro fóssil demonstra que macroalterações ou mesmo microalterações evolutivas tenham gerado novas espécies? Não. Se os cientistas pudessem demonstrar que a evolução aconteceu como afirmam, seriam os primeiros a colocar provas inquestionáveis sobre a mesa. Mas eles não o

fazem porque não podem. Uma coisa é provar que a gravidade existe, outra é provar *cientificamente* (de modo empírico) que um mecanismo evolutivo desconhecido nos tenha produzido.

Os críticos do *design* inteligente não percebem como soam tolos e como são dependentes dessa mesma teoria para fazer a evolução funcionar. Considere o que Sharon Begley escreveu na seção "Science Journal" ["Jornal de Ciências"] do *Wall Street Journal*. Ao rejeitar os argumentos do *design* inteligente para explicar a origem do universo, ela "toca" a canção evolucionista: "A evolução poderia tê-las cooptado [às proteínas] quando estava formando os processos bioquímicos mais complexos dentro dos animais, incluindo-se as pessoas".[132] A evolução não é uma coisa, pessoa ou mesmo uma força. Não pode ser vista, tocada ou medida. Como tal, em termos dos elementos requeridos pela ciência para ser considerada ciência, a evolução, como entidade, não existe. Seguindo

pressupostos estritamente materialistas, a evolução em si mesma não pode ser estudada. Mesmo assim, os críticos do *design* inteligente atribuem personalidade, inteligência, *design* e propósito a esse fantasma milagroso que chamam "Evolução". Uma pessoa "poderia ter cooptado." Uma pessoa poderia ter formado coisas, mas a "evolução" não poderia, já que não é uma coisa: é um conceito. A evolução se tornou o novo deus dos materialistas com todos os atributos do Deus que eles negam com tanta veemência:

> Antes de abandonar esse aspecto da história de Darwin, vale a pena notar que alguns entre os mais fiéis apoiadores de Darwin estavam longe de ser racionalistas materialistas como às vezes são descritos. Até os não cristãos usaram a linguagem religiosa para contar sua história. Por exemplo, T. H. Huxley personalizou a "natureza", referindo-se a ela como "justa

> e paciente", "um anjo forte brincando por amor...". Em 1953, Julian Huxley admitiu que suas crenças tinham "algo da natureza de uma religião". A eminente bióloga Lynn Margulis referiu-se com sarcasmo ao neodarwinismo como "uma seita religiosa sem importância do século XX dentro da crescente persuasão religiosa da biologia anglo-saxônica".[133]

A evolução não é pessoa nem força; é o nome do mito que permite a seus propagadores livrar-se de Deus em nome da ciência. Da mesma forma que o filósofo grego Epicuro (c. De 341-271 a.C.) os evolucionistas modernos não querem "o Deus que possa desviar nossos planos e desorganizar nosso dia". Da mesma forma que Epicuro, os evolucionistas não querem o Deus "que esteja ativamente envolvido nos assuntos do mundo e que nos julgue no vindouro". Crer em um Deus como esse "é uma maneira infalível de destruir a

paz e felicidade pessoal".[134] Essa é a razão pela qual os fatos não importam para a maioria dos evolucionistas. Eles têm uma cosmovisão para empurrar, e ela se manifesta no tribunal dividido em Massachusetts que autoriza casamentos homossexuais e aprova casamentos homossexuais pelo prefeito de São Francisco: "A motivação por trás do darwinismo nos dias de hoje é sua moral alternativa e visão metafísica, mais que a promoção da ciência".[135] O darwinismo "é teologia mascarada de ciência".[136]

Esses são os segredos escondidos. Esses são os fatos que os evolucionistas não querem conhecer. É por isso que eles protegem seu monopólio com ferocidade carnívora. Se alguém espalhasse que as implicações morais da evolução são duras, cruéis e pervertidas, talvez víssemos uma mudança dramática no apoio dessa mitologia que desfila como ciência. Então, enquanto isso não ocorre, é necessário martelar os absurdos do dogma evolucionista.

Ignorância intelectual

Para demonstrar como os críticos do *design* inteligente estão fora de sintonia, eles descrevem quem crê que Deus projetou e criou o mundo como obscurantista medieval. Os editores do *Atlanta Journal-Constitution* escrevem: "Se a fé substituir a ciência como padrão nas salas de aula da Geórgia, pode-se esperar o banimento dos globos das aulas de geografia para aplacar quem acredita que a terra é plana? A alquimia receberia a mesma atenção que a química?". Até Jimmy Carter, que parece estar do lado errado em tantas questões, não pôde evitar atacar esse espantalho: "Não há necessidade de ensinar", diz Carter num artigo do *Associated Press*, "que as estrelas podem cair do céu e aterrissar na terra plana para defender nossa fé religiosa". Por favor, diga-me quem na comunidade do *design* inteligente ou do criacionismo científico ensina que a terra é plana,

ou mesmo que *tenha ensinado* que a terra é plana?

Carter e a equipe editorial do *Atlanta* estão muito desinformados sobre história e ciência. Washington Irving popularizou o mito da terra plana no século XIX quando publicou sua biografia de Cristóvão Colombo em três volumes. Colombo não discutiu com cientistas e cartógrafos do seu tempo sobre se a Terra era redonda ou plana, conforme Irving alega, mas sobre o tamanho da Terra. A crença na terra redonda era aceita como fato científico na era pré-iluminista. Sugiro que Carter e os editores do *Atlanta* leiam *Inventing the Flat Earth* [*A invenção da terra plana*], do estudioso da era medieval dr. Jeffery Burton Russell, professor emérito da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, para que possam ver como os argumentos do seu espantalho não se alinham com os fatos da história.

E o que dizer sobre a alquimia? Depois de ler tanta literatura pró-evolucionista, parece-me que os evolucionistas são os alquimistas. Eles

creem que a matéria altamente organizada e orgânica evoluiu da matéria inorgânica. Para tornar as coisas ainda mais improváveis, eles não têm como explicar a matéria original que lhes permite avançar com suas teorias irracionais. De onde veio o próton superdenso que alegam conter o cosmo físico inteiro no distante passado sombrio antes da faísca da "Grande Explosão" [Big Bang]? Os evolucionistas alegam que é necessário fé para crer no *design* inteligente e que, portanto, ele está fora do âmbito da ciência. O evolucionista Lynn E. Elfner alega poder "demonstrar a evolução em um tubo de ensaio". Seu primeiro problema é contabilizar o que foi usado no tubo de ensaio.[137]

Só os evolucionistas podem fazer ciência?

Muitos evolucionistas alegam, em especial os professores de nível universitário, que quem

não crê na evolução não pode ser um cientista legítimo. Carter deixa isso implícito quando afirma: "Como cristão, engenheiro e cientista formado, e professor da Emory University [onde ele não ensina ciência], fico envergonhado pela tentativa da superintendente Kathy Cox de censurar e distorcer a educação dos alunos da Geórgia".[138] Apelar para a formação acadêmica não o transforma em uma autoridade nesta questão. Carter não fez ciência de verdade desde os dias na Marinha.

O dr. Michael Behe, um respeitado professor de bioquímica que também se graduou na Emory University e agora ensina na Lehigh University, apontou numerosas falhas científicas e lógicas no raciocínio evolucionista no livro *A caixa preta de Darwin*. O ponto é: os cientistas discordam da questão das origens com base nos estudos das evidências. Anti-intelectuais são os censores que controlam a educação e não permitem que cientistas como Behe sejam ouvidos

no ambiente acadêmico. Os evolucionistas não querem que os setores educacionais do Estado saibam que sua teoria tem tanta credibilidade quanto o vociferante Mágico de Oz.

Propaganda não produz seguidores

Alguns afirmam que a dificuldade para refutar argumentos como os de Behe se encontra no fato de o público não ter conhecimento suficiente de ciência. Esse é o argumento de Steven Schafersmann, que ensina biologia, geologia e ciência ambiental na Universidade do Texas de Permian Basin em Odessa, Texas. Ele ataca os criacionistas com a seguinte linha de argumento:

> Nós [evolucionistas] reconhecemos o absurdo dos argumentos de Behe porque entendemos de lógica e somos treinados em ciência, mas somos apenas 5% da

> população. O sucesso do criacionismo depende do analfabetismo científico dos cidadãos em geral — razão para a aceitação do criacionismo. Um sofisma, por definição, é convincente para quem não percebe que se trata de um sofisma.

Os evolucionistas estão no controle das escolas públicas (do governo) nos EUA há quase um século. O evolucionismo é promovido em filmes (*Jurassic Park*, *X-Men*, *A marcha dos Pinguins*), livros populares (*Cosmos*, de Carl Sagan,[139] *The Berenstain Bears*),[140] séries de TV (*Dogs and more Dogs*), editoriais de jornais, jornais científicos (*Scientific American*), revistas (*National Geographic*) e museus. Se a população em geral não é suficientemente sofisticada para entender a evolução, então a culpa é das escolas e nós devemos dizer que dos próprios evolucionistas, uma vez que eles controlam o currículo de ciências. Com seu quase monopólio

educacional, os evolucionistas não foram capazes de convencer a maioria dos americanos da validade de suas teorias. Muitos que estão convencidos não entendem a evolução. Isto atua a favor dos evolucionistas. Um leitor escreveu ao *Atlanta Journal-Constitution*, em resposta à controvérsia sobre o evolucionismo na Geórgia: "Vírus [...] evoluem." Ele considera isso a "prova" da verdade da evolução. Vírus podem sofrer mutações, mas não importa o quanto mudem, permanecem vírus. Se a evolução é apenas uma mudança dentro da mesma espécie, então somos todos evolucionistas. Mas a mudança dentro da mesma espécie não é suficiente para fazer a evolução funcionar. Para que a evolução seja uma teoria com pernas, uma nova espécie deve emergir, não uma variedade do original. Cruzar cães ou gado para melhorar e perpetuar certas características desejáveis não é evolução.

A evolução das relações públicas

A fim de conseguir que as pessoas creiam no mito "da molécula ao homem", os evolucionistas criaram duas formas de evolução: a versão das relações públicas, que alega o envolvimento de Deus no processo evolutivo, e a versão ateísta: Deus não existe. Equivocar-se no significado da palavra "evolução" é o primeiro passo para acabar comprando a versão ateísta. Considere como Tim Berra, professor de zoologia da Universidade Estadual de Ohio, define a evolução:

> Todas as coisas evoluem, no sentido de "resultar em modificação", quer seja na política governamental, religião, carros esportivos, ou organismos. O revolucionário Corvette de fibra de vidro evoluiu dos ancestrais automotivos comuns em 1953. Outros pontos altos no refinamento evolutivo do Corvette

incluíram o modelo de 1962: o original de 2,6 metros foi encurtado para 2,5 e o novo modelo cupê Stingray foi lançado; o modelo de 1968, precursor da morfologia do Corvette de hoje, surgiu com painéis de teto removíveis; e o modelo de 1978, comemorativo dos 25 anos, com estilo "fastback".[141] A versão de hoje dá continuidade às etapas de refinamento que vêm se acumulando desde 1953. O ponto é que o Corvette evoluiu ao longo de um processo de seleção sobre variações que resultaram em uma série de formas transitórias e no ponto final bastante distinto do inicial. Processo semelhante dá forma à evolução de organismos.[142]

Qualquer pessoa com um mínimo de bom senso sabe que a analogia com o Corvette é enganosa. O primeiro Corvette foi projetado por alguém, da mesma forma que cada novo modelo. A evolução

começa com a premissa de que não há projetista, e as mudanças são aleatórias ou, como Richard Dawkins as descreve, “cegas”. Desde o conceito inicial até o primeiro modelo produzido, o Corvette não tem um único item aleatório. Não há nada cego nele. O evolucionista anticristão e materialista religioso Richard Dawkins é o modelo máximo de irracionalidade e cosmovisão cega quando escreve: “A biologia é o estudo das coisas complexas que dão a *impressão* de ter um *design* intencional”.[143] A evidência esmagadora desacredita a cosmovisão evolucionista, mas Dawkins tem uma religião para defender: “A recusa de ver o que está diante deles […] é o que faz com que os teóricos do *design* inteligente perguntem se há algo a mais motivando os cientistas materialistas com quem debatem, algo que os faça resistir à evidência científica concreta da existência do projetista”.[144]

O problema moral

Embora a maioria dos americanos ainda se mantenha cética sobre a evolução, há também uma grande dose de ignorância. Um leitor escreveu para o *Atlanta Journal-Constitution* argumentando que, uma vez que *A origem das espécies*, de Darwin, "não implica em uma orientação moral, nenhuma ideia de livre-arbítrio, nenhum conceito do espírito humano ou base escatológica", essas questões deveriam ser "discutidas nos círculos da religião e filosofia, que não são incompatíveis com a teoria científica".[145] Eis aqui o problema: na sua raiz, o darwinismo é ateísta. Não há religião; não há deus e não há moral. Isso é exatamente o que os evolucionistas querem.

10

Em nome da tolerância

[Herbert] Marcuse foi um intelectual radical da moda da década de 1960 que acreditava que a tolerância e a liberdade de expressão serviam principalmente aos interesses dos poderosos. Então ele incentivou de forma aberta a "intolerância contra os movimentos de direita e tolerância para com os movimentos de esquerda". Para restaurar o equilíbrio entre opressores e oprimidos, argumentava, a doutrinação de alunos e a censura "profundamente generalizada" dos opressores seriam necessárias, a começar pela faculdade. No final dos anos 80, muitos dos duplos padrões incentivados por Marcuse estavam em voga.[146]

De que maneira os cristãos perderam instituições inicialmente cristãs como Harvard, Yale e Princeton para os humanistas? Os

humanistas jamais dispararam um tiro. A conquista aconteceu por meio do espírito generoso de aceitação de pontos de vista menos ortodoxos em nome da tolerância. Na sua fundação, Harvard exigia que os alunos baseassem seus estudos nos fundamentos da cosmovisão bíblica abrangente, tendo Jesus Cristo como base. A diretiva foi codificada em 1636 na seguinte declaração:

> Que cada aluno seja instruído de forma plena sobre, e incisivamente pressionado a considerar bem, o objetivo final da sua vida e estudos: *conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna* (Jo 17.3), e assim colocar *C r i s t o* como único fundamento de todo o sólido conhecimento e aprendizado. E tendo em vista que só o Senhor concede sabedoria, cada um se ponha seriamente em oração secreta para buscá-la nele (Pv 2.3).

Harvard permaneceu firme nas diretrizes desta simples, mas, profunda diretiva até a presidência de Increase Mather (de 1685 a 1701). Seus jovens colegas o consideravam conservador demais, ou inflexível, sem contato com sua geração. Mather com frequência se ausentava da escola. Ele viajava muitas vezes à Inglaterra na tentativa de assegurar a concessão da escola e da própria colônia. Durante suas viagens ao exterior alguns começaram a promover "um espírito de inovação n o *campus*. Os principais incentivadores do 'espírito amplo e católico [universal]'".[147]

As mudanças não consistiram em ataques diretos à teologia ou à moral. Mas houve um incentivo à atitude de tolerância com relação às opiniões divergentes em áreas onde o consenso não parecia afetar questões centrais. Com o tempo, houve não apenas a quebra das crenças doutrinárias, mas também das questões morais. Samuel Eliot Morison descreve a vida em Harvard no primeiro quarto do século XVIII em termos

bem modernos:

> Foi uma era de turbulência interna: pois [o presidente Benjamin] Wadsworth não era um disciplinador e os jovens sentiram os limites puritanos se tornarem rapidamente obsoletos. Os registros da faculdade, que se iniciam com a administração de Wadsworth, estão cheios de "bebedeiras", roubo de aves, xingamentos profanos, jogos de carta, cobras vivas nos aposentos dos tutores, "rum" nas salas da faculdade e "festas desavergonhadas e escandalosas em várias noites no pátio da faculdade".[148]

Por volta de 1805, Harvard designou um unitarista, Henry Ware, para o mais alto posto de Teologia. Harvard agora estava perdida. A porta da tolerância havia sido aberta em nome do espírito do jogo justo e espírito pacífico. Porém,

uma vez que os invasores conseguiram entrar, a ortodoxia puritana originária foi deixada do lado de fora para sempre.

Uma vez que a inclinação para o liberalismo teológico e a libertinagem moral aconteceu de maneira gradual, mas metódica, os proponentes da cosmovisão minoritária e de oposição estavam dispostos a esperar o tempo propício e como conservadores prepararam o cenário para sua própria autodestruição. Os conservadores acreditaram que "bancar o bonzinho" e convidar a oposição para a festa em termos de "diálogo" e "entendimento mútuo" traria aceitação e boa vontade. Não acredite nisso; jamais acredite nisso!

Cuidado com o diálogo

A armadilha mais recente está sendo armada por quem deseja dialogar sobre a questão do homossexualismo. Charles C. Haynes, professor sênior do First Amendment Center [Centro da

Primeira Emenda] em Arlington, Virgínia, escreveu: “Quando o assunto é homossexualismo nas escolas públicas, não precisamos concordar com o que está certo ou errado. Mas ao trazer os dois lados da questão à discussão, pode-se encontrar paz”.[149] Você pode imaginar o que teria acontecido se a mesma abordagem tivesse sido utilizada com relação à segregação ou à escravidão? Os antissegregacionistas tiveram de entrar na batalha com os pés firmemente plantados no alto terreno da moral. Eles não fariam nenhuma concessão ao argumento da neutralidade moral. Sua melhor arma era o argumento de que a segregação e a escravidão eram injustas. Qualquer coisa menos e os negros ainda estariam se sentando no fundo dos ônibus cantando “nós venceremos”.

Por que o sr. Haynes não adota a mesma metodologia e apela aos evolucionistas para deixarem o dogmatismo da sua posição fora do debate a respeito das origens ao se engajarem em

um “entendimento mútuo” com os criacionistas? Os darwinistas não aceitariam isto. A esse respeito, os darwinistas merecem crédito. Eles defendem sua cosmovisão contra toda e qualquer oposição. Eles não cedem um centímetro. Quem dera os cristãos fossem tão valorosos e, atrevo-me a dizer, dogmáticos.

O *lobby* a favor do homossexualismo quer alcançar um único objetivo — quebrar a resistência contra o estilo de vida homossexual sem sequer discutir o que os homossexuais realmente fazem. É óbvio, pela maneira como as regras para o “entendimento mútuo” são desenhadas, que a pessoa com pontos de vista contrários à natureza imoral do homossexualismo não poderia participar. Além disso, não há um padrão pelo qual as decisões morais últimas sejam tomadas. No final, os dois lados só podem concordar com a discordância. Quando a concessão for feita, os homossexuais terão vencido.

Via de mão única

Durante décadas, a religião, em geral, e o cristianismo, em particular, foram excluídos das escolas públicas do governo em nome da Primeira Emenda. Quantas vezes escutamos a ACLU e o grupo Americans United for Separation of Church and State [Americanos Unidos pela Separação entre Igreja e Estado] usarem a Primeira Emenda para manter os debates sobre a religião e a origem das coisas fora das escolas? É por isso que o sr. Haynes dissimula ao argumentar o seguinte: "A liberdade religiosa e a liberdade de expressão são direitos inalienáveis garantidos para todos pela Primeira Emenda da Constituição." A Primeira Emenda é uma via de mão única. É usada para negar aos alunos com convicções religiosas o direito de se expressar na sala de aula. Ao mesmo tempo, a Primeira Emenda é utilizada para obter acesso para alunos privados da autoridade e

influência paternas.

Uma vez que as escolas públicas do governo se tornem favoráveis ao homossexualismo, a Primeira Emenda será utilizada para excluir toda a oposição. O argumento será que a oposição ao homossexualismo é um "tema religioso". A educação a favor da abstinência sexual é negada repetidas vezes porque muitos que a advogam estão operando a partir de um ponto de vista religioso. O mesmo é verdade a respeito do aborto e do *design* inteligente. Não nos deixemos enganar pela retórica do "entendimento mútuo"; ele é um lobo em pele de cordeiro.

É tempo de os cristãos ditarem as diretrizes, estabelecendo escolas próprias e as regras básicas para o acesso. Espero que tenhamos aprendido algumas lições com o que aconteceu em Harvard, Yale e Princeton.

11

Meus genes me forçaram a isso

"Fomos colocados no mundo para superar a natureza, sr. Allnut."[150]

A educação costumava ter contexto moral e finalidade. De fato, um dos documentos mais antigos dos EUA, a *Northwest Ordinance* [*Lei Noroeste*], aprovada pelo Congresso em 13 de julho de 1787, diz: "A religião, a moralidade e o conhecimento, sendo necessários para o bom governo e a felicidade da humanidade, escolas e meios de educação, deverão ser sempre estimulados".

> Fisher Ames, que trabalhou na redação da Primeira Emenda, declarou: "Nossa liberdade depende da educação, das leis e hábitos [...] ela é fundamentada na moral e religião, cuja autoridade reina no

coração, e na influência que produzem sobre a opinião pública antes que essa opinião governe os legisladores".[151]

Durante muitos anos colecionei artigos sobre explicações genéticas para várias anormalidades. Algumas eram relacionadas ao comportamento (comer demais) e outras relacionadas a doenças (câncer de próstata e mama). Em cada caso, entretanto, a causa genética é vista como indesejável. Medidas extraordinárias e investimentos são recomendados para corrigir as falhas. Quando os cientistas disseram ter descoberto o "gene da gordura", "a descoberta foi saudada por outros pesquisadores como indicação de que um dia remédios poderão corrigir desequilíbrios que fazem algumas pessoas serem perseguidas pelo desejo desenfreado de comida e ganharem peso extra enquanto outros permanecem magros".[152] Se a causa da obesidade é genética, como os homossexuais argumentam ser verdade a

respeito da sua "orientação", então por que a festa sobre a descoberta do "gene da gordura"? Se você é gordo, a culpa não é sua. Qualquer um que proponha o emagrecimento dos gordos, considerando-se a lógica homossexual, é "gordofóbico". Aqui estão alguns outros exemplos de condições relacionadas à genética:

- "Uma combinação genética raramente encontrada na população branca aumenta dramaticamente o risco de insuficiência cardíaca congestiva entre os negros."
- "Cientistas afirmam ter encontrado o gene que prediz se o câncer de próstata se desenvolverá até a forma mais letal."
- "Pesquisadores da Universidade McGill, em Montreal, descobriram o gene que causa uma desordem neurológica devastadora encontrada quase com

exclusividade entre as famílias ao longo da costa norte de Quebec."

- "Uma equipe de pesquisa de duas universidades do Oriente Médio desenvolveu uma nova forma de modificar geneticamente células em ratos vivos; oferecendo novas possibilidades na guerra contra o câncer e outras enfermidades."[153]
- "Alguns de nós, ao que parece, nascemos para ser maus. Os cientistas dizem que estão a ponto de identificar as anormalidades genéticas e bioquímicas que predispõem aqueles que as têm à violência. Um artigo no jornal *Science* [...] trazia o seguinte título: 'Encontrada evidência do possível gene da agressividade'."[154]
- "Homens aparentemente saudáveis com peso e níveis de colesterol normais correm risco três vezes maior de ataque cardíaco

se tiverem uma variação comum de um determinado gene, afirmam pesquisadores."[155]

- "Os cientistas do Salk Institute afirmam ter descoberto um gene que dispara certas formas de leucemia, uma descoberta que pode levar ao desenvolvimento de um teste de rastreamento dentro de poucos meses."[156]
- "Pesquisadores descobriram uma enzima cerebral que aumenta o desejo por gordura — e uma maneira de bloqueá-la sem afetar o apetite por alimentos mais saudáveis."[157]
- "Por que os jogadores frequentemente apostam mais depois de ter perdido uma jogada? Ou por que investidores jogam dinheiro fora? A resposta pode estar na ciência do cérebro."[158]
- "O racismo pertence à natureza humana ou é algo aprendido da sociedade? Nem

uma coisa nem outra, diz uma equipe de psicólogos que, apesar das críticas, argumenta que o racismo representa um efeito colateral acidental da evolução."[159]

- Um artigo publicado pouco tempo atrás em *The Sciences*, revista da Academia de Ciências de Nova York, afirmou que "o estupro é um fenômeno 'natural, biológico', que se origina na urgência evolutiva da reprodução masculina."[160]

O determinismo biológico é a regra dos dias de hoje. Isso era esperado, uma vez que as principais universidades que trabalham com pesquisa apostaram no mito do darwinismo. De que outra forma estes pesquisadores científicos "comprados e pagos" poderiam explicar o comportamento? Não há conceitos de realidade fora da biologia. Pecado? A queda da humanidade? Autocontrole? Autodeterminação? O que são essas coisas? Todo

comportamento deve *ter* origem biológica em razão dos pressupostos evolutivos.

Não há nada de novo nisso. As reminiscências da cosmovisão teísta impediram os evolucionistas de serem verdadeiramente coerentes. Os cientistas que alegam ser o estupro um "fenômeno 'natural, biológico'"[161] admitem que os "estupradores são responsáveis pelo estupro e devem ser punidos". Mas, por quê? De que maneira o evolucionista explica a moralidade com base nos pressupostos materialistas? O determinismo biológico causa desconforto às pessoas. Eles o entendem como "ameaça ao livre-arbítrio e à responsabilidade pessoal, citando títulos do tipo: "O advogado argumentou: Os genes do homem o fizeram matar". Os geneticistas comportamentais às vezes são alvos de piquetes, censurados ou comparados com os nazistas".[162]

Essa linha argumentativa me lembra de uma cena do filme *A Rainha Africana* (1951). Charlie

Allnut (Humphrey Bogart) e Rose Sayer (Katherine Hepburn) estão viajando pelo rio Ulanga, muito perigoso, na África, durante a Primeira Guerra Mundial, na tentativa de escapar da captura dos alemães. Rose é uma missionária cristã conservadora e Charlie ganha a vida operando um pequeno barco de correio entregando mercadorias. Em contraste com o caráter de Rose, Charlie é um pouco mais liberal e gosta demais de beber gim. Após um dos seus regulares embates com sua garrafa e depois de ter desmaiado, Charlie acorda e vê Rose jogando o conteúdo de uma de suas preciosas garrafas de gim no rio. Charlie está visivelmente contrariado ao lhe pedir: "Ah, senhorita. Tenha piedade, senhorita. Você não sabe o que está fazendo, senhorita. Eu vou morrer sem um pelo de cão. Ah, senhorita, isso não lhe pertence". Ao perceber que não está conseguindo nada com essas palavras, ele tenta uma abordagem mais sutil:

> Que tal o Livro, senhorita? [referindo-se à Bíblia]. Bem, não é que eu não queira lê-lo, quer dizer, a minha pobre mãe costumava ler historias da Bíblia para mim. Que tal ler em voz alta? Um pouco de consolo espiritual com certeza me cairia bem.

Como não recebe atenção, Charlie libera suas emoções e grita com ela: “E você se diz uma cristã! Está me ouvindo? Não está? Não está? Hein?”. Ela esboça apenas uma pequena reação, mas não diz uma palavra. Ele se afasta e vai limpar a válvula do *boiler* que tem a forma de uma cruz — símbolo do impacto que Rose exerce sobre ele e sua situação. Ele pede misericórdia: “Por que você está sendo tão má, senhorita? Um homem bebe um pouquinho de vez em quando; é apenas a natureza humana”. Sem olhar para ele, ela diz o seguinte: “Fomos colocados no mundo para superar a natureza, sr. Allnut”.

Pinguins, vômito de cachorro, canibalismo e sexualidade humana

And Tango Makes Three [*Com Tango são três*] é um livro infantil ilustrado sobre dois pinguins machos que criam um bebê pinguim. É baseado na história verdadeira de dois pinguins machos do zoológico do Central Park da cidade de Nova York que "adotaram" um ovo fertilizado e criaram o pinguinzinho como seu. Alguns pais preocupados consideram o livro uma peça de propaganda homossexual e querem removê-lo das prateleiras da biblioteca. Os pais deveriam dar permissão para que sua filha levasse o livro emprestado. Não há duvida de que o livro está sendo "empurrado" como material homossexual para preparar as mentes jovens para a propaganda mais sofisticada. Em *Biological Exuberance* [*Exuberância biológica*], por exemplo, o autor Bruce Bagemihl afirma: "De fato o mundo está

repleto de criaturas homossexuais, bissexuais e transexuais de todos os matizes e penugens [...] Desde a abelha das plantações de mirtilo, do sudeste dos EUA, até mais de 130 espécies diferentes de pássaros em todo o mundo, os 'pássaros e as abelhas' são, literalmente, homossexuais".[163]

Aqui está a premissa: tudo que os animais fazem na natureza é natural. O natural é normal. O normal é moral. Assim, se os pinguins apresentam comportamento homossexual, então esse comportamento deve ser natural, normal e moral. Como podemos nós, meros mortais, impor nossas regras de comportamento sexual sobre o que é natural no reino animal? Os homossexuais inferem que as práticas naturais dos animais na natureza também se aplicam ao que os animais superiores podem fazer naturalmente sem julgamento. No entanto, o modelo animal inferior/animal superior se rompe quando outros comportamentos chamados naturais nos animais

são considerados. Por exemplo, a Bíblia declara: "Desse modo, aconteceu-lhes o que diz este provérbio verdadeiro: O cão volta ao seu vômito [Pv 26.11], e a porca lavada volta a revolver-se no lamaçal" (2Pe 2.22). Agora eu gostaria de ver propagandistas homossexuais explicarem como esses comportamentos poderiam representar a normalidade do comportamento animal e seus paralelos humanos.

Considere o caso de Timothy Treadwell mostrado no filme *O homem urso*. Ele viveu entre ursos durante 13 anos e pensava neles como sua "família". Em 2003, Treadwell e sua companheira Amie Huguenard, foram violentamente atacados e quase despedaçados por um dos ursos-cinzentos do Alasca que ele considerava parte da família animal. Enquanto pensava nos ursos como irmãos e irmãs, os ursos pensavam nele como comida. E houve também o caso de Armin Meiwes, que matou e comeu o sr. Bernad Jürgen Brandes, de 43 anos de idade.[164] O que o sr. Meiwes fez de

errado, considerando a premissa de que o comportamento animal é um modelo normativo para o comportamento humano?[165]

Alguns anos atrás, vi uma propaganda para um especial de televisão no canal Turner Network: "The Trials of Life" ["As provações da vida"]. A propaganda de página inteira mostrava uma montagem fotográfica de seis animais, um dos quais era uma águia careca, com a seguinte legenda: "Descubra como a face da natureza é semelhante à sua. A maneira como você ama, luta, cresce, tudo tem suas raízes no reino em que todos nós vivemos: o reino animal". A relação aqui é óbvia: os seres humanos estão apenas a um passo evolutivo dos *outros* animais. Em termos bíblicos, homens e mulheres não são animais. Deus não criou Adão a partir de um animal preexistente.

Enquanto navegava pelos canais de TV, eu me deparei com a segunda parte da série de seis episódios do programa *The Trials of Life*. Logo descobri o que Benjamin Franklin queria dizer

quando descreveu a águia como um pássaro de "mau caráter moral". Com dois pequenos filhotes no ninho e sem comida suficiente, a mamãe águia permite que o mais fraco morra. Depois canibaliza o filhote morto e com ele alimenta o sobrevivente. Isto era natural ou não? Será esse um comportamento animal moral que devemos copiar? Como podemos saber? Deveríamos seguir o exemplo das águias ou só o dos pinguins homossexuais?

Não devemos esquecer outros comportamentos animais "naturais". Os animais estupram com regularidade. Deveríamos fazer a mesma relação que os homossexuais querem fazer com relação aos pinguins? Se o comportamento homossexual dos pinguins serve de modelo para sexualidade humana, então por que o estupro entre humanos não pode ser tratado da mesma maneira? Tão difícil quanto possa parecer, a conexão foi feita. Randy Thornhill, um biólogo, e Craig T. Palmer, um antropólogo, tentaram demonstrar, em

seu livro *A Natural History of Rape*: Biological Bases of Sexual Coercion [*A história natural do estupro:* bases biológicas da coerção sexual][166] que os princípios evolutivos explicam o estupro como uma "estratégia geneticamente desenvolvida e sustentada ao longo de gerações da vida humana por ser uma forma de seleção sexual — uma estratégia reprodutiva de sucesso". Eles prosseguem argumentando, entretanto, que embora o estupro possa ser explicado pela genética em termos evolutivos, isto não torna o comportamento moralmente correto. Sem dúvida não existe, de acordo com os pressupostos darwinistas, nenhuma base moral para a condenação do estupro. O mesmo poderia ser dito quanto ao comportamento homossexual e o restante. Se somos mesmo produtos da evolução, então não pode haver julgamento moral a respeito de nada. Então, se os homossexuais querem usar pinguins como modelo moral, precisam tomar todos os comportamentos animais em

consideração para construírem sua cosmovisão moral. Caso devamos seguir o mundo animal tendo como parâmetro pinguins homossexuais e, portanto, considerarmos o comportamento homossexual humano normal, então devemos ser coerentes e seguir o mundo animal com relação ao estupro, à ingestão dos próprios filhos, e também dos vizinhos, descriminalizando todos esses comportamentos.

Sem recorrer ao padrão moral fixo acima da natureza, não há como criticar a "moralidade animal". As escolas públicas não têm onde buscar uma cosmovisão moral que não acabe por lhes causar problemas com a ACLU e os tribunais seculares.

Parte III
Dispensa da mitologia educacional

12

Abandono das fábulas

"Eu te exorto diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela sua vinda e pelo seu reino, prega a palavra, insiste a tempo e fora de tempo, aconselha, repreende e exorta com toda paciência e ensino. Porque chegará o tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, desejando muito ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo seus próprios desejos; e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão para as fábulas" (2Tm 4.1-4).

Esta é uma era em que fábulas, lendas, fraudes[167] e conspirações estão por todos os lados. Grande parte do crédito duvidoso dado a esse fenômeno provavelmente resulta da sempre presente *internet*. Invenções mitológicas viajam à

velocidade da luz e encontram a forma de abrir caixas de entrada de *e-mails* de leitores desavisados e crédulos que as abraçam como verdade evangélica. Alex Boese, autor de *The Museum of Hoaxes* [*O museu dos embustes*], escreveu: "o engano nos envolve em todos os lugares: na TV, no rádio, nos jornais e na *internet*. Em sua breve existência, a *internet* se tornou a grande incubadora de todas as mentiras, rumores e ideias semiprontas imagináveis. Os murais de mensagens da *internet* estão cobertos de calúnias e falsas acusações".[168] Porém, como Boese demonstra mais tarde com uma longa história de exemplos, não há nada novo em jogar areia nos olhos dos crédulos. Isso acontece há muito tempo. De fato, quanto mais inacreditável é a história, mais pessoas querem crer nela. Para tomar emprestado o texto de Tertuliano (c. de 160-225 d.C.), citado com frequência, apesar de ser mal-compreendido, de certa maneira estranha, para algumas pessoas, crer no absurdo é

considerado o caminho para a verdadeira fé e conhecimento.[169]

A era pós-iluminismo, com ênfase na razão e em fatos neutros, não foi o esperado como antídoto. As disciplinas acadêmicas não estão imunes à perpetuação de fábulas, lendas e fraudes — vale tudo, desde o mito da terra plana perpetuado por Washington Irving no livro de três volumes *History of the Life and Voyages of Christopher Columbus* [*História da vida e das viagens de Cristóvão Colombo*][170] e as alegações de que o "Homem de Piltdown" era o elo evolutivo perdido, até a insistência de alguns de que o pouso na lua foi forjado[171] e que o 11 de setembro foi uma conspiração do governo.[172]

Charles Babbage (1791-1871), cientista e matemático inglês que concebeu a ideia de um computador programável, entendia que, não raro, até os cientistas eram culpados de manipular provas para adicionar credibilidade a uma teoria. Ele descreveu três tipos de conduta errada: forjar,

cortar e cozer:

> Forjar era a invenção direta dos dados que, felizmente, era rara. Cortar era a "massagem" cosmética dos dados, de forma a mostrá-los da melhor forma; […] O cozimento significava se esquecer com discrição dos dados que não ajudavam ou se alinhavam com a hipótese […] Aparar e cozer não são tão incomuns, e se combinam no extremo no exercício do julgamento e experiência. Eles quase de forma invariável acompanham a certeza interior do cientista de que suas conclusões estão corretas e raramente precisam de mais evidências.[173]

Olhos cuidadosos e experientes estarão alertas para as tentativas de manipular as evidências a fim de apoiar a ideia preconcebida de uma teoria.

Fraudes históricas e científicas

De modo geral nos apegamos ao mito de que a comunidade científica de alguma maneira não é afetada pela propagação e disseminação de falsidades. Até os dias de hoje alguns evolucionistas continuam a empurrar desenhos falsos de embriões[174] do biólogo alemão Ernst Haeckel (1839-1919), mesmo depois de terem sido expostos como fraudulentos em 1868 e além de alguns de seus outros enganos terem sido expostos no livro *Haeckel's Frauds and Forgeries* [*As fraudes e falsificações de Haeckel*].[175] Livros-textos modernos continuam a incluir os desenhos de sua teoria de que "a ontologia recapitula a filogenia" como provas da evolução. Por exemplo, em 2004 eles "foram usados como evidências para o darwinismo na décima edição do livro *Biology: Patterns and Processes of Life* [*Biologia: padrões e processos da vida*], de Starr e Targgart, e na terceira edição do livro

Biochemistry [*Bioquímica*] de Voet e Voet". [176] Uma vez na "tubulação" histórica, é difícil dar a descarga nessas histórias mitológicas que percorrem o meio educacional.

Considere o debate entre Thomas Henry Huxley e Samuel Wilberforce (1805-1873), bispo de Oxford, sobre a credibilidade da tese de Darwin apresentada na publicação de 1859 de *Sobre a origem das espécies*. O debate aconteceu em uma reunião da Associação Britânica em Oxford, em 30 de junho de 1860. A seguinte descrição do debate aparece "em *todas* as biografias importantes de Darwin e de Huxley, bem como em todas as histórias populares da teoria da evolução".[177] Aqui está a frequentemente citada descrição do que supostamente aconteceu no debate:

> Encontrava-me bem feliz por estar presente nessa ocasião memorável em Oxford, quando o sr. Huxley encarou o

bispo Wilberforce. […] O bispo se levantou e em um leve tom de escárnio, florido e fluido, nos assegurou de que não havia nada na ideia de evolução. Então, voltando-se para seu antagonista com uma insolência risonha, implorou para saber se era através do seu avô ou da sua avó que ele descendia do macaco? O sr. Huxley se levantou de forma lenta e deliberada. Uma figura alta e magra, séria e pálida, muito quieta e grave, pôs-se de pé diante de nós e falou estas tremendas palavras — palavras das quais ninguém parece ter certeza agora, nem penso eu poderiam lembrar, logo depois de terem sido ditas, pois o seu significado tomou o nosso fôlego, embora nos tenha deixado sem nenhuma dúvida do que se tratava. Ele não tinha vergonha de ter um macaco como ancestral; mas se envergonharia de ter conexões com um homem que usasse

> seus dons para obscurecer a verdade. Ninguém tinha dúvida do que ele queria dizer e o efeito disso foi tremendo.[178]

Esse relatório da "testemunha ocular" do debate apareceu pela primeira vez em outubro de 1898 na edição da *Macmillian's Magazine*, no artigo intitulado "A Grandmother's Tales" ["Uma história da vovó"], quase 40 anos depois do ocorrido! Nenhum outro relatório do debate entre Huxley-Wilberforce "mencionava observações a respeito dos ancestrais macacos de Huxley ou que ele tivesse ridicularizado o bispo. Ao contrário, muitos pensaram que o bispo havia se saído melhor no debate, e até muitos darwinistas comprometidos consideraram o debate como no máximo um empate".[179]

Então por que esse relato não substancial do debate persiste? J. R. Lucas oferece a seguinte explicação: "a discussão entre religião e ciência se seguiu não por causa do que Wilberforce disse,

mas por ser o que Huxley queria; e como as teorias de Darwin ganharam adeptos, eles assumiram a visão dele do incidente,"[180] apesar de a própria correspondência de Darwin declarar que ele viu mérito em alguns dos argumentos de Willberforce, publicados na revisão anterior de *Sobre a origem das espécies*. Darwin escreveu: "'A propósito, o bispo tem muito a dizer contra mim'. De fato, vários dos comentários de Wilberforce fizeram com que Darwin fizesse modificações na revisão posterior do livro".[181] A cena fabricada é usada como propaganda, uma ferramenta para desacreditar qualquer crítico que ouse mostrar o mito por trás da mensagem.

O preço dos resultados

Carreiras, reputações, o desejo de posse e financiamento do governo muitas vezes estão por trás da perpetuação de fábulas como fatos científicos. No discurso de despedida de 17 de

janeiro de 1961, o presidente Dwight D. Eisenhower descreveu de que maneira os recursos do governo poderiam atrapalhar o que deveria ser a pesquisa e descoberta científica objetiva:

> As perspectivas de dominação dos mestres da nação através de um emprego federal, as verbas para os projetos e o poder do dinheiro estão sempre presentes — e isto deve ser considerado com seriedade. Entretanto, no que diz respeito à pesquisa e descobertas científicas, devemos estar sempre alertas para o perigo igual e oposto de que as próprias políticas públicas possam se tornar cativas de uma elite científico-tecnológica.[182]

Indo direto ao ponto, algumas pessoas, incluindo-se cientistas, farão quase tudo por dinheiro, poder e prestígio — até mesmo mentir! Para dizer isso de maneira mais suave: “Como outras pessoas, os

cientistas estão interessados em ver seus projetos florescerem, e o seu entusiasmo pode cegá-los para os possíveis efeitos negativos do seu trabalho".[183]

Alguns dos maiores cientistas do mundo não se encontram imunes à possibilidade de falsificação dos resultados de suas pesquisas.[184] Um autor chega a ponto de descrever algumas afirmações científicas como "más e falsas".[185] David Stove, um evolucionista, chama alguns dos argumentos darwinistas em defesa do evolucionismo de "contos de fada" e "fábulas".[186] Um alto preço às vezes é pago pela quebra de mitos científicos. Quando o dr. Peter Duesberg, um professor de biologia molecular e celular da Universidade da Califórnia — Berkely, sugeriu "que o HIV poderia não ser a causa da AIDS e que a AIDS poderia ser nada mais que uma coleção de doenças diagnosticadas como AIDS quando o HIV está presente", ele "foi transformado em um leproso

científico, seus argumentos nunca receberam consideração séria."[187] De acordo com Ghislaine Lanctôt, médica franco-canadense e autora do livro *Medical Mafia*: How to Get Out of It Alive and Take Back Our Health and Wealth [*Máfia médica*: como sair dela com vida e retomar a posse da saúde e dos fundos], existem repercussões para a escolha de uma estrada menos viajada, ou seja, a estrada não pavimentada com dinheiro público:

> Varas são usadas para bater em você caso não siga o rebanho. Pessoas desobedientes são as que não servem ao dinheiro grande. A primeira é a "vara da exclusão". Você será demitido. Isso impede que 95% das pessoas se manifestem.
>
> A segunda vara é a da desapropriação. Você perderá seu título, terá o direito aos títulos revogado, perderá o prestígio, será humilhado. Seu dinheiro lhe será tomado.

> Sua casa, seu carro [...] qualquer coisa que faça com que você se cale.
>
> Se isso não for suficiente, então a terceira vara é a da "eliminação". Você será mandado para a cadeia ou para uma instituição para doentes mentais [...] A questão é: "você vai ter medo das varas"?[188]

Existe uma quarta vara. Se você não concordar com as diretrizes do momento, você nem sequer conseguirá um emprego, para começar. Ninguém quer problemas, em especial quando o dinheiro do governo está em jogo.

Os cristãos não estão imunes

Os cristãos não estão imunes a histórias não confirmadas que são passadas adiante como fatos. Até hoje, relatórios de que a "famosa ateísta Madalyn Murray O'Hair está solicitando ao

governo federal que impeça todas as transmissões religiosas”[189] ainda sobejam, mesmo depois de sua morte em 1995.[190]

As fábulas mais difíceis de debelar são as baseadas em alguma autoridade considerada inquestionável,[191] quer seja a ciência ou as Escrituras. Se nos disserem que a Bíblia ensina algo com respeito à história ou à teologia, então devemos crer. De fato, como cristãos, deveríamos defender a Bíblia de qualquer argumentação contrária. Mas a Bíblia não ensina o que alguns afirmam que ela ensina, então deveríamos rejeitar essas falsas alegações e considerá-las o que realmente são —*fábulas* (2Pe 1.16; Tt 1.14; 1Tm 1.4; 4.7).

Devemos tomar cuidado para não ir aonde a Bíblia não vai e defender coisas das quais a Bíblia nunca trata. A cosmovisão bíblica não significa que tudo que sabemos só pode se derivar das palavras da Bíblia. O estudo da criação de Deus é um empreendimento nobre e vale a pena.

Não deveríamos ter medo do que poderíamos encontrar ao olharmos através de um microscópio para ver as menores e mais próximas coisas que Deus criou ou ao olharmos através de um telescópio para ver os maiores e mais distantes elementos do cosmo criado e mantido pelo poder soberano de Deus (Cl 1.16,17; Hb 1.2). De fato, toda nova descoberta aumenta a confiabilidade das Escrituras mesmo que os materialistas tentem argumentar o contrário. Se fomos admoestados a "avaliar se os espíritos vêm de Deus" (1Jo 4.1), então isto nos deveria incumbir a todos a testar as afirmações tanto dos secularistas quanto dos santos para ver se também se conformam (At 17.11). Nem tudo que um cristão diz sobre todos os pontos do conhecimento é bíblico. Só porque alguém alega possuir autoridade divina ou proclama "Assim diz o Senhor", isto não o torna portador da verdade. Não nos apressemos em acreditar em coisas que possam agradar aos ouvidos. Discernimento requer prática (Hb 5.14).

13

Eles nunca disseram isso

"A história será boa para mim, pois eu pretendo escrevê-la."[192]

Os vencedores de qualquer disputa, seja intelectual, política ou militar, trabalham duramente para formular a história do conflito de forma que sua participação seja relatada de forma positiva. Assim, há uma grande quantidade de distorções na forma como a história é relatada. De modo a colocar o relato histórico sob a melhor luz possível para quem a lê pela primeira vez, às vezes os fatos são manipulados o suficiente para reforçar a impressão de que o lado certo de fato venceu a disputa e deixou a oposição na poeira. Há alguns casos em que fatos contrários nunca são trazidos à discussão para não levantar perguntas e dúvidas na mente dos leitores sobre se, para início de conversa, houve mesmo uma boa razão para

que o debate ou batalha acontecesse. E, e fato, alguns historiadores são capazes de fabricar versões próprias dos acontecimentos históricos e depois esperar que ninguém perceba ou verifique as fontes.

O mito da objetividade

Os fatos nunca são neutros e não falam por si mesmos.[193] Os fatos são alinhados para a defesa de uma posição e depois interpretados. Alguns fatos nunca chegam à mesa do intérprete. Gente demais acredita que apresentadores, jornalistas e cientistas apenas "relatam os fatos" destituídos de tendências, preconceitos ou interesses políticos. Isso quase não acontece, conforme destaca James Davison Hunter no livro *Culture Wars*:

> Pelo próprio ato de *selecionar* as matérias a serem cobertas, os livros a serem

> publicados e criticados, o filme e música a serem postos no ar e a arte a ser exposta, as instituições efetivamente definem os tópicos importantes e os temas relevantes — dignos de consideração pública. Além disso, na *substância* das matérias cobertas, livros publicados e criticados, arte exposta, e assim por diante, os meios de comunicação de massa atuam como um filtro através do qual nossas percepções do mundo que nos cerca tomam forma. Assim, por força das decisões tomadas pelos detentores dos meios de comunicação de massa — decisões aparentemente inócuas tomadas dia após dia e ano após ano — que trabalha nessas instituições exerce, de forma cumulativa, um enorme poder.[194]

O fato de uma notícia ocupar o espaço de trinta minutos no noticiário deveria fazer com que

todos nós questionássemos o conceito de neutralidade da reportagem ou de qualquer outra coisa. Notícia ou história pura, não filtrada, inexiste. Todas as notícias ou relatos históricos estão carregados de parcialidade, liberal ou conservadora; é o resultado de como queremos que o mundo seja visto.[195] Obviamente, o modo como *nós* vemos o mundo é o modo correto de enxergar o mundo. Qualquer um que veja o mundo de forma diferente procede da maneira errada. O âncora da *Network*, David Brinkley, certa vez admitiu: "A notícia é o que eu anuncio — é algo digno de tomar conhecimento de acordo com *meus* padrões!".[196] Saber disso ajuda a remover os véus interpretativos dos nossos olhos.

William Proctor, um repórter e autor veterano que trabalhou para o *Daily News* de Nova York, explica: "O evangelho [dos meios de comunicação] está enraizado em um tipo de teologia secular que pretende transmitir uma verdade social, moral e política infalível — uma

verdade que o jornal [*The New York Times*] promove com todo o zelo do mais radical propagandista".[197] Proctor descreveu o editorial e a política de coleta de notícias do *Times* como o "fundamentalismo de Manhattan", "um pacote bem definido, mas também bastante rígido, de pontos de vista que o jornal dissemina largamente para influenciar comportamentos e crenças políticas, sociais e pessoais".[198] Até a escolha das histórias mostra a parcialidade. Marvin Olasky escreveu: "Já que só o Deus onisciente pode realmente ser objetivo, a 'objetividade' humana é inerentemente tendenciosa, e os profissionais da TIME, reconhecendo este fato, cada vez mais enfatizam a subjetividade, mas isso também não é a solução".[199]

Em 1986, Robert Bazell, da NBC, admitiu: "A objetividade é uma falácia. [...] Existem opiniões diferentes, mas você não tem que lhes dar pesos iguais". Linda Ellerbee escreveu: "Objetividade é algo inexistente. Todo

repórter que afirme ser objetivo mente”.[200]

Não só os meios de comunicação

O campo friamente objetivo, racionalista e materialista da ciência alega ser imune à parcialidade. Pelo menos é nisso que os cientistas querem que os não cientistas como nós acreditem. A ciência não é um campo objetivo de estudo, e não opera de forma independente de certos pressupostos iniciais não empíricos, como Paul Davies, professor de Física Matemática, destaca:

> Não importa quão bem-sucedidas nossas explicações cientificas sejam, elas sempre contam com certos pressupostos iniciais inerentes. Por exemplo, a explicação de um fenômeno em termos da física pressupõe a validade de suas leis, consideradas insuspeitas. Mas alguém poderia perguntar de onde vêm essas leis,

> para início de conversa. Alguém poderia questionar até a origem da lógica do fundamento de todo esse raciocínio científico. Cedo ou tarde, todos aceitaremos algum pressuposto , seja Deus, a lógica ou um conjunto de leis, ou outro fundamento da existência. Dessa forma, as questões "últimas" sempre estarão além do escopo da ciência empírica de acordo com a definição geral.[201]

Além das questões "últimas", existem alguns pressupostos prevalecentes entre cientistas e filósofos materialistas que colorem os fatos. Como é possível dar razão a Lawrence Lerner, professor emérito da Universidade do Estado da Califórnia em Long Beach, quando ele diz: "Não há alternativa científica ao evolucionismo", e que todas as "opções são religiosas"?[202] Qualquer evidência apresentada que contradiga o modelo

evolucionista será desprezada de imediato como fictícia, criando uma armadilha interpretativa sem saída. Ao mesmo tempo, Lerner e outros evolucionistas argumentarão a respeito da própria objetividade científica quando avaliam os fatos. Mesmo um evolucionista como Stephen Jay Gould admitiu que os cientistas dispõem de um conjunto próprio de pressupostos que levam para o estudo dos fatos: "O estereótipo de um 'método cientifico' completamente racional e objetivo, com cientistas individuais como robôs lógicos (e permutáveis) é um mito que serve a si próprio".[203] Objetividade e neutralidade, com relação à defesa da cosmovisão individual, são mitos.

> Cuidado com o homem que lhe diz explicar — por completo — qualquer ação ou acontecimento humano complexo utilizando-se de dados "friamente objetivos", "verificáveis empiricamente",

> “estatísticos”. Ele se engana e talvez tente enganar você também.
>
> Para início de conversa, não vemos o mesmo acontecimento exatamente da mesma forma, muito menos o interpretamos do mesmo modo — nem mesmo os acontecimentos que não envolvem o fator complicador da intenção humana.[204]

Embora o estudo dos fatos históricos seja de imensa importância, não devemos nos esquecer de quem está sempre escolhendo os fatos que integrarão os livros e como eles deverão ser interpretados. Saber de antemão significa estar previamente armado.

Erros de citação em trabalhos acadêmicos

Erros de citação também desempenham

um papel nos relatos históricos fraturados quando um escritor cita outro sem perceber que o primeiro nunca baseou seu estudo em fontes documentais originais para apoiar suas alegações históricas. A citação ou referência é mencionada com tanta frequência por tantos autores em um número de fontes legítimas que *d e v e* ser verdadeira. Conservadores e liberais perpetuam mitos históricos de forma a emprestar credibilidade às respectivas causas. Infelizmente os enganados por narrativas de mitos históricos são os que, de forma genuína, querem saber a verdade e confiam em quem publica suas visões. Como espero demonstrar, essa disposição de confiar no que foi está impresso gerou a história distorcida do relacionamento entre religião e ciência e a história que chegou aos livros escolares. Nem mesmo os cristãos estão imunes.

O verdadeiro James Madison poderia, por favor, se levantar?

Durante anos, autores cristãos atribuíram a seguinte citação a James Madison (1751-1836), o quarto presidente dos EUA, educado em Princeton, na esperança de apoiar o argumento repetido com frequência de que os Dez Mandamentos serviram como sistema de leis de base para as constituições coloniais, os códigos jurídicos e a Constituição Federal:

> Apostamos o futuro completo da civilização americana, não sobre o poder do governo, longe disso. Apostamos o futuro de todas as nossas instituições políticas na capacidade de cada um de nós governarmos a nós mesmos, controlarmos a nós mesmos e nos sustentarmos de acordo com os Dez Mandamentos de Deus.[205]

Embora essa seja uma grande declaração, que

pode ser apoiada sem o endosso de Madison,[206] ninguém foi capaz de localizar a fonte documental originária que inequivocamente ligaria essa afirmação a ele. Minhas investigações me levaram só até a publicação de janeiro de 1958 de *Progressive Calvinism* [*Calvinismo progressivo*], onde a fonte da citação é um calendário de 1958 publicado pela *Spiritual Mobilization*. Qual a fonte da citação usada pela Spiritual Mobilization? Não se sabe.

Existe outra origem *possível* da citação. O bispo James Madison (1749-1812), primo do presidente Madison, serviu como presidente da Faculdade William & Mary e foi o primeiro bispo episcopal protestante do estado da Virgínia. Foi *este* James Madison que disse: "A boa moral só pode nascer do seio da religião".[207] Não seria difícil confundir os dois Madisons. De fato, ao nomear o que agora é a Universidade James Madison, "o colunista do *Daily News-Record* não estava mesmo convencido de que Faculdade

Madison homenageava o presidente James Madison. ‘Alguns afirmam’, escreveu o colunista, ‘que quem sugeriu que Madison fosse o novo nome não tinha o presidente em mente, mas sim o bispo James Madison’”.[208] Mesmo assim, não há evidência tangível de que mesmo este James Madison tenha feito essa afirmação. Até que alguém encontre evidências inquestionáveis do contrário, a atribuição da afirmação ao *presidente* James Madison ou ao *bispo* James Madison deve ser considerada forjada.

Ele nunca disse isso

Também existe a atribuição da seguinte citação ao historiador Alexander Fraser Tytler (ou Tyler) (1747-1813). Embora ela apoie o que muitos julguem importantes observações políticas sobre a ascensão e queda de nações, será que é autêntica?

A democracia é sempre temporária por natureza; ela não pode existir como forma permanente de governo. Uma democracia continuará a existir até os eleitores descobrirem que podem dar a si mesmos *generosos presentes* do tesouro público. Desse momento em diante, a maioria sempre votará em candidatos que prometam maiores benefícios do tesouro público, resultando que toda democracia acabará por entrar em colapso devido a políticas fiscais frouxas, o que sempre é seguido por uma ditadura.

A duração média das maiores civilizações do mundo desde o começo da história foi de mais ou menos duzentos anos. Nesses duzentos anos, essas nações sempre progrediram na seguinte sequência:

Da escravidão à fé espiritual;

Da fé espiritual à enorme coragem;

Da coragem à liberdade;
Da liberdade à fartura;
Da fartura à complacência;
Da complacência à apatia;
Da apatia à dependência;
Da dependência de volta à escravidão.

Da mesma maneira que a citação duvidosa de James Madison, o extrato de Tytler é citado com regularidade e encontrado muitas vezes em livros.[209] Embora tenha existido um Alexander Tytler, não há que coloque essas palavras na sua boca ou em qualquer dos seus trabalhos publicados. Ela supostamente poderia ser encontrada no livro de Tytler intitulado *The Fall of the Athenian Republic* [*A queda da República Ateniense*] ou *The Decline and Fall of the Athenian Republic* [*Declínio e queda da República Ateniense*]. Não existe esse livro em circulação ou que tenha sido atribuído a ele.

Outros afirmam que a citação pode ser localizada no livro de Tytler *Elements of General History*: Ancient and Modern [*Elementos de história geral*: antiga e moderna], um livro inexistente. A seguinte resposta da biblioteca da Universidade de Edimburgo afirma que suas pesquisas mostraram que a citação não aparece nos livros de Tytler da coleção da biblioteca:

> Às vezes a biblioteca da Universidade de Edimburgo recebe solicitações, em particular da América do Norte, sobre essa obra em particular. Entretanto, o título não está no catálogo da nossa biblioteca, nem aparece nos estoques de outras grandes bibliotecas de pesquisa no Reino Unido. [...] Internamente, verificamos os capítulos da *General History* de Tytler [...] (que de fato possuímos) para ver se por acaso *The Decline and Fall [of the Athenian*

> *Republic]* seria o título de um deles [...] mas não é. [...] Fizemos uma varredura completa em nossa coleção em diversas ocasiões já há alguns anos, mas não localizamos a citação nem nada semelhante a ela, mas não podemos absolutamente descartar a possibilidade de que a tenhamos deixado escapar.[210]

Até na Biblioteca do Congresso dos EUA essa citação muito utilizada, mas questionável, foi pesquisada. No entanto, sem nenhum sucesso. Mesmo assim, as citações de Madison e Tytler continuam a circular como historicamente autênticas. Aqui está uma lição para ser aprendida: se existem tantas pessoas dispostas a aceitar a autenticidade de citações históricas sem qualquer evidência, então não deveríamos nos surpreender quando estudantes aceitam relatos históricos encontrados em livros e publicações escolares que tenham a mesma quantidade de

evidências. A diferença, entretanto, é que grande parte das publicações em livros e trabalhos de história muito utilizados afeta o modo de retratar o cristianismo e a Bíblia. Uma coisa é estar errado sobre algumas citações equivocadas; outra é remodelar o currículo escolar baseado em um história fabricada que relega a Bíblia à cesta de lixo da história.

14

História como teatro

"Um dos primeiros deveres do homem é não ser enganado."[211]

Por mais de um século, crianças aprenderam na escola, por intermédio de autores mal informados, a fábula de que Cristóvão Colombo precisou defender a teoria da terra redonda contra o sistema de crença na terra plana mantido pelas autoridades da igreja antes da aprovação e do financiamento de sua viagem. De tal modo que a Bíblia superou a ciência como explicação sobre como o surgimento do mundo. Embora possa render um bom teatro, isso não tem nenhuma conexão com os relatos históricos.

Samuel Eliot Morison, autoridade a respeito de Colombo e escritor de sua biografia, descreve esse suposto debate sobre a terra plana como uma "falsificação" e "tolice enganosa".[212] A tolice

foi até imortalizada na canção de Ira e George Gershwin, de 1936, “They all Laughed” [“Todos eles riram”], com o verso: “Todos eles riram de Cristóvão Colombo quando ele disse que a terra era redonda”. Na realidade, ninguém de importância no final do século XV acreditava que a terra era plana, principalmente depois que de a Igreja Católica ter adotado elementos da cosmologia de Ptolomeu (c. de 100-165), que propunha: a terra, “quando considerada de modo integral, [tem] a forma perceptivelmente esférica”. O debate com Colombo foi a respeito do tamanho da circunferência da terra. Nesse ponto, Colombo estava errado e os estudiosos treinados em instituições de ensino estabelecidas pela Igreja Católica estavam certos.

A Bíblia e a terra plana

Apesar da evidência em contrário, os livros-textos continuaram a perpetuar o mito de que os

estudiosos associados à Igreja Católica e suas instituições acadêmicas insistiam que a terra era plana baseada em textos bíblicos em que aparecem expressões como “quatro cantos” (Is 11.12; Ez 7.2; Ap 7.1; 20.8) e “quatro ventos” (Jr 49.36; Ez 37.9; Dn 7.2; 8.8; Zc 2.6; Mt 24.31; Ap 7.1). O uso de metáforas sempre foi um recurso comum em literatura e ciência, em especial onde não havia explicação pronta e consensual sobre como as coisas aconteciam de fato. A linguagem poética é comum na Bíblia, de modo particular para descrever as maravilhas da criação (Jó 38.4-11). Essas descrições nunca foram feitas para serem consideradas de forma literal, e acredito que isso tenha acontecido raras vezes.[213] Harry Morris escreveu: embora “não haja erros científicos ou falácias” em Jó, o livro “não foi escrito como livro de ciência”.[214] Argumentar que essas metáforas poéticas eram descrições reais do que acontecia. em termos científicos, significa usar a leitura do conhecimento científico

atual no passado. As falácias do "presentismo" e "retroprojeção"[215] levaram a distorções do relato histórico e à percepção errada de como o povo conscientemente se esforçou para entender a criação divina.

Ainda hoje cientistas escrevem sobre como corpos inanimados como planetas, luas, e estrelas "obedecem" a certas "leis" naturais. Como pode um planeta, sem nenhuma consciência, "obedecer a uma lei?".[216] Nós dizemos que a lua "influencia as marés". Como essa influência é exercida por uma bola inanimada pendurada no espaço? Pela força da vontade? Nós não achamos nada errado com a utilização dessa linguagem, mas se colocarmos as mesmas palavras descritivas na boca de um clérigo do século XVI, ele será considerado cientificamente ignorante e um estorvo ao progresso cientifico. Nicolau Copérnico (1473-1543), autor de *De revolutionibus orbium coelestium* [*Das revoluções das esferas celestes*] (1543) não recebeu oposição quanto à utilização

de metáforas para descrever o funcionamento do cosmo:

> Em descanso, entretanto, no meio de tudo está o sol. Pois no mais belo dos templos, quem colocaria esta lâmpada em outra, ou melhor, posição que naquela em que pode iluminar tudo ao mesmo tempo? Pois, não é o sol chamado "a lanterna do universo" e "a sua mente" e por outros "o seu governante"? Hermes, o três vezes grande, o chama "o deus visível", e Electra, de Sófocles, "aquele que tudo vê". Assim, de fato, como se estivesse sobre um trono real, o sol governa a família dos planetas girando ao redor de si. Além do mais, a terra não é privada da presença da lua. Ao contrário, conforme Aristóteles diz em obra sobre os animais, a lua tem o mais próximo parentesco com a terra. Entretanto, a terra se relaciona com o sol e

> dele concebe para seu parto anual. Neste arranjo, portanto, descobrimos a maravilhosa simetria do universo e a ligação harmoniosa estabelecida entre o movimento das esferas e seus tamanhos, de tal qualidade que não pode ser encontrada de nenhum outro modo.[217]

Observe como o sol, a lua e a terra recebem características de personalidade como se estivessem vivos. O sol não é o centro "de tudo." É mais que uma "lâmpada". Não é um "templo", e não está "sentado sobre um trono". Copérnico usa linguagem muito parecida com a da Bíblia (cf. Sl 18.5,6). Aparentemente ele não via nenhum conflito entre a utilização de metáforas e a terminologia científica mais precisa, e nós também não deveríamos ver.

A terra plana hoje

Ainda hoje, operamos em termos da terra que pode ser observada como se fosse plana, embora a ciência atual nos diga não. Duvido que uma equipe de busca leve em consideração a curvatura da terra na maioria dos seus trabalhos. Pegue um mapa de pesquisa seu; ele é plano com quatro cantos. As famílias não levam globos consigo quando viajam; no entanto, nenhum dos editores de mapas com representações planas do terreno curvo da terra alega acreditar na terra plana. Todos os mapas são planos e têm quatro cantos, e funcionam bem o suficiente para nos levar ao redor do mundo. Os pilotos de aviões carregam mapas planos em suas cabines, apesar de seus voos acontecerem sobre a terra curva. Os sistemas de GPS projetam seus mapas em telas planas.

Vamos supor que, daqui a 500 anos, arqueólogos escavem a Biblioteca do Congresso dos EUA abaixo de trinta metros de destroços e poeira e encontrem a sala de mapas. Eles

concluirão que acreditávamos que a terra era plana após estudar os milhares de mapas planos que encontrarem sob os destroços? Se uma cápsula do tempo fosse desenterrada daqui a dois mil anos, e ela incluísse um mapa do mundo existente hoje, os futuros habitantes da terra suporiam a nossa crença na terra plana? Pensariam eles que acreditávamos que o sol gira em torno da terra se encontrassem um diário com o relato da hora exata em que o sol "se levanta" e "se põe"? Isto seria completamente contrário à ciência! Esses editores nem sequer ouviram falar da Revolução Copérnica e do esforço de Galileu para tornar suas observações celestes conhecidas? Uma abordagem mais sutil seria cientificamente acurada, porém estranha e desnecessária:

> Considere. Se eu disser: "O sol se levantou às 6h01 esta manhã", esta afirmação é perfeitamente verdadeira e comunica bem o que quero dizer. Também

> posso falar algo mais preciso, como: "Exatamente às 6h01min49seg., horário de Greenwich, o horizonte da terra caiu para revelar a ponta superior do sol como pode ser observado a 41º14'22,18" de latitude e 55º 21'45,44" de longitude". A segunda afirmação é mais precisa, mas não menos verdadeira que a anterior. Nós entendemos a primeira afirmação muito bem.[218]

Ninguém descreve suas observações do sol e da lua nesses termos, então por que exigimos maior precisão dos antigos? Já é tempo de darmos às gerações passadas o benefício da dúvida quando se trata de descobertas científicas. Mas, por que o mito da terra plana é tão difícil de exorcizar dos textos históricos, da cultura popular e do uso como taco retórico contra os criacionistas, os defensores do *design* inteligente, e os crentes na aplicabilidade atual das

prescrições morais da Bíblia? Os que deram a vitória ao evolucionismo darwinista no final do século XIX tomaram as providências para que, mediante a perpetuação do mito da terra plana, fosse possível desacreditar os críticos do evolucionismo, alegando que eles mantêm opiniões não científicas e contrárias à evidência observável.[219] A mesma tática é usada hoje, mas com menos sucesso.

Coisa de macaco

Releitura semelhante da história é evidente na forma como o julgamento *Scopes Monkey*, de 1925, foi retratado na mídia e nos livros didáticos. A maioria das pessoas, jovens e velhos, tiveram suas opiniões sobre a controvérsia criacionismo/evolucionismo moldada pela peça e filme de ficção *Herdeiros do vento*. Considere o seguinte comentário do editor da *Home Media Retailing*, Don Rosenberg, que utiliza "vídeos

para ensinar lições a seus filhos”:

> Com a oração nas escolas e o debate sobre criação/evolução nos noticiários, ele assistiu a *Herdeiros do vento*, um filme estrelado por Spencer Tracey em 1960, baseado no caso Scopes Monkey, de 1925, com um de seus filhos. “Se eu não soubesse que o filme tinha sido feito em 1960, pensaria que o diálogo estava acontecendo hoje”.[220]

Esse é o problema. O diálogo no filme não é baseado no que aconteceu de fato no julgamento. É lamentável que a história verdadeira de Scopes tenha sido obscurecida por imitações de ficção, por ter distorcido o registro histórico quase além da possibilidade de reparo. Donald J. Larson escreveu a respeito de *Herdeiros do vento*: “Pode não ter sido um relato preciso, mas a encenação foi brilhante e substituiu por completo o

julgamento real na memória da nação".[221] Ronald L. Numbers, autor de *The Creationists* [*Os criacionistas*], escreve que *Herdeiros do vento* "ilustra de forma dramática a razão de tantos americanos continuarem a acreditar na mítica guerra entre ciência e religião".[222]

Apesar do relato impreciso do processo, *Herdeiros do vento* se tornou uma ferramenta pedagógica popular para ensinar aos alunos sobre a década de 1920. Em 1994, por exemplo, o National Center for History in Schools [Centro Nacional da História nas Escolas] publicou seus parâmetros curriculares. Como forma de ensinar aos alunos do ensino médio a respeito da mudança de valores na década de 1920, ele recomenda que os professores "usem partes do julgamento de Scopes ou excertos de *Herdeiros do vento* para explicar de que maneira os pontos de vista de William Jennings Bryan diferiam dos de Clarence Darrow".[223] Um exercício acadêmico melhor teria sido comparar *Herdeiros do vento* com os

acontecimentos reais dos julgamentos.

Mas, assim como a lenda da terra plana, criada pelo escritor de ficção Washington Irving e utilizada pelos evolucionistas para desacreditar os antievolucionistas, a descaracterização dos acontecimentos e das principais personagens no caso Scopes em *Herdeiros do vento* muitas vezes obscurece tentativas genuínas de estudar os principais pontos do debate criação/evolução. A sala de aula deveria ser o ambiente acolhedor para o debate animado sobre todos os temas; no entanto, ela se tornou uma atmosfera controlada para eliminar a dissidência. Um dos pontos importantes e mais desconsiderados na discussão sobre o caso Scopes é que a defesa não quis parar de ensinar a visão bíblica da origem das coisas em escolas públicas do Tennesee. O objetivo era permitir a discussão sobre teorias alternativas. É notável que hoje os papéis tenham sido invertidos. Os evolucionistas não querem permitir a teoria concorrente na sala de aula.

Biologia bárbara

O livro de biologia utilizado pelo sistema escolar em Dayton, Tennessee, em 1925, era o *Civic Biology* [*Biologia cívica*], de George William Hunter (1914), o livro didático mais vendido nesse tempo. A obra de Hunter era "fortemente vinculada ao racismo científico da época. Segundo Hunter, 'formas de vida simples sobre a terra gradualmente deram origem às mais complexas'. Os seres humanos apareceram como resultado progressivo desse processo evolutivo, com a raça branca sendo 'por fim, o tipo mais elevado de todos'".[224] Da mesma forma que o caso Scopes, o conteúdo do livro de Hunter raramente é discutido.

O livro é um ensaio sobre as "implicações sociais do darwinismo, e não uma defesa científica do darwinismo. Em particular, o capítulo 17 aborda a aplicação das "leis da seleção" à

sociedade humana e aprova a política de eugenia e o racismo científico comum nos Estados Unidos na época'. (Scopes, um professor substituto plantado pela ACLU para testar as leis antievolução do Tennessee, estava ensinando a seus alunos o capítulo 17.) Em *Civic Biology*, 'Hunter acreditava que seria um crime entregar pessoas 'deficientes' à próxima geração e considerava as famílias com histórico de tuberculose, epilepsia e debilidade mental 'parasitas na sociedade.' O remédio, segundo Hunter, era evitar a procriação".[225]

Hunter descreve as famílias "Jukes" e "Kallikak" como "notório exemplo" de má hereditariedade, que resultou em debilidade mental, criminalidade, alcoolismo e imoralidade sexual. Esses verdadeiros parasitas sociais espalham "as doenças, a imoralidade e a criminalidade em todas as partes deste país". Hunter vê uma solução evolutiva lógica, mas acredita que "a humanidade não o permitirá". Ele

não diz a razão. Em termos de evolução, impedir a propagação dos Jukes e Kallikaks é a solução lógica devido às suposições evolucionistas a respeito da sobrevivência do mais forte:

> Se essas pessoas fossem animais inferiores, provavelmente teríamos de matá-las para impedir sua propagação. A humanidade não o vai permitir, mas temos como solução separar os sexos em asilos ou outros locais e várias formas de impedir os casamentos e as possibilidades de perpetuar essa raça tão baixa e degenerada. Soluções desse tipo já foram experimentadas com sucesso na Europa e agora estão encontrando bons resultados no país.[226]

A evolução validou o movimento da eugenia, dando-lhe legitimidade científica. O mesmo se pode dizer a respeito das ideias arraigadas sobre

raça. Hunter acreditava que das "cinco raças ou variedades de homem" que evoluíram, "o tipo mais alto" é "a caucasiana, representada pelos habitantes brancos civilizados da Europa e América".[227]

Robert Lewis Dabney (1820-1898), um teólogo Presbiteriano do Sul, compreendeu as implicações morais do darwinismo, ao escrever:

> Se o meu destino é o de um porco, por que não posso ter essa "filosofia de porco"? Mas uma vez, se sou apenas um animal refinado pela evolução, tenho o direito de viver como animal. Por que não? Os líderes dessa filosofia e da filosofia sensualista também poderão ser contidos pelos hábitos de cultura mental, poder social e refinamento pessoal (pelo que deveriam refletir as influências cristãs), mas o rebanho de mortais comuns não é culto e refinado, e para eles essa doutrina

vai gerar frutos mortais.[228]

Pelo fato de o cristianismo ter impactado sobremaneira a sociedade do século XIX, os efeitos éticos e culturais do darwinismo foram mínimos no início. Com o passar do tempo, porém, começaram as exigências de coerência da nova cosmovisão naturalista, e o dogma evolucionista impactou o mundo de maneira sinistra. O marxismo e o nazismo têm por base a teoria de Darwin: "Dada a estreita relação entre o darwinismo e os crimes horríveis cometidos por Mussolini, Hitler, Stálin, Mao e o regime do Khmer Vermelho de Pol Pot, somos forçados a concluir que o nosso século foi o século do darwinismo".[229]

15

Começou com Aristóteles

Aristóteles — não a Bíblia — ensinou explicitamente que 'tudo se move ao redor da terra' [...] Galileu foi condenado, não porque a Bíblia entrava em conflito com o que podia ser observado, mas porque ele divergia da Igreja [Católica] a respeito de qual autoridade deveria ser usada para a interpretação.[230]

Tendemos a confiar em volumosos livros didáticos escritos por historiadores profissionais que possuem credenciais acadêmicas. Com certeza eles não inventariam o material ou deixariam detalhes importantes fora do registro histórico. E embora Hollywood tome algumas liberdades com filmes baseados em "fatos reais", a maioria de nós acredita no esforço para contar a história da maneira certa.[231] Pense de novo.

Como já vimos, é necessário ser muito crítico com o relato dos fatos da história apresentado nos livros didáticos:

> Se você foi criado para pensar que os livros de história dizem "a verdade, só a verdade e nada mais que a verdade", poderá levar um verdadeiro choque ao saber que muitas vezes este não é o caso. Alguns livros de história omitem acontecimentos desfavoráveis a seu ponto de vista, enquanto distorcem o significado dos fatos apresentados. Um grande número de livros contém meias verdades, distorções e muitas informações gerais equivocadas, e muitos outros são responsáveis por perpetuar certos mitos e lendas — eventos que não são verdadeiros, e ainda assim repetidos por tantos anos que quase todos os dão por certo.[232]

Isso não é mais evidente que na maneira pela qual a religião e a ciência são retratadas nos livros de história. Os estudantes são ensinados que religião e ciência não se misturam. Sam Harris e outros defensores do neoateísmo acreditam na religião como elemento dissuasor da descoberta e do avanço científicos.[233] Os neoateístas contam com a legislação governamental, os pronunciamentos judiciais e a reformulação dos livros de história para fazer propaganda junto aos alunos para que acreditem que a religião sempre esteve em guerra com a ciência. Na realidade, "houve atrito entre a ciência e quase todos os empreendimentos intelectuais desde o aparecimento da ciência moderna em cena (por volta de 1600). Assim, seria surpreendente se não houvesse algumas discussões acaloradas entre a ciência e o cristianismo".[234] Encontrar exemplos de algumas batalhas entre religião e ciência não faz uma guerra. E, como veremos,

várias críticas contra as novas teorias científicas deveram-se mais ao fato de não haver nenhuma evidência empírica para apoiá-las.

O estudo da história da ciência mostrará que às vezes a própria ciência foi um impedimento para o próprio progresso.[235] Por exemplo, depois que o biólogo italiano Francesco Redi (1626-1697) desafiou com sucesso o dogmatismo da geração espontânea, que se baseou por tanto tempo na "ciência" grega, alguns cientistas ainda retinham os elementos da teoria ultrapassada. Mesmo quando experiências adicionais realizadas por Louis Pasteur (1822-1895) mostraram que "os seres microscópicos devem vir ao mundo de pais semelhantes a si próprios",[236] o ceticismo permaneceu entre alguns cientistas que dificultaram o trabalho de Pasteur. Ernst Haeckel (1834-1919), um dos principais defensores do darwinismo, declarou em 1876, 25 anos depois da famosa experiência de Pasteur: "Se não aceitarmos a hipótese da geração espontânea,

então nesse ponto da história da evolução teremos de recorrer ao milagre da criação sobrenatural".[237] Haeckel escolheu a geração espontânea apesar de não haver evidência empírica para apoiá-la porque ele não gostou da alternativa — fé em Deus. Sir James Gray, um importante zoólogo britânico, em um discurso para a Associação Britânica em 1933, se expressou da seguinte maneira: "A geração espontânea da vida [matéria] a partir de matéria inanimada deve ser considerada um acontecimento altamente improvável e, como tal, é provável que não tenha ocorrido. Conclui-se, então, que a ciência é incapaz de apresentar uma explicação satisfatória sobre como a vida surgiu. Temos, portanto, que aceitar a doutrina bíblica de que Deus criou a vida, ou continuar a fazer especulações improváveis".[238]

Não se surpreenda com o irracionalismo de Haeckel. Apesar das evidências em contrário, vários evolucionistas famosos dos dias modernos

construíram sua teoria das origens com base na premissa rejeitada de que a vida, como a conhecemos hoje, se desenvolveu (evoluiu) a partir do que não era vivo. Considere a seguinte declaração surpreendente do vencedor do Prêmio Nobel, George Wald (1906-1997):

> Existem apenas duas possíveis explicações sobre a forma como a vida surgiu. Geração espontânea levando à evolução ou um ato criativo sobrenatural de Deus. [...] Não há outra possibilidade. A geração espontânea foi cientificamente refutada há 120 anos por Louis Pasteur e outros, mas isso nos deixa apenas com a outra possibilidade [...] que a vida surgiu de um ato sobrenatural de criação divina, mas não posso aceitar essa filosofia, porque não quero acreditar em Deus. Portanto, escolho acreditar no que admito cientificamente impossível, a geração

espontânea conducente à evolução.[239]

As mesmas palavras, saídas da boca de um teólogo, seriam rejeitadas de imediato. Ele seria acusado de permitir que seus pressupostos religiosos interpretassem os fatos. Mas quando um cientista segue uma metodologia semelhante em defesa da evolução, quase ninguém pisca um olho questionador porque a declaração é feita em nome da ciência.

Além de não serem capazes de explicar a vida biológica nos limites da teoria e experimentação científicas aceitas, os evolucionistas não conseguem explicar as informações necessárias para que um organismo funcione. Uma coisa é postular que os olhos, ouvidos, línguas e corações evoluíram, uma tarefa impossível devido aos problemas inerentes a organismos parcialmente evoluídos,[240] outra coisa é explicar de onde vieram as informações (programação), para que os órgãos supostamente

evoluídos funcionem do modo correto e por tempo suficiente para se propagar. E como um organismo sabe o que é pertinente à propagação de sua existência, e porque se importaria? Além disso, os evolucionistas — estritamente materialistas (só a matéria importa) — não podem explicar a origem da informação necessária porque a informação não tem as propriedades da matéria. Dr. Werner Gitt, um especialista em informação, descreve o problema enfrentado pelo evolucionista:

> A pergunta "como se originou a vida?" — do interesse de todos nós — é inseparável da questão "de onde vem a informação?". Desde as descobertas de James D. Watson [...] e Francis H. C. Crick, cada vez mais os pesquisadores contemporâneos foram se dando conta de que as informações residentes nas células são de importância crucial para a existência de vida. Qualquer pessoa que queira fazer declarações

> significativas sobre a origem da vida terá de explicar como a informação se originou. Todas as visões evolucionistas são fundamentalmente incapazes de responder a essa questão crucial.[241]

Considere o computador. Não apenas é necessário que todas as partes físicas operem sem qualquer falha — partes e peças projetadas e fabricadas — o programa necessário para fazer as peças funcionarem também não pode falhar. Ninguém proporia que o computador evoluiu de forma espontânea ou que a programação apareceu no ar e se introduziu nas partes internas do computador sem alguma forma de projeto externo e diretivas para operar de maneira específica.

Perpetuação de mitos históricos

A percepção de que sempre houve uma guerra entre religião e ciência é de safra recente. O

mito encontra sua declaração mais formal nas obras do século XIX, *History of the Conflict between Religion and Science* [*História do conflito entre a religião e a ciência*], de John William Draper (1874) e *History of the Warfare of Science with Theology in Christendom* [*História da guerra da ciência contra a religião na cristandade*], de Andrew Dickson White (1896). White apresenta sua obra com a alegação de estar "jogando a luz da verdade histórica sobre a massa em decomposição do pensamento desgastado que liga o mundo moderno às concepções medievais do cristianismo que permanecem entre nós — um sério obstáculo para a religião e a moral, e uma ameaça para a evolução normal da sociedade".[242] O ponto de vista apresentado nesses dois volumes é que ao serem feitas propostas de uma nova explicação científica sobre como funciona o mundo, os cristãos foram os primeiros a condená-las porque entravam em conflito com alguma declaração

supostamente científica na Bíblia e todos os cientistas não afiliados à religião são os primeiros a aceitá-las porque a ciência é "autocorrigível",[243] ao passo que a chamada ciência cristã não o é.

Draper faz, sem base, esta afirmação: "Opiniões [científicas] sobre todos os assuntos são continuamente sujeitas a modificações, a partir do irresistível avanço do conhecimento humano".[244] Isso não é verdade, considerando-se a relutância quase maníaca em testar as alegações absolutistas da teoria evolucionista moderna. Por exemplo, "um novo relatório da Câmara dos Deputados dos EUA condenou funcionários do Instituto Smithsoniano por imporem um teste religioso aos cientistas que trabalham lá. E isso sugere que seus ataques a um cientista que acabou de editar um artigo sobre *design* inteligente são apenas a ponta do *iceberg* de um medo monstruoso de qualquer coisa que sugira que o homem talvez não tenha se originado

de uma poça de lama".[245] Na realidade, muitas novas teorias científicas são contestadas por cientistas por várias razões. Existe um debate científico contínuo sobre as causas e até mesmo a realidade do aquecimento global causado pelo homem, se o petróleo é um combustível fóssil ou um recurso abiótico renovável,[246] os benefícios médicos de células-tronco embrionárias comparados aos benefícios de células-tronco adultas, e muito mais. Os debates podem ser muito hostis enquanto ataques e contra-ataques são feitos nos redutos científicos, de onde se afirma que não há espaço para o debate. Considere a reação nos moldes da Inquisição aos questionadores da certeza do aquecimento global:

> Os cientistas que discordam do alarmismo [sobre o aquecimento global] têm visto seus financiamentos desaparecerem, seu trabalho ridicularizado e eles mesmos rotulados como fantoches da indústria,

mercenários ou coisa pior. Como consequência, mentiras sobre mudanças climáticas ganham crédito mesmo quando se desviam da ciência, supostamente a sua base. [...] Na Europa, Hendrik Tennekes foi demitido da posição de diretor de pesquisa do Koninklijk Nederlands Meteorologisch Instituut [Real Instituto Meteorológico da Holanda] depois de questionar as bases científicas do aquecimento global. Aksel Winn-Nielsen, ex-diretor da Organização Meteorológica Mundial das Nações Unidas, foi criticado por Bert Bolin, diretor do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) como um instrumento da indústria do carvão por questionar o alarmismo climático. Os respeitados doutores italianos Alfonso Sutera e Antonio Speranza desapareceram do debate em 1991, aparentemente por

perderem o financiamento para a pesquisa climática por levantarem dúvidas.[247]

Alguns chegaram ao ponto de propor que quem nega o aquecimento global dá apoio e se acumplicia a um holocausto global, devendo ser silenciado ou processado. A colunista australiana Margo Kingston "propôs a proibição da 'negação das alterações climáticas'. 'David Irving está preso na Áustria por negar o Holocausto'[248], escreveu ela. 'Talvez haja uma forma de tornar a negação das alterações climáticas um crime. É um crime contra a humanidade, afinal.' Outros sugeriram que os que negam a mudança climática deveriam ser levados a julgamento no futuro, no estilo de Nuremberg, e responsabilizados por suas tentativas de encobrir o 'holocausto (...) do aquecimento global'".[249] Esses argumentos estão sendo feitos por integrantes da comunidade científica secular.

Há uma nova inquisição em andamento.

Se você não concordar com as teorias consensuais, então você não será contratado, e se você já ocupa um cargo, há uma boa chance de perdê-lo se manifestar sua opinião. "Em novembro de 2005 (...) a *National Public Radio* informou haver conversado com 18 professores universitários e cientistas que apoiam o *design* inteligente. A maioria não queria gravar entrevista por medo de perder o emprego. Um professor sem estabilidade garantida na Kennesaw State University, na Geórgia, escreveu que falar com a NPR seria 'o beijo da morte'. Outro disse: 'De maneira nenhuma me manifestaria antes de obter a proteção contra demissão sumária'". Tolerância e mente aberta são uma via de mão única quando pode haver um inquisidor da ciência se escondendo nas sombras acadêmicas.

Copérnico e Galileu perturbaram o universo

As opiniões do astrônomo polonês Nicolau Copérnico (1473-1543), no século XVI, levaram à revolta os mundos teóricos da cosmologia e astronomia com a publicação de *De revolutionibus orbium coelestium* [*Das revoluções das esferas celestes*], em 1543. Os elementos da terra estática e do sistema solar geocêntrico, defendidos por Aristóteles (384-322 a.C.), aprofundados e aperfeiçoados pelo matemático e astrônomo egípcio Ptolomeu (100-170 d.C.), e quase não questionados por cerca de 1900 anos, estavam sendo reavaliados por vários cientistas antes de Copérnico, mas sem a necessária evidência matemática e/ou empírica que pudesse ignorar de forma convincente o que as pessoas podiam ver com os próprios olhos e experimentar com os sentidos todos os dias.[250]

Muitos cientistas, historiadores e autores de livros didáticos seculares dos dias atuais afirmam que a igreja se opôs a especulações científicas, como as de Copérnico, por

contradizerem a Bíblia de alguma maneira. A verdadeira história dos sistemas de crença do século XVI referentes à ciência é muito mais complexa e requer muito mais reflexão que a maioria dos autores modernos pretende fazer crer. É lamentável que os livros-textos encubram a verdade para marcar pontos acadêmicos e favoráveis à sua cosmovisão.

A ciência medieval praticada pelos cristãos desviou-se quando "a Bíblia foi [...] lida através de lentes 'gregas'".[251] Com certeza, os gregos tinham razão em muitas observações e experiências, mas o apego quase religioso do Ocidente à cosmologia grega foi o que mais impediu o avanço científico. Os gregos, em especial Aristóteles, defendiam o posicionamento geocêntrico do universo. Uma vez que a Bíblia fala muito pouco sobre a ciência em comparação com o que sabemos hoje, ela não expressa nenhuma teoria cosmológica abrangente além de: Deus "criou os céus e a terra" (Gn 1.1); o sol, a

lua e as estrelas não são objetos de adoração (Dt 4.19; Is 47.12-15); e o cosmo opera em termos de leis fixas — era natural olhar para teorias práticas e estudadas que pudessem explicar como os céus operam. A cosmologia aristotélica parecia uma escolha racional. Infelizmente, se tornou a escolha errada.

O esforço de Galileu (1564-1642) para conseguir audiência para seu ponto de vista científico é muitas vezes descrito como uma guerra entre religião e ciência, com a religião cristã como principal antagonista. Como o mito de Colombo, os fatos que cercam o caso de Galileu são muitas vezes obscurecidos pelo relato histórico incompleto. Giorgio de Santillana, autor de *The Crime of Galileo* [*O crime de Galileu*], argumenta: "o caso de Galileu não foi, de maneira nenhuma, um confronto entre 'o cientista' e um credo religioso. Ironicamente, 'a maior parte dos principais intelectuais da Igreja [Católica] estava do lado de Galileu', observa Santillana, 'enquanto

a oposição mais clara veio de ideias seculares' (isto é, dos filósofos acadêmicos)."[252] O "pecado" de Galileu foi atacar "a filosofia aristotélica — e todas as consequências metafísicas, espirituais e sociais" que a Igreja [Católica] "associava a ela".[253] Na maior parte, a ideologia científica e a filosofia moral do dia eram baseadas na cosmologia aristotélica e na Bíblia de acordo com a interpretação aristotélica.

> A razão da resistência ao abandono da física e cosmologia aristotélicas de alguns clérigos decorreu de sua ligação íntima com a visão geral da vida moral e social. Se esse vínculo fosse quebrado, temia-se que a própria moralidade fosse destruída. Por isso Galileu parecia promover doutrinas não só erradas, mas também perigosas.[254]

Aristóteles tentou apresentar uma explicação

detalhada da realidade, sem qualquer referência a um deus pessoal. Seu "Motor imóvel" ou "causa primeira" era um princípio existencial, não um ser pessoal. Tomás de Aquino (1224-1274) tentou ensinar Aristóteles a "falar como cristão",[255] para harmonizar a filosofia aristotélica com o cristianismo. Na época de Galileu, os pontos de vista de Aristóteles tinham se tornado as doutrinas eclesiásticas. Assim, a Grécia pagã conduziu a igreja ao desvio, e não a suposta cosmologia bíblica errônea.

Não é que Aristóteles estivesse errado em tudo o que ensinou sobre o universo. Suas observações estavam em essência corretas. Ao observar eclipses lunares e a sombra redonda da terra que aparecia na face da lua, ele concluiu que a terra devia ser redonda e não como uma caixa ou algo parecido com uma tábua de quatro cantos. Ele também "arrazoou que a terra devia ser redonda, pois as velas dos navios podiam ser vistas antes do casco. Se a terra fosse plana, o

navio inteiro apareceria de uma só vez".[256] Mas quando tentou desenvolver um sistema cosmológico baseado na *filosofia*, ele gerou para si mesmo e para todo o mundo ocidental um problema científico.[257]

Na cosmologia aristotélica, a órbita dos planetas era circular porque o círculo é a forma perfeita. As esferas celestes, pelo fato de serem esferas, eram perfeitas em todos os sentidos, diferentemente da terra, que muda constantemente e se encontra em um estado de imperfeição física: "Os céus eram eternos e incorruptíveis, onde nada jamais mudou, exceto os cometas".[258] As "estrelas cadentes" (meteoros), foram explicadas como clarões de luz que desapareciam de modo tão misterioso quanto chegavam; portanto, não poderiam ser corpos celestes permanentes. Foi esse modelo do universo que Copérnico e Galileu interromperam. Em termos de observação, e não de filosofia, Galileu deu o primeiro de muitos golpes contra o sistema quando visualizou a

superfície imperfeita da lua através de seu telescópio. As esferas celestes, dadas as teorias de Aristóteles e não as da Bíblia, eram consideradas perfeitas, de forma diferente da terra com suas muitas imperfeições. Se a lua e os planetas fossem igualmente imperfeitos, então Aristóteles estaria errado e, se ele estivesse errado sobre esse item de observação, então seria provável que estivesse errado em outras coisas também.

Os livros didáticos atuais continuam a perpetuar o mito de que a cosmovisão cristã se tornou responsável por impedir o progresso científico. Na verdade, a igreja da época foi responsável por aceitar a ciência aristotélica não testada dessa época, ao acreditar que ela consistia em uma boa diretriz para o pensamento bíblico. Esse foi o erro da Igreja [Católica], e a solução veio quando o entendimento de Aristóteles sobre o cosmo foi enfim rejeitado. Como destaca Rodney Stark, a verdade é que, sem a cosmovisão cristã, o avanço da ciência moderna não teria acontecido:

A ciência de verdade surgiu apenas uma vez: na Europa. A China, o islã, a Índia e a Grécia e Roma antigas contavam com a alquimia bastante desenvolvida. Porém, só na Europa a alquimia se desenvolveu em química. Da mesma maneira, muitas sociedades desenvolveram sistemas elaborados de astrologia, mas apenas na Europa a astrologia originou a astronomia. Por quê? Mais uma vez, a resposta diz respeito às imagens de Deus.

[...] Em contraste com as doutrinas religiosas e filosóficas dominantes no mundo pagão, os cristãos desenvolveram a ciência por *acreditarem* que ela *podia* e *devia* ser feita. Como Alfred North Whitehead afirmou em uma de suas *Lowell Lectures* em Harvard, no ano de 1925, a ciência surgiu na Europa por causa da "fé [generalizada] na

possibilidade da ciência [...] derivada da teologia medieval”.[259]

A história de dois ônibus
(de Gary North)

Imagine a cena. Você está dirigindo na faixa central, a caminho de casa com seu filho de nove anos. À sua direita estão dois ônibus, um atrás do outro. O ônibus da frente é branco e o de trás, amarelo. As janelas do ônibus da frente estão pintadas, mas as do ônibus de trás, não.

Seu filho lhe pergunta: "Que ônibus são esses, pai?". Você lhe explica que são dois tipos muito diferentes ônibus. "Como assim?", pergunta ele. Você explica que no primeiro ônibus presos estão sendo levando para a cadeia. No segundo ônibus alunos estão sendo levados para a escola. "Mas qual é a diferença?" — Isso é o que o seu filho está perguntando. E isso é o que também eu estou questionando.

Você diz a seu filho que os homens no primeiro ônibus são obrigados a viajar nele. Então seu filho lhe pergunta se os alunos no ônibus

amarelo podem escolher em que ônibus viajar. Você pensa sobre o assunto. Nenhum dos dois grupos tem escolha. Alguém diz aos membros de ambos os grupos que eles devem entrar no ônibus e permanecer nele até a chegada ao destino.

Seu filho diz não entender. Então, você tenta esclarecer para ele e diz que as pessoas no ônibus branco cometeram crimes: são pessoas más. Elas estão sendo levadas para a cadeia. As pessoas no ônibus amarelo são pessoas boas. Estão sendo levadas para a escola. Seu filho então pergunta: "Por que as pessoas boas são forçadas a viajar no ônibus?". Isso é também o que eu estou perguntando.

Lembre-se, você está conversando com um menino de nove anos. Crianças dessa idade não são muito sofisticadas. Elas precisam de respostas claras. Então, é melhor estar preparado para dar respostas claras.

Você diz a seu filho que as pessoas boas no ônibus amarelo estão sendo levadas para a escola

para o bem delas. Seu filho pergunta se as pessoas no ônibus branco não estão sendo levadas para a cadeia para o seu próprio bem. Não, você diz a ele. Elas estão sendo levadas para a prisão para o seu bem, também. Seu filho pergunta: “Então, qual é a diferença?”.

A diferença, você explica, é que as pessoas no ônibus brancos são muito más e a sociedade quer torná-las melhores. Seu filho pergunta: “A sociedade está levando as pessoas no ônibus amarelo para a escola a fim de torná-las piores?”. Não, você lhe diz. A sociedade as está levando para a escola a fim de torná-las melhores também. “Então, qual é a diferença?”

A diferença, você espera poder explicar, é que as pessoas no ônibus branco são perigosas. Para que a sociedade seja mais segura, ela coloca as pessoas perigosas na cadeia. As pessoas no ônibus amarelo não são perigosas. “Então por que são forçadas a ir a um lugar aonde não querem ir?”, pergunta seu filho. “Porque é bom para elas”,

você responde. “Mas não é por isso que as pessoas no ônibus branco estão sendo levadas para a prisão?”, pergunta ele.

Você começa a ficar frustrado. Você diz a seu filho que eles são obrigados a tomar o ônibus porque, quando são jovens, não sabem que é bom ir à escola. Eles não querem ir à escola. No entanto, devem ir à escola. Seu filho responde que isso soa exatamente como as pessoas no ônibus branco. Mas essas pessoas supostamente devem ir para a cadeia, você responde. É para o bem delas. Eles se tornarão pessoas melhores se forem para a cadeia.

Não é verdade? A própria ideia de mandar pessoas para a cadeia não é para reabilitá-las? Não é verdade que elas supostamente se tornam pessoas melhores na cadeia? Quero dizer, se não chegarem a ser pessoas melhores, por que simplesmente não as vender como escravos e usar o dinheiro para pagar indenização às suas vítimas? Por que construir presídios? Por que

pintar um ônibus de branco?

Você diz a seu filho que as pessoas más são enviadas para a cadeia para tirá-las das ruas. O problema é que esta é uma das razões pelas quais a sociedade exige que os alunos frequentem a escola. As pessoas querem manter as crianças fora das ruas. Querem ter certeza de que alguma autoridade esteja a postos para dizer às crianças o que fazer. Elas não confiam nas crianças para tomar decisões próprias. Também não confiam nos criminosos a tomada de suas decisões.

Isso é mais complicado do que você pensava. Mas continue tentando. Você explica a seu filho que as pessoas más devem ser impedidas de fazer mais coisas ruins. Seu filho pergunta: "Que coisas más as crianças fazem?". A luz acende. Você diz ao seu filho que as crianças são perigosas para si mesmas, mas os presos são perigosos para todo o mundo. As crianças podem machucar a si mesmas, mas os presos podem ferir outras pessoas. Mas seu filho quer saber a razão

pela qual as crianças devem ser levadas para uma escola para evitar que se machuquem, quando podem ficar em casa e não se machucar.

Você diz a seu filho que é porque as pessoas não podem ficar em casa com os filhos. Seu filho quer saber por que não. Você explica que os pais têm de trabalhar para ganhar dinheiro suficiente e viver bem. Isso significa que alguém deve cuidar dos filhos. Seu filho quer saber por que os pais não contratam alguém para cuidar das crianças em casa. Por que não contratam um professor para cuidar deles? Você explica que é mais barato contratar um professor para cuidar de muitos alunos. Seu filho quer saber por que é mais barato enviar os filhos à escola quando custa dinheiro construir escolas, comprar ônibus, contratar motoristas e pagar a gasolina.

Esse garoto é esperto.

Você explica que as pessoas com filhos forçam as pessoas sem filhos a pagar pelas escolas. Seu filho pergunta se isso é o mesmo que

roubar: “Não foi isso o que as pessoas no ônibus branco fizeram?”. Não, você explica, isso não é roubar. Seu filho pergunta: “De que maneira é diferente?”. Agora você tem um problema. Você tem que explicar a diferença entre tirar o dinheiro de alguém para beneficiar a si mesmo enquanto cidadão, o que um criminoso faz, e tirar dinheiro de alguém para beneficiar a si mesmo enquanto eleitor. Isso não é tão fácil de explicar.

Você explica a seu filho que, quando vota para tirar dinheiro de alguém a fim de que você possa educar seu filho, isso se trata de algo diferente de apontar uma arma para alguém e lhe dizer que deve entregar o dinheiro. Seu filho então pergunta se seria certo apontar uma arma para alguém se pretendesse usar o dinheiro para educar o filho. Não, você explica, não é a mesma coisa. Quando você diz a alguém que deve dar educação a seu filho em uma escola dirigida pelo governo, isso é legal. Quando você diz a alguém que ele deve educar seu filho em uma escola particular,

em que os pais pagam diretamente para contratar professores, isso é ilegal.

Seu filho então lhe pergunta se é certo tirar dinheiro de outras pessoas desde que você entregue ao governo o dinheiro para fazer as coisas que deseja que o governo faça. Você explica que isso é correto. “Mas e se outras pessoas não pensarem que o governo deveria fazer essas coisas?”. Você explica que as pessoas não têm o direito de dizer ao governo para não fazer essas coisas, a menos que consigam que mais da metade dos eleitores diga ao governo para parar de fazê-las. Seu filho vê a lógica disso. Ele lhe pergunta: “As pessoas no ônibus branco estão sendo levadas para a cadeia porque não havia número suficiente delas para ganhar a eleição?”. Você sabe que isso não está certo, mas é difícil dizer por que é errado.

Aqui é o mais longe que você conseguiu chegar. A sociedade envia presos para a cadeia. Ela considera esses prisioneiros perigosos e quer

lhes ensinar a obedecer. A sociedade faz com que as crianças vão à escola. Ela considera as crianças perigosas para si mesmas e deseja lhes ensinar a obedecer. Se puder ensinar obediência a ambos os grupos, a sociedade espera que o mundo melhore. Ela, portanto, usa o dinheiro dos impostos para pagar a ação de cadeias e escolas. Isso inclui pagar ônibus. Mas há uma diferença. Os ônibus dos presos são brancos. Os ônibus escolares são amarelos.

Deve haver mais do que isso.

Então, você continua tentando. As escolas são administradas pelo governo para ensinar as crianças a ganhar a vida. As cadeias são administradas pelo governo para ensinar as pessoas a parar de roubar. Aqui está uma grande diferença. “Será que eles ensinam os prisioneiros a ganhar a vida?”, pergunta seu filho. Não, você diz a ele. A prisão lhes ensina a obedecer. Ele pergunta: “Então por que eles vão parar de roubar, quando saírem da prisão, se não sabem ganhar a

vida?” Porque, você explica, terão medo de continuar fazendo coisas ruins. Seu filho pergunta se os prisioneiros aprendem a fazer coisas ruins na prisão. Você admite que eles aprendem. “Então”, pergunta ele, “enviamos pessoas para a prisão e para a escola para que elas aprendam a ganhar a vida? A única diferença é que o governo paga por um lugar onde as pessoas más ensinam outras pessoas más a roubar sem serem pegas, e na escola o governo paga pessoas boas para ensinar às crianças a serem bons cidadãos e votar. Assim, as pessoas más aprendem a roubar as pessoas de bem, sem votar, e as pessoas de bem aprendem a roubar umas às outras por meio do voto. É assim que funciona?”.

É assim que funciona. Ambos os sistemas usam ônibus para levar alunos à escola. Mas as cores são diferentes.

Na prisão, os presos vendem drogas ilegais. Os estudantes fazem o mesmo na escola. Na prisão, a comida é horrível. Não é muito boa na

escola — possivelmente preparadas pela mesma empresa de alimentação. Na prisão, há constantes inspeções. Guardas fazem a chamada para garantir que todos estejam presentes e sejam contados. Os professores fazem o mesmo na escola. Na prisão, você não pode sair sem permissão. O mesmo acontece na escola. Na prisão, os intimidadores comandam o *show*. Na escola, também. Mas há uma diferença: os ônibus dos presos são brancos, os ônibus escolares são amarelos.

Isso é um exagero. Os sistemas são diferentes. Os criminosos são condenados em um tribunal de justiça antes de serem enviados à prisão. Os alunos, ao contrário, são inocentes. Alguns prisioneiros podem obter liberdade condicional. O prazo médio de prisão por assassinato é de menos de dez anos. Os alunos são colocados no sistema escolar durante doze anos. Não há liberdade condicional.

Seja grato por não estar em nenhum desses

ônibus, seja ele branco ou amarelo.

---

[1] De acordo com o dicionarista Noah Wesbster: "Poder supremo; supremacia; a posse do poder maior, ou de poder incontrolável. A *soberania* absoluta pertence só a Deus" (*American Dictionary of the English Language*, 1828).

[2] O sistema bíblico de governo é descentralizado, portanto, o fator de controle não está concentrado em indivíduos, grupos, instituições ou jurisdições civis.

[3] O Apocalipse é frequentemente interpretado como se referindo a eventos que ainda estão no nosso futuro. Alguns comentários mantêm a posição de que o Apocalipse foi escrito antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., e que a besta de Apocalipse 13 é uma personagem do primeiro século. Para um estudo sobre o Apocalipse, v. Steve Gregg, *Revelation: Four Views — A Parallel Commentary* (Nashville,TN: Thomas Nelson, 1997).

[4] Citado em John W. Whitehead, *Stealing of America*. Westchester, IL: Crossway Books, 1983, p. 95.

[5] Vestes talares são símbolos de autoridade no Ocidente. Três grupos as utilizam para identificar suas profissões e como indicação de que cada profissão foi investida com um grau de autoridade formal: juízes, professores universitários e ministros ordenados.

[6] *The Messianic Character of American Education*: Studies in the History of the Philosophy of Education (Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed, 1963).

[7] Stephen Reinhardt, Ninth Circuit Court of Appeals, Opinion: Fields v. Palmdale (November 2, 2005), p. 14-5. Disponível online em http://caselaw.lp.findlaw.com/data2/circs/9th/0356

[8] Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction: Christian Faith and Its Confrontantion with American Society*. Wheaton (Il): Crossway Books,

[1983] 1993, p. 209.

[9] William L. Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich* (New York: Simon and Schuster, 1960), p. 248-9.

[10] Shirer, *Rise and Fall of the Third Reich*, p. 249.

[11] Ibid., p. 249.

[12] Ibid., p. 249.

[13] C. Gregg Singer, *From Rationalism to Irrationality*: The Decline of the Western Mind from the Renaissance to the Present. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 28.

[14] Randy Thomasson, presidente da *Campaign for Children and Families*, explica: "Isto se deve ao fato de que as faculdades e igrejas cristãs ignoraram o processo político por um longo tempo. Agora o processo político, carente de valores religiosos, está voltando para atacar a igreja" ("Gov. Arnold tosses school moral codes" [August 29, 2006]: www.worldnetdaily.com/news/article.asp?

ARTICLE_ID=51732).

[15] Shirer, *Rise and Fall of the Third Reich*, p. 240.

[16] Shirer, *Rise and Fall of the Third Reich*, p. 240.

[17] William Shirer, *The Nightmare Years*: 1930-1940. Boston, MA: Little, Brown and Company, 1984, p. 156.

[18] Donald D. Wall, "The Lutheran Response to the Hitler Regime in Germany", org. Robert D. Linder, *God and Caesar*: Case Studies in the Relationship Between Christianity and the State (Longview, TX: The Conference on Faith and History, 1971), p. 88.

[19] Basil Miller, *Martin Niemoeller: Hero of the Concentration Camp*, 5. ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1942, p. 112.

[20] Leo Stein, *I Was in Hell with Niemoeller* (New York: Fleming H. Revell, 1942), p. 175.

[21] Citado em Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich*, p. 239.

[22] Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich*, p. 239.

[23] Citado em Eugene Davidson, *The Trials of the Germans*: An Account of the Twenty-Two Defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg (Columbia, MO: University of Missouri Press, [1966] 1997), p. 275.

[24] Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich*, p. 240.

[25] Citado em Edward Colimore: "Papers reveal Nazi aim: End Christianity", *Philadelphia Inquirer* (January 9, 2002). http://inq.philly.com/content/inquirer/2002/01/09/f

[26] O relatório está disponível em www.camlaw.rutgers.edu/publications/law-religion/nuremberg/nurinst1.htm

[27] Robert Conquest fez uma importante resenha d e *The Great Terror*, utilizando evidências recentemente disponíveis da era *glasnost*: *The Great Terror*: A Reassessment (New York:

Oxford University Press, 1990). V. tb. Mark Kramer (org.), *The Black Book of Communism*: Crimes, Terror, Repression (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999).

[28] Lloyd Billingsley, *The Generation that Knew Not Josef* (Porland, OR: Multnomah Press, 1985), p. 37. Durante a era *glasnost*, o passado de Stálin foi literalmente escavado. "Uma comissão governamental descobriu que milhares de crânios e ossos enterrados em um cemitério fora de Kiev eram das vítimas mortas durante as repressões do ditador Yosef Stálin, e não pelos soldados nazistas, conforme relatara a agência de notícia do governo, Tass" ("Mass Grave Near Kiev Holds Stalin's Victims, Panel Says", *St. Louis Post-Dispatch* [March26, 1989]). Sob Stálin, "mais de 600 mil sentenças de morte" foram dadas e "pelo menos cinco milhões" de pessoas foram presas "nos piores anos, de 1937-1938. Ele destruiu crianças e velhos, pessoas desconhecidas e favoritos do partido (…). No campo, em 1932-

1933, 8 milhões de pessoas morreram de fome de acordo com a política de agricultura baseada no assassinato de *kulaks* (fazendeiros) ou apenas debilitando suas terras". (Peter Keresztes, "Murder of Millions", *The Wall Street Journal* [August 31, 1989], p. A13).

[29] Citado em Francis Nigel Lee, *Communist Eschatology*: A Christian Philosophical Analysis of the Post-Capitalistic Views of Marx, Engels and Lenin. Nutley, NJ: The Craig Press, 1974, p. 351.

[30] Citado em Lee, *Communist Eschatology*, p. 350.

[31] Malachi Martin, *The Keys of This Blood*: The Struggle of World Dominion Between Pope John II, Mikhail Gorbachev and the Capitalist West. New York: Simon and Schuster, 1990, p. 245.

[32] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 245.

[33] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 248.

[34] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 248.

[35] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 249.

[36] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 250.
[37] Patrick J. Buchanan, *Death of the West*: How Dying Populations and Immigrant Invasions Imperil Our Country and Civilization. New York: St. Martin's Press/Thomas Dunne Books, 2001, p. 77.
[38] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 251.
[39] V. Peter E. Gillquist, *Why We Haven't Changed the World* (Fleming H. Revell, 1982), p. 43.
[40] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 251.
[41] Martin, *The Keys of This Blood*, p. 251.
[42] V. Gary De Mar, "A Bright Responds" (August 16, 2006): http://americanvision.org/articlearchive/08-16-06.asp. V. tb. Regis Nicoll: "Putting on a 'Bright' face" (August 11, 2006): http://www.americanvision.org/articlearchive/08-11-06.asp
[43] O adjetivo "secular" vem do latim *saeculum*, que significa "tempo" ou "era". "Chamar alguém

de secular significa que ele é completamente vinculado ao seu tempo, um completo filho da sua era, uma criatura da história, sem nenhuma visão da eternidade. Incapaz de ver qualquer coisa sob a perspectiva da eternidade, ele não pode crer que Deus exista ou atue nos assuntos humanos" (James Hitchcock, *What is Secular Humanism?* [Ann Arbor, MI: Servant Publications, 1982], p. 10-1). Um secularista nega a revelação especial, não apenas o "absurdo" de Deus relacionar-se com o homem, mas a impossibilidade disto acontecer.

[44] Sobre o "mito da terra plana", v. Gary DeMar, *America's Christian History*: The Untold Story (Powder Springs, GA: American Vision, 1995), p. 221-34; Gary DeMar & Fred Douglas Young, *To Pledge Allegiance*: A New World in View (Atlanta, GA: American Vision, 1996), p. 75-82; Jeffrey Burton Russell, *Inventing the Flat Earth: Columbus and Modern Historians* (New York: Praeger, 1991). Este tópico será

tratado com mais detalhes no Capítulo 14.

[45] Daniel C. Dennett, *Darwin's Dangerous Idea*: Evolution and the Meaning of Life (New York: Simon and Schuster, 1995), p. 519.

[46] "'Homeschooling Illegal' Declares German School Official" (January 7, 2005): www.hslda.org/hs/international/Germany/2005011

[47] New York: Random House, 1980, p. 4.

[48] Sagan, *Cosmos*, p. 257.

[49] William R. Fix, *The Bone Peddlers*: Selling Evolution (New York: Macmillan Publishing Co., 1984), p. xxiv.

[50] Da apresentação televisiva de 13 horas de duração de *Cosmos*, transmitida no outono de 1980. Citado em Richard A. Baer Jr., "They *Are* Teaching Religion in the Public Schools", *Christianity Today* (February 17, 1984), p.12.

[51] Prebiótico significa "antes da vida". Refere-se à hipótese apresentada pelo cientista russo A. I. Oparin, que afirmou ter a vida se iniciado em um mar de substâncias químicas chamado *sopa*

prebiótica [N. do T.: *primordial* em português]. A ocorrência aleatória de substâncias e compostos químicos deu origem às moléculas. A teoria não explica de onde as substâncias e os compostos químicos vieram e como se organizaram em uma forma de vida complexa.

[52] Sagan, *Cosmos*, p. 5.

[53] Sagan, *Cosmos*, p. 30.

[54] Citado em Baer, "They *Are* Teaching Religion in the Public Schools", p. 13.

[55] Roy A. Clouser, *The Myth of Religious Neutrality*: An Essay on the Hidden Role of Religious Belief in Theories. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1991, p. 26-7.

[56] Robert L. Dabney, *Discussions*, 4 vol. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, [1987] 1979, vol. 4, p. 222-3.

[57] Citado em William J. Bennett, James Madison High School: *A Curriculum for American Students* (Washington, D.C.: United States Department of Education, 1987), p.1.

[58] Bruce N. Shortt, *The Harsh Truth About Public Schools* (Vallecito, CA: Chalcedon Foundation, 2004).

[59] Eleanor Smith, "The New Moral Classroom", *Psychology Today* (May 1989), p. 32. V. William Kilpatrick, *Why Jonhnny Can't Tell Right from Wrong*: Moral Illiteracy and the Case for Character Education (New York: Simon & Schuster, 1992).

[60] Smith, "The New Moral Classroom", p. 34.

[61] Citado em A. Marvyn Davies, *Foundation of American Freedom*: Calvinism in the Development of Democratic Thought and Action. Nashville, TN: Abingdon Press, 1955, p. 11.

[62] Carta a Lord Say and Seal, citada por Perry Miller & Thomas H. Johnson (orgs.), *The Puritans*: A Sourcebook of Their Writings, 2 vols. New York: Harper and Row, [1938] 1963, vol. 1, p. 209-10. V. tb. Edwin Powers, *Crime and Punishment in Early Massachusetts: 1620–1692* (Boston, MA: Beacon Press, 1966), p. 55.

[63] Citado em Jacob E. Cooke (org.), *The Federalist*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1961, p. 61.

[64] John Adams, citado por Gilbert Chinard, *Honest John Adams*. Boston, MA: Little, Brown and Co., [1933]1961, p. 241, em John Eidsmoe, "The Christian America Response to National Confessionalism", in Gary Scott Smith (org.), *God and Politics*: Four Views on the Reformation of Civil Government. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1989, p. 227-8.

[65] *The Church at the End of the Twentieth Century* (1970) in *The Complete Works of Francis A. Schaeffer*: A Christian Worldview, 5 vols. Westchester, IL: Crossway Books, 1982, vol. 4, p. 27.

[66] Schaeffer, *The Church at the End of the Twentieth Century*, vol. 4, p. 2.

[67] "International Law in American Courts", *The American Enterprise Institute* (February 21, 2006):

www.joink.com/homes/users/ninoville/aei2-21-06.asp.

[68] Gilbert T. Sewall, "The Triumph of Textbook Trendiness", *Wall Street Journal* (March 1, 1994), p. A14.

[69] Howard Fineman, "The Virtuecrats", *Newsweek* (June 13, 1994), p. 33.

[70] *The Atlanta Journal and Constitution* (November 28, 1986), p. 49A.

[71] Dan Goodgame, "The Chairman of Virtue Inc.", *Time* (September 16, 1996), p. 46-9.

[72] Ralph Reed, *Active Faith: How Christians are Changing the Soul of American Politics* (New York: Free Press, 1996), p. 263.

[73] P. 264-5.

[74] Henry F. May, *The Enlightenment in America*. New York: Oxford University Press, 1976, p. 32-3.

[75] *Is Public Education Necessary?* Greenwich, CT: Devin-Adair, 1981, p. 10.

[76] John T. McNeill, *The History and Character*

of Calvinism. New York: Oxford University Press, 1954, p. 196.

[77] David W. Hall, *The Genevan Reformation and the American Founding* (Laham, MD: Lexington Books, 2003).

[78] William C. Ringenberg, *The Christian College*: A History of Protestant Higher Education in America, 2. ed. Grand Rapids, MI: Baker, [1984] 2006, p. 38.

[79] "Advertisement on the Opening of Kings College", in Sol Cohen, org., *Education in the United States*: A Documentary History, 5 vols. New York: Random House, 1974, vol. 2, p. 675.

[80] "Advertisement on the Opening of Kings College", in Cohen, *Education in the United States,* vol. 2, p. 675.

[81] A imagem foi reproduzida em Gabriel Sivan, *The Bible and Civilization*. New York: Quadrangle/New York Times Book Co., 1973, p. 237.

[82]

www.cisl.columbia.edu/grads/tuku/research/figure

[83] Harry S. Stout, *The New England Soul*: Preaching and Religious Culture in Colonial New England. New York: Oxford University Press, 1986, p. 3.

[84] Ringenberg, *The Christian College*, p. 42.

[85] Kirk House, *God's Claims on Your Children* : Readings in the Last 2000 Years of Christian Education. Sterling, VA: GAM Printers, 1977, p. 61.

[86] Ringenberg, *The Christian College*, p. 46.

[87] *The Founding of Harvard College*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935, p. 29.

[88] Rodney Stark, *For the Glory of God*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003, p. 198-9.

[89] Nancy R. Pearcey & Charles B. Thaxton, *The Soul of Science*: Christian Faith and Natural Philosophy. Wheaton, IL: Crossway Books, 1994, p. 23-4.

[90] Pearcey and Thaxton, *The Soul of Science*, p. 24.

[91] James C. Dobson, *Children at Risk*, p. 27. Citado em Kingerly Blader, "The Perils of Fundamentalism and the Imperilment of Democracy", *The Fundamentals of Extremism*: The Christian Right in America. Kimberly Blader (org.) (New Boston, MI: New Boston Books, Inc., 2003), p. 7.

[92] Lance Morro, "The Search for Virtues", *Time* (March 7, 1994), p. 78.

[93] William J. Bennett, *O livro das virtudes* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995).

[94] Citado em Norman E. Harper, *Making Disciples*: The Challenge of Christian Education at the End of the 20th Century. Memphis, TN: Christian Studies Center, 1981, p. 5.

[95] William R. Fix, *The Bone Peddlers: Selling Evolution* (New York: Macmillan, 1984), p. xix.

[96] William H. Halverson, *A Concise Introduction to Philosophy*, 4. ed. New York:

McGraw-Hill, [1976] 1981, p. 414.

[97] George M. Marston, *The Voice of Authority*. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1960, p. xv.

[98] Doug Powell, *Holman Quick Source Guide to Christian Apologetics*. Nashville, TN: Holman Reference, 2006, chap. 14.

[99] João Calvino, citado em Wiliam J. Bouwsma, *John Calvin*: A Sixteenth Century Portrait. New York: Oxford University Press, 1988, p. 192.

[100] Johannes Kepler (1571-1630) escreveu: "Ó, Deus, estou pensando os teus pensamentos". Citado em Charles E. Hummel, *The Galileo Connection: Resolving Conflicts between Science and the Bible*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1986, p. 57. A cosmovisão de cristãos, humanistas, da Nova Era, socialistas e marxistas é construída sobre pressupostos religiosos. Para a apresentação do modelo de pressupostos, v. Gary DeMar, *Thinking Straight in a Crooked World*. Powder Springs, GA: American Vision, 2001 e

Gary DeMar (org.), *Pushing the Antithesis*: The Apologetic Methodology of Greg L. Bahnsen. Powder Springs, GA: American Vision, 2007.

[101] George Grant, *Bringing in the Sheaves*: Transforming Poverty into Productivity. Atlanta, GA: American Vision, 1985, p. 93. A cosmovisão cristã está sempre em guerra com todas as outras cosmovisões e suas implicações para a vida: "Joseph Fletcher descreve o choque dos sistemas de valores, ou mais simplesmente cosmovisões. Por um lado está uma visão 'simplista' que sustenta que 'viver e morrer está nas mãos de Deus e a vida pertence a Deus para dá-la ou tirá-la'. Do outro está a 'medicina humanista', com sua ética de responsabilidade, incluindo a 'responsabilidade pelo término da vida subumana em seres pós-humanos'" (James Manney, "Rationalizing Infanticide: Medical Ethics in the Eighties", Carl Horn [org.], *Whose Values?* The Battle for Morality in a Pluralistic America [Ann Harbor, MI: Servant Books, 1985], p. 102).

[102] *A instituição da religião cristã*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, Livro I, capítulo 6, seção 1.

[103] David Chilton, *Paradise Restored*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1985, p. 3-4.

[104] Chilton, *Paradise Restored*, p. 4.

[105] Albert M. Wolters, *Creation Regained*: Biblical Basics for a Reformational Workdview. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985, p. 54.

[106] Josef Ton, "The Cornerstone at the Crossroads", *Wheaton Alumni* (August/September 1991), p. 6-7.

[107] Para um estudo completo sobre escatologia (estudo das últimas coisas), v. Gary DeMar, *Last Days Madness*: Obsession of the Modern Church, 4. ed. Powder Springs, GA: American Vision, 1999. Para uma pesquisa sobre o assunto, v. Gary DeMar, *Jesus Virá em Breve?* (Brasília, DF: Editora Monergismo, 2009).

[108] Gregory Bateson, "The Oak Beams of New

College, Oxford", *The Next Whole Earth Catalog*, 2. ed. New York: Rand McNally, 1981, p. 77.

[109] Joseph McAuliffe, "Do Business Until I Return", *New Wine* (January 1982), p. 29.

[110] Gary North, *Unconditional Surrender*, 2. ed. Tyler, TX: Geneva Press, 1983, p. 214.

[111] Rousas J. Rushdoony, *The Philosophy of the Christian School Curriculum*. Vallecito, CA: Ross House Books, 1981, p. 142-3.

[112] A avaliação é feita em termos de categorias humanísticas.

[113] Ladd and Ferre, *This World* (Summer 1992), p. 86.

[114] Os professores da Westminster Shools, em Atlanta (Geórgia, EUA), não são credenciados pelo estado. Não é curioso que os professores de faculdades e universidades não sejam credenciados e, no entanto, ensinem a professores em formação, que deverão ser credenciados a fim de ensinarem em instituições do Estado?

[115] Joan Connell, "American Children are

Becoming Moral Illiterates", *Marietta Daily Journal* (October 11, 1990), p. 5B.

[116] www.thesmokinggun.com/archive/1124041declar1

[117] www.plannedparenthood.org/library/facts/Abstinen 01.html.

[118] A respeito da impossibilidade do fundamento neutro da matemática, v. Vern Poythress, "A Biblical View of Mathematics", *Foundations of Christian Scholarship*, Gary North (org.) (Vellecito, CA: Ross House Books, 1976), p. 159-88.

[119] James Nickel, *Mathematics*: Is God Silent? Vallecito, CA: Ross House Books, 1990.

[120] Samuel L. Blumenfeld, *Is Public Education Necessary?* (Old Greenwich, CT: The Devin-Adair Co., 1981).

[121] http://www.adorocinema.com/filmes/filme-14359/

[122] http://www.adorocinema.com/filmes/filme-

63964/

[123] Laura Diamond, "Mom: Ban Potter (Hogwarts and all)", *The Atlanta Journal-Constitution* (October 4, 2006), p. D8.

[124] Michael D. Lemonick e Andrea Dorfman, "What Makes Us Different?", *Time* (October 9, 2006), p. 46.

[125] Diance R. Stepp & Kristina Torres, "Cobb gives up on evolution book stickers", *The Atlanta Journal-Constitution* (December 20, 2006), A1, p.14.

[126] C. S. Lewis, *God in the Dock*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970, p. 52-3.

[127] Richard Dawkins, *River Out of Eden*. New York: Harper Collins, 1996, p. 133.

[128] John Hudson Tiner, *For Those Who Dare*: 101 Great Christians and How They Changed the World (Green Forest, AR: Master Books, 2002).

[129] Para uma discussão sobre a metodologia de Bacon, v. Del Ratzsch, *Science and Its Limits*: The Natural Science in Christian Perspective

(Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), p. 18-21.

[130] Rodney Stark, *For the Glory of God*: How Monotheism Led to Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003, p. 158.

[131] Stark, *For the Glory of God*, p. 158.

[132] "Evolution Critics Come Under Fire for Flaws in 'Intelligent Design'" (February 13, 2004), p. B1.

[133] Philip J. Sampson, *6 Modern Myths about Christianity and Western Civilization*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001, p. 62.

[134] William A. Dembski, "Foreword", in Benjamin Wiker, *Moral Darwinism*: How We Became Hedonists. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002, p. 10.

[135] Dembski, p. 11.

[136] Dembski, p. 12.

[137] Citado em Marvin Olasky e John Perry, *Monkey Business*: The True Story of the Scopes

Trial. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2005, p. 208.

[138] Citado em Mary MacDonald, "Evolution furor heats up", *The Atlanta Journal-Constitution* (January 31, 2003), p. A1.

[139] Carl Sagan, *Cosmos* (New York: Random House, 1980), p. 4.

[140] Stan and Jan Berenstain, *The Berenstain Bears in The Bears' Nature Guide: A Nature Walk Through Bear Country* (New York: Random House, 1975), [p. 6-7].

[141] "Fastback" designa o modelo em que a janela traseira é quase horizontal e paralela à cauda, formando um plano contínuo. [N. do R.]

[142] *Evolution and the Myth of Creationism*: A Basic Guide to the Facts in the Evolution Debate. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999, p. 118-9.

[143] *O relojoeiro cego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 18. (Grifos meus.)

[144] Wiker, *Moral Darwinism*, p. 21.

[145] Shawn Buckley, Letter to the Editor, "Darwinists' evil agendas dishonor scientist" (February 14, 2004), p. A13.
[146] John Leo, *When Rules Don't Count*, U.S. News & World Report (August 7, 2000).
[147] David Beale, *The Rise and Fall of Harvard (1636-1805)*, Detroit Baptist Seminary Journal (Fall 1998), p. 94.
[148] Samuel Eliot Morison, Three Centuries of Harvard: 1636-1936 (Cambridge: TheBelknap Press of Harvard University Press, 1964), p. 78.
[149] "A Moral Battleground, a Civil Discourse", USA Today (March 20, 2006), p. 15A.
[150] De A Rainha Africana (1951).
[151] An Oration on the Sublime Virtues of General George Washington. Boston: Young & Minns, 1800, p. 23.
[152] Jeff Nesmith, "Dieters' dream: Gene to control fat found", *Atlanta Constitution* (December 1, 1994), p. C1.
[153] Estes quatro exemplos foram retirados da

seção "Science News" do *Atlanta Journal-Constitution* (October 10, 2002), p. A9.

[154] Dennis Overbye, "Born to Raise Hell?", *Time* (February 21, de 1994), p. 76.

[155] Amanda Huted, "Gene variant could mean higher risk of heart attack", *Atlanta Journal/Constitution* (October 15, 1992), p. C3.

[156] "Gene discovery could lead to leukemia screening test", *Atlanta Journal/Constitution* (October 3, 1992), p. E8.

[157] Tim Friend, "Brain chemical may feed craving for fat", *USA Today* (October 29, 1992), p. 1A.

[158] Faye Flam, "Study: Reckles gambler, blame your brain", *The Atlanta Journal-Constitution* (March 22, 2002), p. A18.

[159] Dan Vergano, "Racism may have evolutionary link", *USA Today* (December 11, 2001), p. 11.

[160] Dan Vergano, "'Natural, biological' Theory of Rape Creates Instant Storms", *USA Today*

(January 28, 2000), p. 8D.
[161] Vergano, "'Natural, biological' theory of rape creates instant storms", p. 8D.
[162] Steven Pinker, "Are Your Genes to Blame?", *Time* (January 20, 2003), p. 99.
[163] Cristina Cardoze, "They're in love. They're gay. They're penguins… And they're not alone" (June 6, 2006): http://www.jrn.columbia.edu/studentwork/cns/2006-10/591.asp.
[164] http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3286721.stm.
[165] Theodore Dalrymple, "The Case for Cannibalism" (Jan. 5, 2005): http://www.city-journal.org/html/eon-01-05-04td.html.
[166] Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
[167] Geoff Tiballs, *The World's Greatest Hoaxes*: The Exploits of Ingenious Hoaxers, Cunning Imposters, and their Gullible Victims (New York: Barnes and Nobles, 2006).
[168] *The Museum of Hoaxes*: A Collection of

Pranks, Stunts, Deceptions, and Other Wonderful Stories Contrived for the Public from the Middle Ages to the New Millenium. New York: Dutton, 2002, p. 1.

[169] "Creio nisso por ser um absurdo" (*De Carne Christi* [5.4]).

[170] Jeffrey Burton Russell, *Inventing the Flat Earth*: Columbus and Modern Historians (New York: Praeger, 1991). V. tb. Thomas E. Woods Jr. "The Flat Earth Myths": www.lewrockwell.com/woods/woods46.html

[171] Marcia Dunn, "Moon Hoax claims hard to stomp out", *The Atlanta Journal-Constitution* (December 26, 2002), p. A6.

[172] David Ray Griffin, *Christian Faith and the Truth Behind 9/11*: A Call to Reflection and Action (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2006). Para uma resposta às afirmações de Griffin, v. http://mu-warrior.blogspot.com/2006/08/official-presbyterian-publisher-issues.html e o "Fact

Sheet" do National Institute of Standards and Technology: http://wtc.nist.gov/pubs/factsheets/faqs_8_2006.ht

[173] Walter Gratzer, *The Underground of Science*: Delusion, Self-Deception and Human Frailty (Oxford, New York: Oxford University Press, 2000), p. vii.

[174] http://wnd.com/images/evolvedrawing.jpg

[175] J. Assmusth and Ernest R. Hull, (India: Bombay Press, 1911). Até mesmo as biografias favoráveis ao evolucionismo de Haeckel admitem que algumas das suas pesquisas foram "desacreditadas", mas ainda assim "deram forma ao pensamento científico do período, incluindo as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud". Haeckel é descrito como "sempre descuidado em seus métodos, como se tivesse algum tipo de linha direta com a fonte da verdade evolucionista" (Richard Milner, "Haeckel, Ernst [1834-1919]", *The Encyclopedia of Evolution*: Humanity's Search for Its Origins [New York: Facts on File,

1990], p. 206).

[176] Jonathan Wells, *The Politically Incorrect Guide to Darwinism and Intelligent Design*. Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 2006, p. 28. V. tb. Jonathan Wells, *Icons of Evolution*: Science or Myth? (Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 2000).

[177] Rodney Stark, *For the Glory of God*: How Monotheism Led to Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003, p. 188.

[178] Isabella Sidgwick, "A Grandmother's Tales", *Macmillan's Magazine*, 78:468 (October 1898), 433-4. Citado em J. R. Lucas, "Wilberforce and Huxley: A Legendary Encounter" (1979): http://users.ox.ac.uk/~jrlucas/legend.html#r-3.

[179] Stark, *For the Glory of God*, p. 188.

[180] J. R. Lucas, "Wilberforce and Huxley". Citado em Stark, *For the Glory of God*, p. 189.

[181] Stark, *For the Glory of God,* p. 189.

[182] Citado em Patrick J. Michaels, *Meltdown*: The Predictable Distortion of Global Warming by Scientists, Politicians, and the Media. Washington, DC: Cato Institute, 2004, p. vii.

[183] Ruth Rubbard and Elijah Wald, *Exploring the Gene Myth*: How Genetic Information is Produced and Manipulated by Scientists, Physicians, Employers, Insurance Companies, Educators, and Law Enforcers. Boston: Beacon Press, 1993, p. xiii.

[184] Alexander Kohn, *False Prophets*: Fraud and Error in Science and Medicine (New York: Basil Blackwell), 1988. Quando o dr. Peter Duesberg, um professor de biologia molecular e celular da Universidade da Califórnia-Berkeley, sugeriu que "o HIV poderia não ser a causa da AIDS e que a AIDS poderia ser nada mais que uma coleção de doenças diagnosticadas como AIDS quando o HIV estivesse presente", ele "foi transformado em uma lepra científica, seus argumentos nunca receberam séria consideração" (Morris E. Chafetz,

Big Fat Liars: How Politicians, Corporations, and the Media Use Science and Statistics to Manipulate the Public [Nashville, TN: Nelson Current, 2005], p. 46).

[185] Martin Gardner, *Good, Bad and Bogus* (Buffalo, NY: Prometheus Books, 1981).

[186] David Stove, *Darwinian Fairytales*: Selfish Genes, Errs of Heredity, and Other Fables of Evolution (New York: Encounter Books, 2006).

[187] Chafetz, *Big Fat Liars*, p. 46.

[188] Citado em Joseph Mercola, *The Great Bird Flu Hoax* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2006), p. 44.

[189] Doug Trouten, "Attack of the Fifty-Foot Hoax", *Charisma* (April 1998), p. 68. Para uma história detalhada da suposta banição do FCC, ver http://www.snopes.com/politics/religion/fcc.asp.

[190] A petição é citada como RM-2493 e ainda circula, geralmente apresentando O'Hair como "O'Hare".

[191] David Murray, Joel Schwartz, and S. Robert

Lichter, *It Ain't Necessarily So*: How Media Make and Unmake the Scientific Picture of Reality (New York: Roman & Littlefield Publishers, 2001).

[192] Atribuída a Winston Churchill (1874-1965).

[193] Roy A. Clouser, *The Myth of Religious Neutrality*: An Essay on the Hidden Role of Religious Belief in Theories. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1991, p. 26-7.

[194] *Culture Wars*: The Struggle to Define America. New York: Basic Books, 1991, p. 225.

[195] Bernard Goldberg, *Bias*: CBS Insider Exposes How the Media Distor the News (Washington, D. C.: Regnery, 2002), p. 5.

[196] Citado por Edith Efron, "Why Speech on Television Is Not Really Free", *TV Guide* (April 11, 1964), p. 7. Citado em Colleen Cook, *All That Glitters*: A News-Person Explores the World of Television (Chicago: Moody Press, 1992), p. 32.

[197] *The Gospel According to the New York*

Times: How the World's Most Powerful News Organization Shapes Your Mind and Values. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2000, p. 11-2.

[198] *The Gospel According to the New York Times*, p. 31.

[199] "Progress Report: A Changing WORLD amid a subjective TIME", *World* (October 14, 2006), p. 40.

[200] Dinesh D'Souza. "Mr. Donaldson Goes to Washington", *Policy Review* (Summer 1986), p. 24-31. Citado em Marvin Olasky, *Prodigal Press*: The Anti-Christian Bias of the American News Media (Westchester, IL: Crossway Books, 1988), p. 59.

[201] *The Mind of God*: The Scientific Basis for a Rational World. New York: Simon & Schuster, 1992, p. 15.

[202] Mary MacDonald, "A textbook case in Cobb County", *Atlanta Journal-Constitution* (April 14, 2002), p. F1.

[203] "In the Mind of the Belholder", *Natural History* (February 1994), 103:14.

[204] Sylvester Petro, *The Kingsport Strike*. New Rochelle, NY: Arlington House, 1967, p. 27-8.

[205] V., p. ex., Rousas J. Rushdoony, *The Institutes of Biblical Law* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1973), p. 541; Russ Walton, *One Nation under God* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1987), p. 12; D. James Kennedy e Jerry Newcombe, *What If Jesus Had Never Been Born?* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1994), p. 71 [publicado em português com o título: *E se Jesus não tivesse nascido?* (São Paulo: Editora Vida, 2003)]; John H. Stormer, *Betrayed by the Bench: How Judge-Made Law Has Transformed America's Constitution, Courts and Culture* (Florissant, MO: Liberty Bell Press, 2005), p. 5.

[206] Foi o caso de William J. Federer em *The Ten Commandments and Their Influence on*

American Law: A Study in History (St. Louis, MO: Amerisearch, Inc., 2003) e em http://www.eppc.org/docLib/20050204_decalogue.

[207] *The Virginia Gazette* (September 18, 1779): http://www.loc.gov/loc/madison/hutson-paper.html

[208] http://www.jmu.edu/centennialcelebration/HU.shtr

[209] P. ex., W. David Stedman and LaVaughn G. Lewis, org., *Our Ageless Constitution*. Asheboro, NC: W. David Stedman Associates, 1987, p. 263.

[210] http://www.lib.ed.ac.uk/faqs/parqs.shtml#Aftytler2

[211] Carl Becker (1873–1945). Citado em David Hackett Fischer, *Historians' Fallacies*: Toward a Logic of Historical Thought. New York: Harper & Row, 1970, p.40.

[212] *Admiral of the Ocean Sea*: A Life of Christopher Columbus. Boston, MA: Little, Brown and Co., 1942, p. 89.

[213] P. ex., George Hutcheson, *An Exposition of*

the Book of Job (London: Gresham College, 1669).

[214] *The Remarkable Book of Job*: The Ancient Wisdom, Scientific Accuracy, and Life-Changing Message of an Amazing Book. Grand Rapids, Baker Book House, 1988, p. 48.

[215] Fischer, *Historians' Fallacies*, p. 136-7.

[216] Não existe nenhuma descrição melhor que o capítulo sobre "Os céus" na obra de C. S. Lewis, *The Discarded Image*: An Introduction to Medieval and Renaissance Literature (London: Cambridge University Press, 1964), cap. 5.

[217] *On the Revolutions*: Nicholas Copernicus' Complete Works, Edward Rosen (transl.). Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1978, vol. 1, p. 10.

[218] James B. Jordan, *Creation in Six Days*: A Defense of the Traditional Reading of Genesis One. Moscow, ID: Canon Press, 1999, p. 109.

[219] Paul F. Boller Jr., *Not So!* Popular Myths about America from Columbus to Clinton. New

York: Oxford University Press, 1995, p. 3-6.

[220] Mike Snider, "Bonding through DVD", *USA Today* (September 12, 2006), p. 2D.

[221] *Summer of the Gods*: The Scopes Trial and America's Continuing Debate over Science and Religion. New York: Basic Books, 1997, p. 241. Um resumo útil das diferenças entre o caso Scopes real e sua releitura fictícia em *Herdeiros do vento*, v. Carol Iannone, "The Truth About Inherit the Wind", *First Things 70* (February 1997), p. 28-33 e Marvin Olasky & John Perry, *Monkey Business*: The True Story of the Scopes Trial (Nashville, TN: Broadman & Holman, 2005).

[222] "Inherit the Wind", *Isis* 84:4 (December 1993), p. 764. Citado em Larson, *Summer of the Gods*, p. 242.

[223] Larson, *Summer of the Gods*, p. 244.

[224] *A Civic Biology*: Presented in Problems. New York: American Book, 1914, p. 194-6, 405. Citado em Larson, *Summer of the Gods*, p. 23-4.

[225] Philip J. Sampson, *6 Modern Myths About*

Christianity & Civilization. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001, p. 54-5.

[226] Hunter, *A Civic Biology*, p. 263.

[227] Hunter, *A Civic Biology*, p. 196.

[228] "The Influences of False Philosophies upon Character and Conduct", in *Discourses*. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1979, vol. 4, p. 574.

[229] F. W. Schnitzler, "Darwinian Violence", *Christianity and Society* 4:3 (July 1994), p. 28.

[230] Philip J. Sampson, *6 Modern Myths About Christianity and Western Civilization*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2001, p. 39.

[231] Frank Sanello, *Reel v. Real*: How Hollywood Turns Fact into Fiction (Lanham, MD:Taylor Trade Publishing, 2003) e Mark C. Carnes (org.), *Past Imperfect*: History According to the Movies (New York: Henry Holt and Company, 1995).

[232] L. Ethan Ellis, *40 Million School-Books Can't Be Wrong*: Myths in American History.

New York: Macmillan, 1975, p. 1.

[233] *The End of Faith*: Religion, Terror, and the Future of Reason (New York: W.W. Norton, 2005).

[234] Henry F. Schaefer III, "Science and Christianity: Conflict or Coherence?", *Reading God's World* : The Scientific Vocation. Angus J. L. Menuge (ed.). St. Louis, MO:Concordia Publishing House, 2004, p. 124-5.

[235] Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*, 2. ed. (Chicago: University of Chicago Press [1962] 1970). Para uma discussão sobre Kuhn, v. C. John Collins, Thomas Kuhn and Paradigms: A Review Essay", *Science and Faith*: Friends or Foes? Wheaton, IL: Crossway Books, 2006, p. 421-33. V. tb. Dale Ratzsch, *Science and Its Limits*: The Natural Sciences in Christian Perspective, 2. ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000, p. 38-62.

[236] Citado em J. H. Tiner, *Louis Pasteur—Founder of Modern Medicine*. Milford, MI: Mott

Media, 1990, p. 63.

[237] Ernst Haeckel, *The History of Creation*, E. Ray Lankester (transl.), 3. ed. (London: Kegan Paul, Trench & Co., 1883), vol. 1, p. 348.

[238] Citado em John Rendle-Short, *Green Eye of the Storm*. Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1998, p. 161.

[239] "Origin, Life and Evolution", *Scientific American* (1978). Citado em Joe White and Nicholas Comninellis, *Darwin's Demise*: Why Evolution Can't Take the Heat. Green Forest, AR: Master Books, 2001, p. 46. "A maioria dos biólogos modernos, tendo comentado com satisfação a queda da hipótese da geração espontânea, mas ainda indisposta a aceitar a crença alternativa na criação especial, ficou sem nada. […] Para criar um organismo são necessárias as substâncias corretas, nas proporções corretas e no arranjo correto. Não pensamos que nada mais seja necessário — mas isso já é um problema e tanto. Basta contemplar a

magnitude dessa tarefa para admitir que a geração espontânea de um organismo vivo é impossível. No entanto, resultados, creio eu, de geração espontânea". (George Ward, "The Origin of Life", *Scientific American* [August 1954], p. 45, 53. Citado por Bert Thompson, "The Mythology of Science: Spontaneous Generation" (3): www.apologeticspress.com/rr/reprints/Mythology-of-Science.pdf). No mesmo artigo, Wald escreveu: "Contamos essa história [sobre os experimentos de Pasteur] para estudantes de biologia iniciantes, como se ela representasse o triunfo da razão sobre o misticismo. Na verdade, é quase o oposto. A visão razoável seria acreditar na geração espontânea; a única alternativa, crer em um único ato primário de criação sobrenatural. Não existe terceira posição". (Citado em *Life*: Origin and Evolution, C. E. Folsome (org.) [San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1979]).

[240] Michael Behe, *A caixa preta de Darwin* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997).

[241] Werner Gitt, *In the Beginning was Information*: A Scientist Explains the Incredible Design of Nature. Green Forest, AR: Master Books, [2005] 2006, p. 99.

[242] Andrew Dickson White, *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*. New York: George Braziller, [1896] 1955, p. v-vi.

[243] Carl Sagan, *The Demon-Haunted World*: Science as a Candle in the Dark (New York: Random House, 1996).

[244] John William Draper, *History of the Conflict between Religion and Science*. New York: D. Appleton and Co., 1875, p. vi.

[245] Bob Unruh, "Congress slams Smithsonian's anti-religious attacks: Report documents 'invidious discrimination' in campaign against Darwin dissenters" (December 16, 2006): www.worldnetdaily.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=53400. O relatório de 29 páginas pode ser encontrado em

www.souder.house.gov/sitedirector/~files/Intolerar
[246] Jerome R. Corsi and Craig R. Smith, *Black Gold Stranglehold* (Nashville, TN: WND Books, 2005).
[247] Richard Lindsen, Climate of Fear: Global-Warming Alarmists Intimidate Dissenting Scientists into Silence", *The Wall Street Journal* (April 12, 2006): www.opinionjournal.com/extra/?id=110008220
[248] Deborah E. Lipstadt, *History on Trial*: My Day in Court with David Irving (New York: HarperCollins, 2005).
[249] Brendan O'Neill, "Global warming: the chilling effect on free speech" (October 6, 2006): www.spiked-online.com/index.php?/site/article/1782/
[250] Rodney Stark, *For the Glory of God*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003, p. 135-40.
[251] R. Hooykaas, *Religion and the Rise of Modern Science*. Grand Rapids, MI: Eerdmans,

1972, p. xiii.

[252] Nancy R. Pearcey e Charles B. Thaxton, *The Soul of Science*: Christian Faith and Natural Philosophy. Wheaton, IL: Crossway Books, 1994, p. 38.

[253] Pearcey and Thaxton, *The Soul of Science*, p. 39.

[254] Pearcey and Thaxton, *The Soul of Science*, p. 39.

[255] Citado em Mark A. Knoll, *The Scandal of the Evangelical Mind*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994, p. 45.

[256] Kenneth C. Davis, *Don't Know Much About the Universe*: Everything You Need to Know About the Cosmos but Never Learned. New York: HarperCollins, 2001, p. 14.

[257] Para uma discussão sobre a cosmologia de Aristóteles, v. Colin A. Ronan, *Science: Its History and Development among the World's Cultures*. New York: Facts on File Publications, 1982, p. 103-5 e Angus Armitage, *Copernicus*:

The Founder of Modern Astronomy. New York: Dorset Press, 1990, p. 27-8.

[258] Davis, *Don't Know Much About the Universe*, p. 14.

[259] *The Victory of Reason*: How Christianity Led to Freedom, Capitalism, and Western Success. New York: Random House, 2005, p. 14.